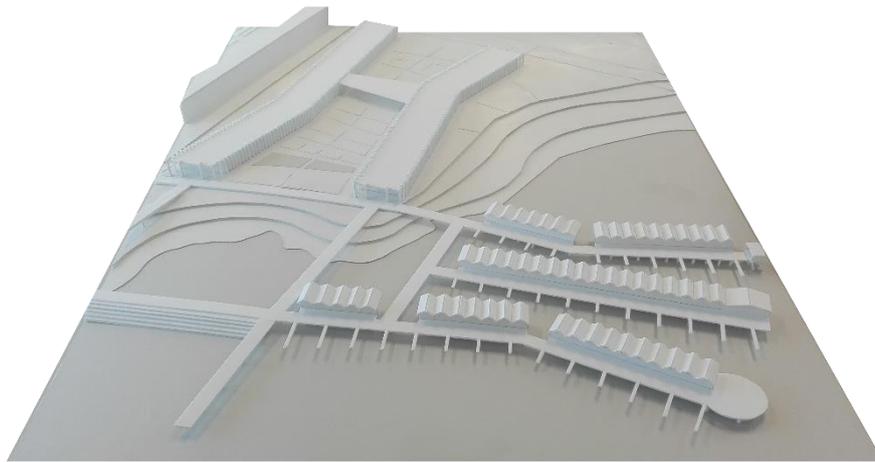


RIO, MEMÓRIA, CIDADE

Tradição e modernidade na revitalização da frente ribeirinha do Barreiro



Daniela Filipa dos Santos Parreirinha
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora: Margarida Louro

Professor Doutor: Francisco Oliveira

Júri:

Presidente: Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Arguente: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2017



RIO, MEMÓRIA, CIDADE

Tradição e modernidade na revitalização da frente ribeirinha do Barreiro

Daniela Filipa dos Santos Parreirinha
(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora: Margarida Louro

Professor Doutor: Francisco Oliveira

Júri:

Presidente: Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Arguente: Professor Doutor Ricardo Silva Pinto

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2017

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste projeto não teria sido possível sem o apoio e orientação de várias pessoas.

Gostaria, assim, de agradecer aos meus orientadores, Prof. Doutora Margarida Louro e Prof. Doutor Francisco Oliveira, pelo apoio incondicional, orientação, perseverança, disponibilidade e por toda a aprendizagem que me transmitiram.

Aos meus pais e irmão pelo esforço, luta e dedicação, por estarem sempre presentes em todas as fases. À minha família que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu própria não o conseguia.

Ao Rafael Carrilho pelo apoio fundamental dentro e fora da vida académica.

Ao departamento de Arquitetura da Câmara Municipal do Barreiro, pelas informações e desenhos técnicos da Cidade.

Aos pescadores do Barreiro, pela paciência e disponibilidade em transmitirem-me as suas memórias e conhecimentos sobre a sua profissão e local de trabalho.

Aos elementos dos desportos náuticos da CP, por terem partilhado as suas histórias, conhecimentos e desejos.

Por último gostaria de agradecer a todos os meus amigos e professores que me ajudaram a crescer e estiveram presentes durante estes cinco anos.

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma investigação teórico-reflexiva da cidade do Barreiro. Nesta cidade, ao longo do tempo, foram deixados espaços expectantes, residuais, chamados vazios urbanos. Estas zonas criam quebras na cidade mas ao mesmo tempo possibilitam uma enorme variedade de soluções e dinâmicas. É necessário compreender as suas desvantagens mas também as suas oportunidades.

O estudo das frentes ribeirinhas é muito importante devido à proximidade com o Tejo. A partir desta análise conseguimos apurar o que está errado, porque estes espaços foram levados ao abandono e descobrir casos de estudo de sucesso – que possibilitaram a aproximação entre a cidade e o rio.

As premissas na requalificação de qualquer espaço, porém, têm de assentar na memória. Projetar o novo mas não perder as origens é o fundamental na cidade contemporânea.

O grande foco desta proposta será projetar um novo núcleo desportivo e habitações/espacos de trabalho de pescadores que pescam nesta frente de rio. O principal objetivo é a integração entre os pescadores e o núcleo desportivo, pois têm uma relação de vizinhança muito próxima.

Pretendo através das memórias deste local, conseguir mudar o paradigma de cidade industrial, revitalizar a frente ribeirinha de forma a possibilitar o usufruto deste espaço por pessoas de várias gerações e classes sociais, possibilitar a aproximação da comunidade piscatória com a envolvente e resolver os seus problemas de carácter social e urbano.

Conceitos-Chave: Barreiro, Frentes Ribeirinhas, Tejo, Memória, Requalificar, Cidade-rio, Cidade-Viva, Comunidade Piscatória, Palafitas, Núcleo Desportivo.

ABSTRACT

The present work results of a theoretical-reflective investigation of the city of Barreiro. In this city, throughout time, some areas were left expectant, residual, which go by the name of urban voids. These areas create breaks in the city but, simultaneously, allow a huge variety of solutions and dynamics. It is necessary to understand not only their disadvantages but their opportunities as well. The premises in the requalification of any kind of space, though, must focus its memory. Projecting the new without losing track of the origins is crucial in any contemporaneous city.

The major focus of this proposal is to project a new sports recreative space and housing/work places for the fishermen, who work on the riverfront. The main goal is the integration between the fishermen and the members of the sports club, due to their proximity.

Through the memories of this place, I intend to change the paradigm of industrial city, reviving the riverfront allowing for people from different social status and generations to use this area, enabling a closer contact between de fishermen community and their environment, solving their social and urban problems.

Key words: Barreiro, Riverfront, Tejo, Memory, Requalify, River-Town, Living-Town, Fishermen Community, Stilts, Sports Recreative Space.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I. A FRENTE RIBEIRINHA . RELAÇÃO CIDADE-RIO	5
I.1. SÍNTESE – CAPÍTULO I	7
I.2. FRENTE RIBEIRINHAS CIDADES E RIOS	8
I.3. FRENTE RIBEIRINHAS RECUPERADAS CASOS DE SUCESSO	10
I.4. O ESTUÁRIO DO TEJO VIA DO TEJO	15
II. CONTEXTO HISTÓRICO	17
II.1. SÍNTESE - CAPÍTULO II	19
II.2. ORIGEM DO NOME BARREIRO	19
II.3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO	20
II.4. ÁREAS EXPECTANTES PATRIMÓNIO INDUSTRIAL	21
II.5. CARACTERIZAÇÃO ATUAL	22
II.6. ANÁLISE SWOT	28
III. A MEMÓRIA COMO POTENCIALIZADOR DE MUDANÇA	31
III.1. SÍNTESE - CAPÍTULO III	33
III.2. A MEMÓRIA	34
III.3. MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS NAVAIS	35
IV. PALAFITAS	39
IV.1. SÍNTESE - CAPÍTULO IV	41
IV.2. ÁGUA, CLIMA E DEFESA	41
IV.3. A ARQUITETURA DA ÁGUA MATERIAIS E FORMAS CONSTRUTIVAS	42
IV.4. CONJUNTOS URBANOS VIDA EM COMUNIDADE	43
IV.5. PALAFÍAS EM PORTUGAL	44
IV.6. DA ARQUITETURA VERNÁCULA À CONTEMPORÂNEA	45
V. CASOS DE REFERÊNCIA	47
V.1. SÍNTESE - CAPÍTULO V	49
V.2. FRENTE RIBEIRINHA, PÓVOA DE SANTA IRIA	49
V.3. ESTRUTURAS PALAFÍTICAS, CARRASQUEIRA	50
V.4. CAIS PALAFÍTICO DE ESCAROUPIM	51
V.5. PORTO DE ABERDEEN, HONG KONG	53
V.6. GUNNAR'S HOUSE, NORUEGA	53

VI. O PROJETO	55
VI.1. ENQUADRAMENTO GERAL SÍNTESE DO PROJETO	57
VI.2. PROJETO URBANO	59
VI.3. PROJETO DO NÚCLEO DESPORTIVO E HABITAÇÃO DE PESCADORES	72
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
VII.1. CONCLUSÃO	81
VIII. FONTES	83
VIII.1. BIBLIOGRAFIA	85
VIII.2. CRÉDITOS DE IMAGEM	88
XIX. ANEXOS	95
XIX.1. FOTOGRAFIAS DO LOCAL	97
XIX.2. ESBOÇOS	99
XIX.3. MAQUETES	103
XIX.4. APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL	111

INTRODUÇÃO

"You cannot simply put something new into a place. You have to absorb what you see around you, what exists on the land, and then use that knowledge along with contemporary thinking to interpret what you see"

Tadao Ando

Escolher realizar o projeto final de mestrado na cidade do Barreiro surgiu devido à necessidade de dar resposta à problemática proposta na disciplina de "Laboratório de projeto VI". Esta disciplina tinha como tema "Redesenhar e requalificar os vazios urbanos na cidade" e a área de intervenção era a cidade do Barreiro.

Desde o início do processo de trabalho, foi notório que embora a cidade tivesse inúmeros problemas, estes representavam um enorme potencial para requalificar e redesenhar o espaço público de modo a dar mais qualidade aos habitantes.

A cidade do Barreiro é conhecida pela sua forte componente industrial do passado. Albergou desde caminhos-de-ferro, a indústria corticeira, indústria química e uma central elétrica. A componente industrial também estava fortemente marcada devido à proximidade casa-fábrica. Existiam vários bairros de carácter fabril como por exemplo o bairro dos operários, o bairro ferroviário e o bairro operário da CUF. Embora o carácter de cidade industrial seja visto como um ponto negativo, para os habitantes do Barreiro era um dos pontos positivos pois as fábricas criavam mais dinâmicas, mais emprego e chamavam mais habitantes.

Com a desindustrialização, várias fábricas e indústrias da zona foram desativadas e os bairros operários perderam a vida que tinham. Porém, ainda hoje permanece grande parte da arquitetura e os espaços associados a estas atividades – deixando para trás terrenos expectantes e edifícios sem vida. Perderam-se então atividades económicas, dinamismo e pessoas, deixando para trás uma espécie de arquitetura industrial fantasmagórica. Muitos dos seus habitantes mudaram de cidade, a população envelheceu e em modo geral não há interesse/condições no Barreiro que captem a vinda de novas pessoas de faixa etária mais jovem para esta área.

Face à importante presença que o Rio Tejo exerce sobre esta zona e devido à proximidade com Lisboa e com a restante área metropolitana, o Barreiro, através das suas zonas expectantes, zonas naturais e zonas ribeirinhas, desperta grande interesse e potencialidade para um estudo aprofundado e uma intervenção urbanística. Embora

seja vista como uma cidade-dormitório, sem vida e sem interação entre os habitantes, o Barreiro tem fortes características que potencializam a mudança de paradigma pretendida.

Devido a todo o histórico desta cidade, foi fácil decidir continuar com o trabalho já iniciado na disciplina de "Laboratório de Arquitetura VI". Ao desenvolver uma análise SWOT do local, foram evidentes os pontos em que se deveria intervir de forma a qualificar o espaço público e privado.

Das diferentes zonas de intervenção, a área junto ao terminal fluvial do Barreiro foi a que despertou mais interesse. Esta é constituída para além do terminal, de uma antiga estação ferro-fluvial de grande interesse arquitetónico, edifícios desportivos da CP e habitações ilegais de pescadores. Toda esta área e edifícios têm um grande potencial para dinamizar a zona, desde que devidamente requalificados.

A área é situada perto do rio Coia e tem contacto com o Tejo. As suas vistas são uma das maiores qualidades e oportunidades, mas infelizmente é um espaço só de passagem, não de permanência e contemplação.

Com o devido planeamento e reestruturação do território pretendo que estes espaços ganhem novas dinâmicas e que se conectem entre si, de modo a ganharem vida e que contribuam para o aumento da qualidade de vida dos habitantes do Barreiro. Dentro da área escolhida para intervir, os edifícios que me causaram mais interesse foram os edifícios da CP e dos pescadores, não por terem um grande valor arquitetónico mas porque despertaram mais problemáticas desde o início.

A relação entre as duas entidades não é a melhor pois os pescadores estão alojados no terreno da CP, ilegalmente. Os elementos da CP por seu lado querem aumentar as suas instalações desportivas e necessitam do espaço que lhes pertence.

A grande inquietação neste trabalho foi como solucionar os problemas das duas entidades para que nenhuma das partes ficasse lesada com esta nova intervenção. A solução que pretendo consiste em projetar um maior centro desportivo e edificar as habitações dos pescadores numa lógica palafítica, para dentro do rio, remetendo à construção de cais palafíticos e arquitetura vernácula.

Os desportos náuticos da CP necessitam de aumentar as suas instalações pois o número de alunos inscritos nos desportos náuticos é elevado e necessitam de mais espaço útil

para estas atividades. A CP também detém outro centro desportivo onde são praticados outros desportos, mas este edifício não está localizado na proximidade dos desportos náuticos. Depois de uma análise in-situ e conversa com os elementos da CP, estes manifestaram a vontade de transferirem a outra sede de desportos para junto da atual sede de desportos náuticos, ou seja, desejam aumentar as suas instalações e alojarem-se na mesma área.

A ideia do projeto é desenhar um centro desportivo unido que através do edifício construído consiga criar tantos espaços para os estudantes e empregados do estabelecimento como espaços públicos para toda a população – espaços de lazer, contemplação e usufruto. Também os pescadores estão inerentes nesta lógica pois o objetivo é conectar o edifício com o cais dos pescadores e conseqüentemente com a população. Este cais será projetado com base nas memórias, dando grande importância às memórias dos pescadores e da história do local.

A FRENTE RIBEIRINHA . RELAÇÃO CIDADE-RIO

CAPÍTULO I

I.1. SÍNTESE – CAPÍTULO I

As frentes ribeirinhas, são sempre zonas que sendo bem aproveitadas, estabelecem uma enorme relação entre cidade-rio. *“Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante no meio-ambiente”* (CULLEN, 1983 p. 10).

No caso da frente ribeirinha do Barreiro, a relação cidade-rio é muito fraca, há um enorme desaproveitamento da potencialidade destes espaços. Estas áreas têm já por si uma vantagem, o elemento água. São zonas que bem aproveitadas podem tornar-se espaços coletivos vivos, onde a população disfrute desde o carácter natural, aos espaços de lazer e equipamentos, uma lógica de frente ribeirinha viva. *“Concebo a arquitetura em sentido positivo (...) ela é, por natureza, coletiva”* (ROSSI, 2001, p.31).

A localização da indústria química no Barreiro foi estabelecida junto ao rio devido à facilidade de transporte e de escoamento dos produtos e matérias-primas. Com o sucessivo crescimento desta indústria, a sua ocupação junto ao rio continuou a aumentar também. Devido à crise da segunda metade do século XX muitas indústrias em Portugal acabaram (caso da Quimigal) e muitas abandonaram os centros das cidades. Devido a este fenómeno o parque Quimigal foi inativo e abandonado, onde hoje só estão ativas pequenas indústrias. Desta forma o Barreiro permanece até hoje com grandes áreas inativas, numa das melhores localizações possíveis de qualquer cidade, a frente ribeirinha.

A relação entre cidade-rio no Barreiro é muito fraca e não só devido às indústrias. Também a frente ribeirinha a Norte, junto ao parque Quimigal, é caracterizada por ser muito fechada e com elementos arbóreos de grande dimensão que cortam a relação direta de vistas. Na zona natural da Alburrica e junto ao terminal fluvial existe um enorme potencial, tanto em relação a vistas (rio Tejo, Lisboa, relação cidade-rio), como em termos morfológicos, mas estas singularidades da área não são aproveitadas.

É necessário intervir nestes locais, devolvê-los às pessoas de forma a poderem usufruir de uma das mais bonitas zonas do Barreiro. Com a mudança destas áreas, o paradigma de cidade industrial abandonada é completamente alterado.

I.2. FRENTES RIBEIRINHAS | CIDADES E RIOS

“O rio constitui uma paisagem natural e cultural que tem servido de referência para o homem ao longo de toda a sua existência. Como fonte de água, elemento vital e indispensável, como meio de comunicação e circulação, como marco territorial que percorre e estrutura o espaço, como inspiração de poetas e pintores, múltiplas são as dimensões que representam para a sociedade esses elementos simultaneamente tão singulares que percorrem as paisagens de todo o mundo” (SARAIVA, 1999, p.1).

A relação entre cidades e rios têm uma longa história, cujas origens se cruzam. A localização das cidades era determinada pelos rios pois destes retirava-se recursos necessários à sobrevivência. A partir dos rios era estabelecido relações de comunicação, comércio, defesa e sobretudo eram imprescindíveis para a obtenção de água doce, de consumo e para a agricultura.

As cidades foram posteriormente evoluindo segundo os rios e através desta relação foram desenvolvendo características singulares - paisagens únicas, arquitetura e cultura identitária. No Império Romano a paisagem junto aos rios foi alterada devido à construção de aquedutos, diques e canais, conferindo um diferente tipo de arquitetura e singularidade para estas zonas.

Quando a agricultura deixou de ser a atividade económica principal e os transportes fluviais deixam de ser os principais meios de transporte devido às comunicações rodoviárias, ferroviárias e aéreas, os rios perderam a sua função determinante na cidade e tornaram-se lugares devolutos, usados principalmente pela atividade industrial.

Com a crise industrial, muitas das fábricas localizadas perto dos rios foram desativadas e deixaram um rasto de instalações devolutas e espaços baldios (vazios urbanos), contribuindo ainda mais para a desarticulação entre cidade e o rio.

As áreas devolutas por um lado podem ser entendidas como zonas pobres em interação mas por outro lado podem e devem ser vistas como áreas com imensas potencialidades de reutilização e reestruturação, onde se possibilita o desenvolvimento da criatividade.

O começo dos programas da regeneração urbana das frentes ribeirinhas, teve início a partir da segunda metade do século XX. Através dos exemplos de sucesso destas práticas, começou-se a perceber a importância destas frentes, o que inspira cada vez mais cidades por todo o mundo a mudarem o paradigma de frentes ribeirinhas devolutas para frentes ribeirinhas cuidadas, de usufruto. Atualmente reconhece-se que uma boa relação cidade-rio é imprescindível para melhorar a qualidade de vida urbana – desenvolve potenciais ambientais, ecológicos, económicos e sociais.

Na Europa e nos Estados Unidos, há vários exemplos de boas práticas de regeneração de frentes ribeirinhas, como é o caso de Lisboa (Expo'98), Barcelona, Londres, Liverpool, Génova, Nova Iorque, Boston, São Francisco, entre outras.

Como conclusão, ao longo dos séculos, o "convívio" entre as cidades e os rios, nem sempre foi pacífica. Enquanto hoje os rios são vistos como pontos de interesse e de oportunidade, outrora eram receados e temidos. Existiram portanto ao longo dos anos diferentes fases da relação cidade-rio, consequentemente:

-Fase de respeito e temor: Quando os rios eram vistos como fonte essencial da vida, com características míticas e simbólicas mas ao mesmo tempo perigosos, incontrolláveis, devido às cheias.

-Fase harmonia: Quando os rios começaram a ser vistos como localizações estratégicas e consequentemente como oportunidade de exploração (água, energia hidráulica, recursos piscatórios, vegetação). Foi o começo da fase da convivência passiva com o rio, onde eram contempladas e privilegiadas as paisagens derivadas destes.

-Fase do controlo: Quando os humanos começaram a utilizar a força das correntes dos rios para os seus próprios usos e atividades.

-Fase de deterioração: Processo de degradação devido ao desenvolvimento urbano e industrial. Os rios começam a ser recetores de esgotos e resíduos, contruindo para níveis elevados de poluição nas águas.

-Fase de recuperação: Encontramo-nos atualmente nesta fase, em que começamos a perceber o valor dos rios nas cidades, dando benefícios ambientais, sociais, culturais e económicos. Rios limpos e zonas evolventes cuidadas promovem áreas vivas de usufruto, promovendo a própria cidade.



[1] Frente rio, Londres, 1920



[2] Frente rio atualmente, Londres

I.3. FRENTES RIBEIRINHAS RECUPERADAS | CASOS DE SUCESSO

No decorrer desta investigação, constatou-se que a recuperação das frentes ribeirinhas é atualmente vista como um processo de grande importância, que trás melhorias sociais, económicas e ambientais às cidades. Devido a vários exemplos de sucesso de recuperação destas frentes de rio, este processo de melhoria tornou-se muito recorrente, inspirando várias outras cidades.

Apresentam-se de seguida casos de estudo de regeneração urbana de frentes ribeirinhas, que possibilitaram um grande desenvolvimento das cidades e onde foi possível promover uma aproximação entre as cidades e os rios, de forma a melhorar a qualidade de vida dos habitantes. Os casos de referência escolhidos localizam-se em Lisboa, Barcelona, Liverpool e São Francisco.

LISBOA

A zona ribeirinha oriental de Lisboa antes da intervenção realizada para acolher a Expo 98, era considerada uma área danificada, devoluta e poluída. Esta área era caracterizada por possuir várias instalações industriais arcaicas, armazéns, depósitos petrolíferos, matadouros e lixeiras. Era, no fundo, um espaço degradado, situado na capital, que em vez de ser um local valorizado pela sua proximidade com o rio Tejo, era um local de implantação de indústrias poluentes.

Com a escolha de Lisboa para cidade anfitriã da Expo 98, em 1992, a zona oriental foi eleita para albergar este evento. Devido à Expo, foi necessário regenerar e reestruturar esta área, o que possibilitou a definição de um plano estratégico para requalificar esta zona, de forma a melhorar a qualidade urbana, ambiental, cultural e social, criando uma nova área central em Lisboa.

A câmara de Lisboa e Loures, juntamente com o Estado Português, uniram-se para regenerar a zona oriental. O projeto para esta área teve a autoria dos arquitetos Manuel Salgado e Vassalo Rosa. As premissas do projeto assentaram na construção de espaço urbano, público e verde de qualidade, com pavilhões de exposição, áreas residenciais, zonas de tráfego pedonal e rodoviário, locais de estacionamento e várias infraestruturas como a criação de vários interfaces de transportes.

Com esta regeneração, a zona oriental passou de uma área industrial degradada para uma área urbana qualificada. A zona ribeirinha foi integrada na cidade, o tecido urbano cuidadosamente projetado, o valor paisagístico valorizado e foram incluídos vários edifícios de usos variados, para tornar a zona oriental numa área viva, de

multifusos. Onde anteriormente poucos queriam investir e habitar, tornou-se num local cobiçado, em crescimento, que abriga atualmente várias áreas residenciais, comerciais e de serviços, criando muitos postos de trabalho.



[3] Zona Oriental, Lisboa



[4] Zona Oriental, Lisboa

BARCELONA

O processo de industrialização trouxe a Barcelona aspetos positivos mas consecutivamente outros muito negativos. Provocou uma forte segregação entre o centro urbano e a frente ribeirinha.

A industrialização trouxe caminhos-de-ferro, armazéns e portos industriais, o que trouxe grande desenvolvimento para a cidade até meados do século XX. Devido às duas guerras sofridas, a crise de 1929 e a guerra civil espanhola, o porto entrou numa fase de pouco crescimento e investimento.

A partir dos anos 50 do século XX, o porto de Barcelona encontrava-se num grande estado de degradação, devido à evolução tecnológica, que o porto de Vell não conseguiu acompanhar. Consequentemente foi construído um novo porto, maior e tecnologicamente mais moderno, junto à montanha de Montjuic.

Desta forma a área do antigo porto de Vell transformou-se num vazio urbano, poluído e sem qualquer qualidade de vida. Devido à falta de usos e atratividade desta zona, o porto foi visto como uma área que necessitava urgentemente de regeneração, possibilitando assim a formulação de novos usos de lazer e turismo.

Esta regeneração tomou impulso devido à cidade de Barcelona ter sido escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de 1992, o que possibilitou a reaproximação da relação entre a cidade e o rio, até então perdida.

Em 1971, foi proposto um concurso para regenerar a frente ribeirinha e o porto, designado "Laboratório de Urbanismo" que foi ganho pelo arquiteto Solá-Morales. Este

programa tinha como premissas o desenvolvimento urbano, social e económico, preservando a história.

Solá-Morales decidiu intervir em diferentes zonas: O Passeig de Colom e Moll de Fusta, a frente portuária e ribeirinha de Barceloneta e a área de Poble Nau.

No Passeig de Colom e Moll de Fusta melhorou-se a acessibilidade entre a cidade e o rio, que foi obtida pela criação de uma zona de tráfego viário e outra para tráfego pedonal. A maioria do espaço foi utilizado para uso público, cultural e recreativo e as instalações existentes foram adaptadas para criar terminais portuários de passageiros.

A frente portuária de Barceloneta foi regenerada e as instalações portuárias mudaram de uso, readaptadas para edifícios administrativos.

A frente ribeirinha de Barceloneta foi melhorada, valorizando o espaço público, sendo a marina e a praia o foco desta regeneração.

Por fim, a zona de Poble Nou foi escolhida para ser a área da vila olímpica de 1992.



[5] Frente ribeirinha de Barceloneta



[6] Passeig de Colom

LIVERPOOL

Em 1972 a doca de Liverpool (Albert Dock), foi usada pela última vez desde 1846 (data oficial de abertura). A doca foi projetada pelo arquiteto e engenheiro Jesse Hartley e foi considerada como o primeiro sistema de armazém de doca não combustível no mundo.

Vista como uma doca revolucionária e inovadora, sofreu um forte declínio no século XX devido à alteração das condições económicas, políticas, sociais e culturais, o que fez com que a doca, aos poucos, se transformasse num vazio urbano.

O estado Inglês e o concelho municipal de Liverpool no entanto viram a grande oportunidade de mudança no paradigma desta doca e iniram-se para iniciar um

processo de reabilitação da doca, com o intuito de estabelecer uma relação entre a cidade e o seu porto. Em 1982 foi o ano do início do projeto de reabilitação, que ficou concluído em 1984.

A regeneração deste porto consistiu na readaptação dos edifícios da antiga doca, de forma a melhorar as instalações e a alterar os seus usos anteriores para usos mais atuais, de ligação direta com a população.

Desta forma a doca foi regenerada e foram implementadas áreas de comércio, lazer, equipamentos culturais, recreativos e empresariais. As áreas degradadas foram demolidas e os edifícios com interesse arquitetónico foram mantidos e reabilitados, o que tornou esta doca (outrora degradada), num ponto de referência na cidade, estabelecendo uma forte relação entre o centro da cidade e a frente ribeirinha.



[7] Vista aérea das docas, Liverpool



[8] Albert dock, Liverpool

SÃO FRANCISCO

O caso de estudo de São Francisco, nos Estados Unidos da América, surge como um exemplo de como é possível aproximar a população das frentes portuárias e industriais, que se localizam perto dos centros históricos.

A cidade de São Francisco, fundada no século XVIII, é caracterizada por estar junto a uma grande superfície de água, a Baía do São Francisco, que possibilitou a criação de um dos primeiros portos industriais.

Similar aos casos anteriores, também o porto de São Francisco teve uma grande importância na cidade. Foram construídos junto à Baía aterros, que foram sucessivamente conquistando terreno ao mar. No entanto, a área que possibilitou a criação da zona portuária começou a degradar-se e a perder a importância que tinha até então. Com a modernização, os navios começaram a ser cada vez maiores e as

águas da Baía, pouco profundas, não tiveram condições para que houvesse o atraque destes grandes navios de contentores.

Contudo, apesar do declínio desta área, São Francisco continuou a ser o centro da metrópole, que se desenvolveu a seu redor. Esta área começou a ser regenerada e partir do final dos anos 50.

A transformação consistiu em fazer zonas de espaço público, com vistas para a Baía. A reabilitação dos antigos cais também foi muito importante, pois trouxe vida para o local, as instalações foram ocupadas por vários usos como restauração, comércio e estabelecimentos turísticos. Foram demolidas algumas áreas degradadas e introduziram-se novos usos culturais, ambientais e recreativos.

Após o terramoto de 17 de Outubro de 1989, terramoto Loma Prieta, que provocou vários estragos na cidade, a auto-estrada que estabelecia uma enorme barreira física entre a cidade e a Baía foi parcialmente destruída.

Devido aos grandes estragos, a auto-estrada em vez de ser reconstruída, foi desmantelada e foi possível regenerar mais uma vez a frente marítima, pois sem esta quebra a população pôde usufruir mais facilmente da frente marítima anteriormente regenerada.



[9] Frente ribeirinha de São Francisco



[10] Ponte São Francisco

I.4. O ESTUÁRIO DO TEJO | VIA DO TEJO

“O estuário do Tejo tem um papel fundamental do ponto de vista ecológico e económico, uma vez que nele se concentra todo o material biológico arrastado ao longo do curso do rio, o que transforma o estuário numa zona extremamente rica em seres vivos e de importância fundamental no povoamento da costa marítima.

O valor biológico do estuário traduz-se na produção de nutrientes minerais e orgânicos de que depende grande parte da vida nas águas adjacentes, estuariais e costeiras; na assimilação de detritos resultante da sua capacidade de autodepuração, por tratamento terciário, que atua na remoção e reciclagem de nutrientes inorgânicos; na manutenção dos ciclos do azoto e do enxofre.” *Em DL n.º 565/76, de 19 de julho.*

O rio Tejo nasce na serra de Albarracín, a mais de 1.600 metros de altitude, na zona mais montanhosa que marca os limites das províncias de Guadalajara, Cuenca e Teruel.

No início, a convivência entre o rio e os habitantes das margens não era pacífica, este era visto como uma grande barreira física ao desenvolvimento mas com o passar dos anos reconheceu-se que o rio trás imensas oportunidades para as comunidades próximas. Outro dos períodos de quebra de relação entre a cidade e o Tejo foi o período de industrialização, onde foram construídas indústrias perto do rio. A localização perto do Tejo facilitava o transporte da matéria-prima e do produto final, mas também poluía as águas do rio e afastava os habitantes e turistas das margens.

Atualmente o rio é visto como elemento conetor entre as margens, potencializador de mudanças e criador de oportunidades. O Tejo é caracterizado por possuir águas estuarinas, mouchões e salinas, favorecendo os terrenos agrícolas, os solos dos arrozais, a fabricação do sal, a atividade piscatória, os meios de transporte e a economia nacional. No fundo é uma fonte de progresso que se torna cada vez mais vigorosa à medida que se aproxima do estuário.

O estuário do Tejo abrange uma área de 14.416,14 hectares e destaca-se por ter um ecossistema vivo e dinâmico, que garante uma identidade singular. É uma das zonas mais extensas e húmidas da Europa, caracterizada por possuir uma grande variedade de habitats e ser uma das maiores dimensões contínuas de sapal.

As margens do estuário são ricas em poliquetas, moluscos, crustáceos, espécies tipicamente estuarinas (caboz-de-areia e camarão-mouro), peixes marinhos (linguado e robalo) e peixes migradores (enguia, lampreia e savelha), devido a ser uma zona de transição entre o meio marítimo e o fluvial. A avifauna aquática, no entanto é o que confere uma grande importância ao estuário do Tejo devido aos efetivos de espécies

invernaentes que chegam a alcançar cerca de 120.000 indivíduos. Invernam 10.000 anatódeos e 50.000 limícolas onde o alfaiate obtém um grande destaque (representa cerca de 25% da população invernaente na Europa).



[11] Salinas



[12] Campos de Arroz



[13] Construções palafíticas



[14] Praia fluvial



[15] Flamingos



[16] Aves do Estuário do Tejo

CONTEXTO HISTÓRICO

CAPÍTULO II

II.1. SÍNTESE – CAPÍTULO II

A história do Barreiro é rica e vasca. Esta cidade passou por várias fases históricas ao longo dos tempos, desde a pré-história até aos dias de hoje.

As fases mais importantes foram a ocupação que se deu primeiramente na Pré-História (povoado Neolítico da ponta da passadeira), os Descobrimentos, a Proto-Industrialização, a Revolução Industrial e a Desindustrialização. Todos estes períodos foram essenciais para caracterizar o Barreiro como ele é hoje.

Esta cidade é notória por possuir património ambiental, cultural e arquitetónico muito importante. Embora o Barreiro seja caracterizado por ser uma cidade com vários problemas urbanos, que sofreu com o período da desindustrialização, existem imensas riquezas na sua área, que possibilitam a reestruturação da cidade, de forma a ganhar vida e dinâmica.

Através de uma análise histórica, é possível descobrir as fraquezas e ameaças desta cidade mas também as forças e oportunidades. Desta forma temos pleno conhecimento das necessidades do Barreiro e posteriormente será possível intervir com sucesso.

II.2. ORIGEM DO NOME BARREIRO

Não se sabe ao certo a verdadeira origem do nome dado a esta cidade, Barreiro. Uma das teorias baseia-se na ideia que o nome desta cidade surgiu devido aos primitivos habitantes desta margem sul do Tejo, pescadores oriundos do Algarve, que vieram à procura de melhor qualidade de vida, devido à boa localização que este território tinha em relação a Lisboa. A proximidade com Lisboa trazia a oportunidade para venderem o peixe nos mercados da capital.

Segundo esta teoria, o nome deriva destes trabalhadores pescarem na zona da barra do Tejo. Chamavam-lhes "Barreiros" por exercerem a sua atividade piscatória neste local e desta forma surgiu o nome "Barreiro", local onde viviam. Esta teoria não é muito credível pois muitos pescadores de outros locais também pescavam nesta área e acreditava-se que antes destes pescadores, vindos do Algarve migrarem para o Barreiro, este já era povoado, tendo o mesmo nome.

A teoria mais credível assenta na ideia que o Barreiro tirou o seu nome de algo que fosse próprio da constituição do local, por exemplo o solo.

O Barreiro possui parte do subsolo com zonas de massas argilo-siliciosas (barros mais grosseiros), zonas saibreiras (argila e areia) e zonas barrentas, cobertas de leves

camadas de terra agricultável. Nesta teoria, acredita-se que o nome deriva diretamente do barro.

Numa povoação também chamada Barreiro (situada no concelho de Tondela), o seu nome deriva do facto de existirem junto da povoação extensos "barreiros" (de onde sai o barro), para o fabrico de diversos tipos de cerâmicos.

II.3. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A cidade do Barreiro teve origem numa aldeia ribeirinha em que a população desempenhava na sua maioria a atividade piscatória na barra do Tejo. Para além da pesca a população também estava muito ligada à agricultura, extração de sal, moagem, cultivo de vinha e abate de lenha.

O Barreiro era delimitado durante os séculos XIII/XV, a este por Alcochete e a oeste pela ribeira de Coina, desenvolvendo-se segundo uma dispersão de quintas e casais.

A cidade foi-se desenvolvendo e ganhando importância ao longo dos séculos pois oferecia recursos (peixe, vinho, madeira, sal, farinha, cereais, trigo) que satisfaziam as necessidades da capital.

Em 1521 o Barreiro foi considerado vila. Na época dos descobrimentos teve um papel muito importante no fornecimento de madeira e na produção de biscoitos que forneciam as naus.

Em 1855 devido à extinção de alguns concelhos, o Barreiro aumentou o seu território com a junção das freguesias de Palhais e do Lavradio. Com a construção das linhas férreas até Vendas Novas e até Setúbal, em 1861, o Barreiro começou a ganhar mais importância. Estas linhas férreas e a instalação de fábricas de cortiça, impulsionaram a industrialização no Barreiro, que aos poucos foi perdendo o seu carácter piscatório.

No ano de 1906, através dos caminhos de ferro-sul-e-sueste, o Barreiro tornou-se o principal eixo ferroviário central a unir o Norte e o Sul. Devido às ligações ferroviárias existentes, desenvolveu-se e atraiu várias indústrias como por exemplo o complexo industrial fabril da CUF (companhia união fabril).

Com estes acontecimentos o Barreiro começa a crescer, tornando-se uma vila industrial e operária. Este crescimento industrial levou a que muitas pessoas, provenientes do Alentejo e do Algarve, viessem para o Barreiro, à procura de trabalho na indústria. Devido a esta grande afluência de trabalhadores, foi necessário criar bairros operários para estas famílias habitarem. Também nos concelhos vizinhos foi necessário criar

aglomerados habitacionais pois a indústria do Barreiro dava muitos postos de trabalho. Em 1984, com o crescimento social, económico e urbano, o Barreiro transforma-se rapidamente numa cidade.

Devido ao tipo de indústrias intensivas implementadas na cidade (metalúrgicas e químicas), o desenvolvimento urbano, social, ambiental e cultural foi estagnado. O que era visto como um desenvolvimento bom para a cidade, com o tempo criou problemas para a mesma.

Com a crise dos mercados, devido aos progressos no processo de produção e com a necessidade das fábricas necessitarem de aplicar restrições na produção devido às preocupações com o ambiente, várias indústrias foram encerradas, ficando só fisicamente o edificado na cidade.

Atualmente a nível ambiental estão implementadas estações de tratamento de águas residuais, o que tem impacto direto na melhoria da qualidade da água e dos elementos do estuário. O Barreiro é caracterizado por ter uma forte história piscatória e industrial, mantendo várias pré-existências desse período e por ser um aglomerado urbano que tem uma relação de grande proximidade com Lisboa.

II.4. ÁREAS EXPECTANTES | PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

As áreas expectantes do Barreiro foram uma das consequências da desindustrialização. Devido a este fenómeno, formaram-se vazios urbanos, edifícios ao abandono e o progressivo decréscimo da população. Muitos destes espaços estão ao abandono e há muito tempo que aguardam que sejam recuperados e que desempenhem um papel mais ativo na cidade.

Com a desindustrialização a cidade começou a crescer para a sua periferia, mas no centro estas áreas expectantes continuam inalteradas, sem intervenção alguma. Hoje em dia, compreende-se que um dos objetivos principais para requalificar o Barreiro passa por recuperar o centro histórico, de forma a trazer pessoas novamente para o centro da cidade.

O património industrial, neste caso de carácter devoluto, tem vindo cada vez mais a ganhar vida. O que antes era considerado para demolição, agora a solução passa por aproveitar estes espaços de carácter identitário e restaurá-los, dando-lhes um novo uso, ou uma nova dinâmica. As cidades que foram fortemente marcadas pela atividade industrial, como o Barreiro, embora possuam graves problemas de edifícios ao

abandono, espaços expectantes, zonas sem vida e outros problemas, são também caracterizadas por serem cidades com enormes potenciais.

Deste património industrial destacam-se vários edifícios e infraestruturas que tiveram grande importância na história desta cidade, como: os caminhos-de-ferro, oficinas do caminho-de-ferro, estação do caminho-de-ferro Sul e Sueste, indústria corticeira, indústria química, bairros operários, bairros ferroviários e Mausoléu de Alfredo da Silva.

São estas áreas que sendo bem projetadas com equipamentos públicos, áreas verdes e de lazer, habitações, comércio e serviços, entre outros, têm a potencialidade de mudar completamente a paisagem urbana de uma cidade, de mudar um paradigma de uma cidade industrial devoluta para uma cidade viva com forte memória industrial. *"A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado"* (LYNCH, 2005, p.9).



[17] Área Industrial



[18] Estação Sul e Sueste

II.5. CARACTERIZAÇÃO ATUAL

TOPOGRAFIA | DECLIVE

As zonas ribeirinhas são caracterizadas por terem declives pouco acentuados. Ao contrário de Lisboa, em que a partir das zonas ribeirinhas o declive varia muito, no Barreiro este declive mantém-se muito reduzido.

LINHA DE COSTA

A frente ribeirinha do Barreiro tem zonas muito variadas como aterros, áreas industriais, zonas de estuário natural e zonas ribeirinhas de lazer.

Maior parte da frente ribeirinha está preenchida por aterros e atividade industrial pois o rio foi e continua a ser um forte elemento para estas indústrias. A facilidade em receber e transportar produtos é muito importante neste sector.

As zonas de estuário natural têm grande potencialidade mas não têm atratividade suficiente pois não estão devidamente tratadas e sinalizadas.

As zonas ribeirinhas que estão destinadas para lazer são muito poucas. Embora tenham um enorme potencial e uma ótima vista para Lisboa, estas áreas não têm muita vida, não atraem muito a população.



[19] Vista aérea da linha de costa do Barreiro



[20] Vista aérea da linha de costa do Barreiro

CLIMA

O Barreiro é caracterizado por apresentar um clima temperado mediterrâneo, húmido e por vezes chuvoso.

A máxima diária média é acima de 20° graus entre o mês de Abril e Outubro, e os meses com temperaturas mais elevadas são Julho e Agosto que em certos dias apresentam temperaturas como 39°.

Os meses mais frios são os de Janeiro e Fevereiro, obtendo uma mínima diária média de 6°.

Os meses de maior quantidade de precipitação são os meses de Outubro, Novembro, Dezembro, Janeiro e Fevereiro. Já os meses de Julho e Agosto a precipitação é quase inexistente.

PATRIMÓNIO AMBIENTAL

O Barreiro apresenta aspetos positivos e negativos quanto ao seu património ambiental.

Dos positivos é visível a zona natural da Alburrica e a biodiversidade existente nas zonas estuarinas. Dos aspetos negativos destaca-se a poluição das águas e dos solos que surgiram com a industrialização.

Atualmente, a qualidade da água e dos solos está a melhorar aos poucos devido à implantação de estações de tratamento de águas residuais.



[21] Alburrica, Barreiro



[22] Alburrica, Barreiro

REDE VIÁRIA

A estrutura viária desenvolve-se adjacente às estradas nacionais, que ligam aos municípios vizinhos.

A nível do traçado viário, a cidade apresenta na sua maioria uma rede urbana densa, com tipologias de índole industrial, malha urbana reticulada e irregular.

MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE

Ao nível da acessibilidade o Barreiro encontra-se entre a Ponte 25 de Abril e a Ponte Vasco da Gama e é rodeado pela autoestrada A33, Circular Regional Interna da Península de Setúbal (CRIPS) que aproxima toda a margem sul.

Os autocarros, a linha férrea do Barreiro e a via fluvial também ligam o Barreiro a outras cidades próximas.

Em termos de projetos futuros, há um grande desejo de ligar cada vez mais o Barreiro a Lisboa. A ligação Trafaria-Algés e a terceira ponte sobre o Tejo são projetos que embora não estejam a ser projetados para avançar, são muito desejados pela população. Estas

duas ligações iriam ser muito importantes para o desenvolvimento local e regional, trazendo mais oportunidades para a cidade.

TRANSPORTES PÚBLICOS

A rede de transportes públicos é muito diversificada e com maior afluência para as cidades de Setúbal e Lisboa.

Existem desde transportes rodoviários, ferroviários e fluviais. Este último tem bastante afluência, os barcos (Terreiro do Paço-Barreiro /Barreiro-Terreiro do Paço) em horas de ponta, chegam a ter intervalos de cinco em cinco minutos devido à quantidade de pessoas que utiliza estes serviços. O parque de estacionamento da estação fluvial chega a ser insuficiente e existem veículos estacionados em estacionamentos ilegais, fora do parque.

Os transportes rodoviários do Barreiro têm duas operadoras distintas que fazem a ligação às cidades próximas, a operadora dos "Transportes Coletivos do Barreiro" e a operadora "Transportes Sul do Tejo".

O transporte ferroviário tem uma importante linha férrea que tem origem no Barreiro (terminal ferro-fluvial), com destino às praias do Sado. Pelo caminho, tem paragens em cidades como Moita, Pinhal Novo, Palmela e Setúbal.



[23] Estação fluvial



[24] Estação ferroviária Barreiro-A

ESPAÇO URBANO | DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento urbano do Barreiro obteve-se ao longo de vários períodos da história e pode dividir-se em cinco grandes fases. Primeiro o período pré-histórico que remonta a ocupação do cordão dunar da Ponta da Passadeira, que teve ocupação humana há cerca de cinco mil anos. Esta população neolítica explorava recursos como a pesca, agricultura e a olaria;

Segundo o período dos descobrimentos que levou à implementação de infraestruturas de produção para fornecer as naus;

Terceiro o período da proto-industrialização, das indústrias tradicionais e de manufatura.

Quarto o período industrial, que entre o século XIX e XX originou o desenvolvimento das indústrias, aglomerados urbanos e fez surgir consequentemente os bairros operários.

Quinta, por fim, o período pós-industrial caracterizado pela desocupação industrial. Aliado a este fenómeno veio a falta de empregabilidade na cidade que redirecionou a população a obter empregos noutras cidades, maioritariamente Lisboa. Desta forma o Barreiro ao longo dos anos tornou-se cada vez mais uma cidade dormitório e dependente das ligações à capital.



[25] Vestígios neólitos do povoado da ponta da passadeira



[26] Moinho de Vento do JIM

PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO

O Barreiro é caracterizado por possuir uma grande variedade de património arquitetónico assinalável, associados a momentos da sua história.

Da arquitetura religiosa distingue-se a capela de Nossa Senhora dos Remédios, Igreja da Penalva, Igreja de Santo António de Charneca, Igreja Paroquial de Santa Cruz, Igreja Paroquial de Santo André, Convento da Madre Deus da Verderena, Igreja de Nossa Senhora da Graça de Palhais, Igreja de Nossa Senhora do Rosário, Igreja da Misericórdia, Portal Manuelino da Ermida S. Sebastião e Igreja de Santa Maria.

Do património proto-indústria, indústrias artesanais, distingue-se o Moinho de Maré do Braancamp, Moinho de Maré Grande, Moinho de Maré Pequeno, Moinho de Vento Gigante, Moinho de Vento Poente, Moinho de Vento Nascente e Moinho de Vento do JIM.

Do património industrial do Barreiro, enquanto grande polo industrial, destacam-se a Estação de Caminhos-de-ferro Sul e Sueste, Oficinas do Caminho-de-ferro, unidades fabris, chaminés, bairros de operários, bairros ferroviários e o Mausoléu Alfredo da Silva.



[27] Igreja de Nossa Senhora do Rosário



[28] Igreja Paroquial de Santa Cruz



[29] Moinho de Maré do Braamcamp



[30] Moinho de Maré Grande



[31] Bairro Operário da CUF



[32] Oficinas do Caminho-de-Ferro

II.6. ANÁLISE SWOT

Ameaças: **1.** Crescimento urbano disperso. **2.** Perda de relações de vizinhança. **3.** Desconexão das zonas periféricas com o centro histórico. **4.** Aparecimento de comércio e serviços fora do centro da cidade. **5.** Início de um processo de desertificação. **6.** Imagem da cidade pouco cuidada. **7.** Isolamento de várias zonas da cidade devido aos limites criados pela linha férrea. **8.** Isolamento da cidade em relação às cidades periféricas. **9.** Desarticulação de usos urbanos. **10.** Aumento do número de edifícios devolutos. **11.** Encerramento e deslocação de atividades sedeadas.



[33] Património industrial devoluto



[34] Antiga estação terminal ferroviária

Fraquezas: **1.** Perda e envelhecimento da população residente. **2.** Equipamentos públicos ao abandono. **3.** Perda de diversidade funcional. **4.** Perda de emprego local. **5.** Mau estado de conservação das habitações no centro histórico. **6.** Deficiente iluminação pública. **7.** Estacionamento desordenado e insuficiente. **8.** Carência de espaços verdes. **9.** Escassez de mobiliário e equipamento urbano. **10.** Falta de espaços comunitários. **11.** Falta de atratividade. **12.** Falta de comunicação direta com o rio. **13.** Problemas de salubridade do conjunto urbano. **14.** Degradação dos pavimentos. **15.** Fraca qualidade da água do rio. **16.** Descontinuidade de eixos de circulação. **17.** Dificil circulação automóvel e pedonal. **18.** Margem ribeirinha desfragmentada. **19.** Acesso automóvel limitado devido ao afastamento das duas ligações à cidade de Lisboa e Seixal (Pontes). **20.** Fracas zonas empresariais e comerciais. **21.** Poucas oportunidades de empregabilidade. **22.** Zona industrial devoluta.



[35] Habitações devolutas no centro histórico



[36] Linha Férrea

Forças: 1. Enraizamento identitário dos residentes. 2. Praça de convívio com mercado local. 3. Barreiro antigo considerado de interesse patrimonial. 4. Edifícios de valor histórico assinalável, de ordem religiosa e civil. 5. Topografia plana em quase todo o centro da cidade. 6. Zonas de reservas ecológicas. 7. Proximidade ao Tejo. 8. Centro geográfico da área metropolitana de Lisboa. 9. Vistas (Lisboa, Seixal, Estuário do Tejo). 10. Ligação direta a Lisboa, através de barco. 11. Rendas mais baixas comparativamente com Lisboa. 12. Localização estratégica e propícia ao desenvolvimento de novas atividades económicas.



[37] Azulejos feitos pelos moradores



[38] Vista para Lisboa

Oportunidades: 1. Forte espírito de comércio local. 2. Possibilidade de reabilitar o centro histórico com ambiente de bairro. 3. Vazios urbanos – oportunidade de criar lugares multifuncionais. 4. Aproveitamento do património natural lagunar. 5. Possibilidade de haver ligação direta ao Seixal através de ponte pedonal sobre a ribeira de Coima. 6. Possibilidade de haver ligação direta a Lisboa através de nova ponte sobre o Tejo. 7. Edifício devoluto de valor histórico com potencial para a cidade. 8. Reserva natural junto à atual estação de barcos (possibilidade de utilizar as lagoas para fins desportivos e de lazer). 9. Vazios urbanos a norte e a sul da linha ferroviária favoráveis a criação de zonas verdes. 10. Adaptação de novos usos em edifícios já existentes. 11. Área favorável a atividades piscatórias e marítimas. 12. Área favorável à prática de desportos náuticos.



[39] Estação Ferroviária Sul e Sueste



[40] Vista para a área natural da Alburrica

A MEMÓRIA COMO POTENCIALIZADOR DE MUDANÇA

CAPÍTULO III

III.1. SÍNTESE – CAPÍTULO III

A memória é uma das peças fundamentais tanto para as pessoas, como para os edifícios e paisagem. Sem ela o espaço perderia vida, não seria autêntico. A cidade do Barreiro tem inúmeros pontos onde necessita de mudança, mas a alteração tem de ser feita apoiada em bases históricas. Desde o problema dos espaços expectantes ao problema das comunidades piscatórias insalubres, a arquitetura tem de saber ultrapassar estas barreiras mas sem perder a identidade característica do local. “*A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de factos novos e antigos*”. (ROSSI, 2001, p.33).

Segundo Aldo Rossi a cidade está na sua história. A história e a memória são elementos fundamentais que distinguem e proporcionam características únicas à cidade. Sem elas o espaço perderia o seu valor, a sua identidade. Para requalificar o espaço público é fundamental descobrir as particularidades do lugar e das próprias pessoas, saber quais as singularidades que a cidade deve manter para não se tornar um não-lugar – espaço onde não conseguimos criar qualquer tipo de relação.

Para criarmos algo é sempre necessário um antecedente, nenhuma invenção nasce do vazio. Todas as cidades que conhecemos foram urbanizadas/projetadas segundo referências, tendo como base formas da natureza ou de outras cidades e edifícios. “*O contexto estabilizado da paisagem construída, assume-se como meio de transmissão às épocas seguintes, da forma e das opções que caracterizaram momentos passados. É neste cenário persistente, enraizado na história, que se constrói o conceito tradicional de memória na cidade*”. (LOURO, 2016, p.45).

Na minha área de estudo e intervenção existem fortes marcos da história da cidade, deixados ao abandono, devido à desindustrialização e ao tempo. A estação ferroviária, as antigas linhas de comboio e a ponte que fazia a ligação entre o Barreiro e o Seixal (parte dela destruída), são marcos importantes que caracterizam esta cidade. É importante que se preserve e reabilite estes elementos.

O cais fluvial, os desportos náuticos e a atividade piscatória são exemplos de atividades que embora estejam ativas, é necessário dinamizá-las e fornecer instalações melhoradas para serem mais valorizadas e ativas, pois representam parte da história.

III.2. A MEMÓRIA

“A memória e a imaginação têm a sina de não poderem desacompanhar-se: a imaginação é o cego da memória, e a memória o moço de cegos da imaginação. A memória não tem iniciativa, a imaginação tem-na mas é cega de nascença. A memória tem olhos e a cega imaginação tem querer: a vontade.” (ALMADA NEGREIROS, 1982, p.323)

A memória é uma herança que nos é transmitida. Todo o ser humano é um conjunto de lembranças, histórias e valores, que são adquiridos ao longo do nosso percurso. A recusa pelo passado, pela história e pelo “velho”, é um problema da sociedade contemporânea, onde só o atual, o novo tem valor e aproveitamento. Toda esta linha de pensamento demonstra a decadência que estamos a passar, pois a memória, o passado, está ligado com a criação futura – não há concepção no vazio. A memória está diretamente ligada com a imaginação, a inovação. Só podemos criar algo novo segundo o que conhecemos, das experiências adquiridas, de tudo o que já absorvemos. Também desta forma necessitamos de refletir, para que possamos aplicar estas lembranças para compreender o passado e definir o futuro, não para estagnar no passado.

Também nas cidades, vilas e aldeias, a memória faz parte da sua identidade, é um dos pontos mais importantes que difere um espaço do outro. Só a partir dela é que podemos perceber como certos eventos, bairros, edifícios e até pessoas existem ou existiram. Sem ela um espaço deixa de particularidades e encantos. É pois errado que ao projetar um novo edificado, descartemos a memória da sua envolvente, dessa forma os alicerces do nosso projeto estão assentes no “vazio” sem sentido, sem particularidades.

No livro “Os filhos da droga” de Christiane F. retrata a sociedade moderna, um mundo por vezes cinzento e sombrio onde os vícios e a droga são apresentados como uma alternativa à solidão e à tristeza. Christiane fala neste livro de como o ambiente em que vivia impulsionou a sua deterioração no mundo da droga. Vivia em Berlim num bairro que possuía edifícios em altura, descaracterizados, cemitérios de betão, que tinham o principal objetivo de “encaixotar” pessoas, sem a preocupação com o bem-estar dos habitantes. Edifícios descaracterizados, espaços urbanos envolventes sem zonas de lazer, de convívio e usufruto levou a que, segundo a autora, muitos jovens se isolassem e procurassem apoio em locais pouco aconselháveis.

Este caso relembra que o trabalho dos arquitetos, de projetar espaços para as pessoas, é uma atividade muito mais importante do que por vezes se pensa. Estes espaços vão habitados, utilizados por pessoas que conseqüentemente poderão refletir positivamente ou negativamente na vida destas. Projetar tendo em conta a memória do local, as características e os desejos dos habitantes devia de ser obrigatório, prioritário. Só assim é possível ser feita boa arquitetura, aliando os desejos do(s) cliente(s) e as particularidades do local com a imaginação. *"Quando trabalho num projeto, deixo-me guiar por imagens e ambientes da minha memória, que consigo relacionar com a arquitetura que procuro. As imagens que me ocorrem provêm, na sua maioria, da minha vivência subjetiva e são, por isso, raramente legendadas com comentários arquitetónicos já memorizados. Enquanto estou a projetar procuro descobrir, o que significam as imagens, para aprender como se produzem certas formas e ambientes imaginados."* (PETER ZUMTHOR, 2009, p.26)

III.3. MEMÓRIAS ARQUEOLÓGICAS NAVAIS

As zonas ribeirinhas do atual território do Concelho do Barreiro, foram muito provavelmente aproveitadas pelos Romanos para atividades relacionadas com o rio. Através de pesquisas arqueológicas, foram documentados materiais que provam que o estuário do Tejo foi utilizado pelos Romanos para atividades como transporte fluvial, pesca e indústria da conserva.

O Barreiro é repleto de locais de interesse arqueológico naval, datados a partir da idade média. Grande parte da área desta cidade contem vestígios arqueológicos navais como portos, portinhos, moinhos de maré, estaleiros navais, instalações industriais, quintas, secas de bacalhau, o próprio rio Tejo e os bairros dos pescadores, de marítimos e de construtores navais.

A situação geográfica do Barreiro contribuiu para o seu grande desenvolvimento industrial, desde a idade média até à atualidade, devido à proximidade com a cidade de Lisboa e às ótimas condições fluviais entre o rio Tejo e Coina.

Durante a expansão Portuguesa, além do tráfego fluvial que se desenvolveu devido à implantação industrial (moinhos de maré e fornos de biscoito, vidro, cerâmica e cal) e aos recursos naturais da zona (vinho, lenha, madeira e sal). Também a construção naval tornou-se, nesta altura, uma indústria de grande significado nacional).

A pesca, foi outra importante atividade que se desenvolveu no Barreiro. Começou a ter grande relevância a partir do século XVII, quando as atividades económicas locais, entraram em crise após as Descobertas. Os pescadores do Barreiro, tornaram-se

famosos pela muleta, uma embarcação típica da cidade do Barreiro e do Seixal. A maioria do produto pescado era direcionado para a cidade de Lisboa.

O Barreiro beneficiou extraordinariamente do rio Tejo, Mar da Palha e do rio Coina desde a pré-industrialização, proto-industrialização até à industrialização. Os transportes navais acompanharam todo o processo de evolução industrial. Os barcos de madeira e vela, que transportavam pessoas e matérias-primas, começaram a ser substituídos por navios de ferro e vapor. Os transportes fluviais, embora muito importantes, começaram a perder notoriedade devido aos comboios (primeira linha férrea a sul do Tejo data de 1861) e a camionagem.

Com a industrialização do Barreiro, a atividade piscatória começou a diminuir cada vez mais, devido à deslocação da mão-de-obra para novos postos de trabalho nas fábricas.

No final do século XIX, só restava a existência de uma muleta, alguns batéis e botes ou buques de arrasto. Estes barcos, obras de arquitetura naval, eram construídos nos estaleiros navais do Barreiros, situados na ponta da Alburrica.

A memória deste local é um dos fatores mais importantes que distingue o Barreiro de outra cidade. É essencial resgatar imaginários, de reinventar soluções com história e sentido.

Ao longo deste trabalho pude observar que a relação da cidade com o rio Tejo, a ribeira de Coina, a atividade piscatória e com os desportos náuticos é muito forte. Estiveram conectados com a cidade no passado e necessitam que haja uma continuidade dos mesmos no futuro.

O rio dá à cidade do Barreiro características únicas para que a pesca e os desportos náuticos sejam praticados nela. A pesca foi dos principais meios de sobrevivência no passado. Embora atualmente não seja a maior fonte de emprego da cidade, é necessário apoiar estes trabalhadores, pois antes de esta cidade ser caracterizada como uma "cidade industrial", outrora foi vista como uma terra de pescadores.

Os desportos náuticos também têm grande importância no Barreiro. O posto náutico do "Club Naval Barreirense", construído em madeira e assente sobre estacaria de rés-do-chão, foi inaugurado em 1925. A partir deste momento a população começou a usufruir de remo, vela, natação e muitas outras atividades desportivas.

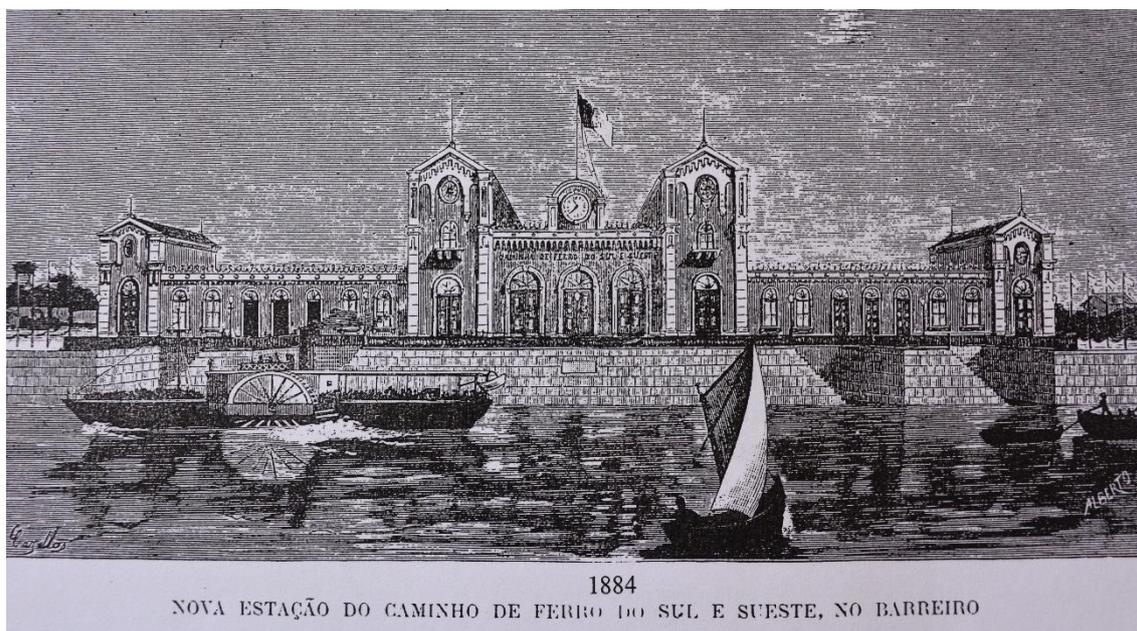
A conexão dos habitantes do Barreiro com o rio também é expressada pelas próprias edificações. No século XX, existia uma estrutura palafítica no meio do rio chamada "Torre alta". O acesso era somente possível através de barco e a população usufruía

deste edificado para diversão, especificamente como uma estrutura de saltos para a água. Dos habitantes com quem tive o privilégio de falar, relataram a sua experiência neste edificado palafítico, com alegria e saudade.

Com base na pesquisa realizada sobre a memória desta cidade, concluo que é importante resgatar imaginários, seja a regenerar atividades ainda ativas (atividade piscatória e desportos náuticos), seja a reconstruir espaços destruídos ou degradados (estruturas palafíticas e espaços públicos e urbanos).

"Quando regresso do mar venho sempre estonteado e cheio de luz que me trespassa. Tomo então apontamentos rápidos - um tipo - uma paisagem. Foi assim que coligi este livro, juntando-lhe algumas páginas de memórias. Meia dúzia de esboços afinal, que, como certos quadradinhos ao ar livre, são melhores quando ficam por acabar.

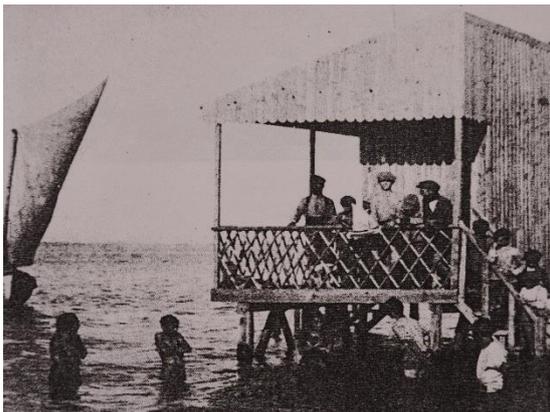
Estas linhas de saudade aquecem-me e reanimam-me nos dias de inverno friorento. Torno a ver o azul, e chega mais alto até mim o imenso eco prolongado... Basta pegar num velho búzio para se perceber distintamente a grande voz do mar. Criou-se com ele e guardou-a para sempre. - Eu também nunca mais esqueci..." (BRANDÃO, 1924, p.1)



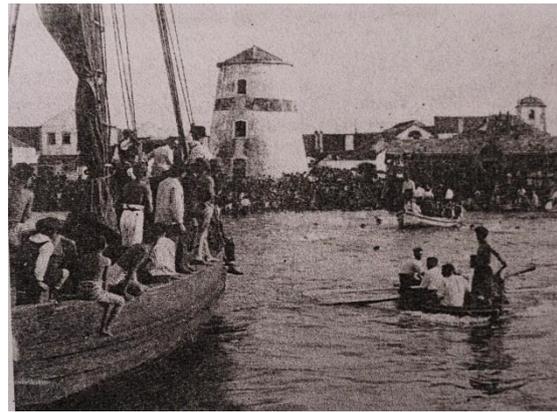
[41] Desenho da Estação Sul e Sueste, 1884



[42] Antigo Posto Náutico palafítico do Club Naval Barreirense



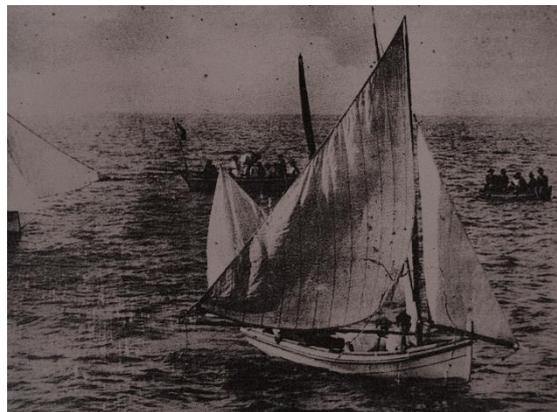
[43] Crianças a brincar no rio Tejo e no posto náutico do Club Naval Barreirense, 1926



[44] Festas do 1º aniversário do Club Naval Barreirense, 20 de Junho de 1926



[45] Aula de natação no rio Tejo, Barreiro, 1927



[46] Barcos no Tejo, frente ao Posto Náutico

PALAFITAS
CAPÍTULO IV

IV.1. SÍNTESE – CAPÍTULO IV

A construção palafítica consiste na construção sobre água, assente em estacas. Esta estratégia construtiva é mais utilizada em zonas onde se encontra o elemento água (mar, rio, lago ou riacho) mas também é aplicada sobre terra, sem ser necessário a existência de água.

Estas edificações abrangem desde habitações individuais a grandes complexos de unidades ligadas entre si através de passarelas ou diques. Podem ser encontrados diversos exemplares desta estrutura um pouco por todos os continentes, não sendo um resultado de uma cultura específica.

Desde o Neolítico, vários povos sem ligações entre si, optaram por edificar as suas casas com base no assentamento sobre água. Uma boa forma de construir uma infra-estrutura natural seja sobre água ou terra firme.

IV.2. ÁGUA, CLIMA E DEFESA

A origem das palafitas relaciona-se mais com fatores ambientais e económicos do que com fatores culturais de um povo. Hoje em dia devido à evolução tecnológica, as palafitas passaram de ser construções habitacionais unifamiliares para construções coletivas contemporâneas e complexas.

Embora existam um pouco por todos os continentes, estes edificadros são mais utilizados em climas tropicais caracterizados por possuírem temperaturas elevadas, chuvas e humidade em abundância. A construção de palafitas sobre água apresenta mais vantagens neste ambiente pois aproveita o movimento de ar (entre a água e a edificação) e protege os habitantes da subida do nível da água. Em casos mais específicos protegem também de animais selvagens, pragas e mosquitos (caso das palafitas de Ganvié, Benim).

Nas zonas tropicais de Africa, América, Ásia e Oceânia, as povoações que habitam nas palafitas mantiveram, na sua maioria, a conceção, o método construtivo e os materiais típicos.

Na Europa foram encontradas palafitas do período Neolítico em países como a Alemanha, Áustria, Bósnia, Dinamarca, França, Polónia e Suécia. Na Bélgica e Inglaterra foram encontrados vestígios de palafitas do período medieval, já na Escócia e Irlanda datam do século XVI.



[47] Comunidade palafítica Ganvié, lago Nokoué, Benim



[48] Hotel palafítico Chez Raphael, Ganvié, Benim

IV.3. A ARQUITETURA DA ÁGUA | MATERIAIS E FORMAS CONSTRUTIVAS

Os sistemas construtivos e os materiais usados na construção das palafitas não se alterou muito (embora sejam incorporados cada vez mais materiais como perfis metálicos, estacas de betão, madeiras tratadas, entre outros). Na construção tradicional, geralmente as famílias escolhem o local, materiais, posição e altura destas edificações de acordo com as necessidades pretendidas.

A construção de uma palafita não demora muito tempo a estar concluída. A madeira é a matéria-prima mais utilizada nestas construções pois é um material flexível e fácil de utilizar na construção sobre água. Depois de ser recolhida a madeira necessária para a estrutura e paredes (madeira de pinho, álamo, azinheira, noqueira, entre outras), começa-se por enterrar as estacas de fundação no fundo do leito de água, aproximadamente dois metros. Estas estacas sobressaem da água os metros necessários para que as marés não atinjam a cota da edificação.

Sobre as estacas de fundação é necessário fazer um corte em forma de “U” para encaixar as vigas que unem as estacas longitudinalmente. Sobre este suporte (estacas e vigas) é adicionado o estrado que serve de base para a construção da edificação pretendida. Sobre esta base eleva-se uma estrutura independente do edifício. Nesta estrutura em que existe uma base estrutural diferente da constituinte da edificação, as vigas são encaixadas em cima das colunas – a base da cobertura.

Noutros tipos de construção de palafitas, a estrutura utilizada é contínua, os pilares de fundação compõem a estrutura até à sua cobertura.

Depois de construído o esqueleto do edifício elevam-se as paredes. Estas paredes podem ser feitas de forma mais tradicional - com folha de palma e argila ou com

métodos mais recentes como é o caso de troncos/tábuas de madeira sobrepostos ou painéis de aglomerados. Já os tetos originalmente eram revestidos por palha ou canas de bambu mas as telhas de barro e as chapas de zinco substituíram aos poucos os materiais originais.

As divisões das palafitas são variadas mas a habitação é ampliada segundo as necessidades dos habitantes. Estes também costumam dar um toque particular às suas casas, desde mudarem as cores a colocarem ornamentos e espaços de acordo com as suas tradições ou modo de vida.



[49] Comunidade palafítica de Chiloé, Chile



[50] Comunidade palafítica de Nyaungshwe, Myanmar

IV.4. CONJUNTOS URBANOS | VIDA EM COMUNIDADE

As construções palafíticas são no geral, inseridas em conjuntos urbanos. Estes conjuntos costumavam desaparecer passado alguns anos devido à madeira, que obtém muita humidade. Muitos reergueram-se, outros foram extintos.



[51] Aldeia palafítica de Kampung Aye, Brunei



[52] Vila de água, Brunei

As passadeiras são uma parte muito importante destas construções, onde existe a interação social. Elas servem como corredores que ligam as habitações entre si e estas a terra firme. Com estas ligações transformam-se tipologias simples em aglomerados urbanos complexos.

IV.5. PALAFÍTAS EM PORTUGAL

Os pescadores provenientes da zona de Ovar foram os primeiros migrantes que se deslocaram para as margens do rio Tejo no século XIII. Seguindo o exemplo dos pescadores de Ovar, os pescadores de Vieira de Leiria deslocavam-se para o rio Tejo e rio Sado, no século XIX.

Com eles, trouxeram a construção palafítica para as margens dos rios. Esta construção consistia em edificações em madeira sobre estacas, para evitar as cheias provenientes das subidas das marés e porque era um tipo de construção típica da sua terra. Algumas destas edificações eram habitações, outros locais de arrumos que serviam para guardar o material e o pescado.

Estes imigrantes nos meses de verão viviam na sua terra natal mas com a chegada do inverno, as condições do mar deixavam de ser propícias para a prática da pesca e os banhistas e turistas deixavam de frequentar as praias desta zona, logo os pescadores perdiam grande quantidade de clientes no inverno. Era portanto necessário migrar para outro local nesta época, à procura de trabalho e os locais escolhidos eram as margens dos rios Tejo e Sado. Nestas zonas trabalhavam maioritariamente na pesca e nos arrozais.

Muitos destes pescadores voltaram para as suas terras, mas outros permaneceram nestas margens, embora hoje em dia haja poucos exemplos de pescadores alojados em casas palafíticas.



[53] Aldeia da Palhota, Cartaxo



[54] Aldeia palafítica do Patacão, Alpiarça

IV.6. DA ARQUITETURA VERNÁCULA À CONTEMPORÂNEA

As palafitas começaram a ser construídas devido ao fácil e baixo custo das construções e devido às condições do território. Ao longo dos anos as palafitas continuaram a solucionar os problemas para que foram inicialmente construídas mas também começaram a ser vistas como um tipo de arquitetura ajustável. Começaram a ser implementadas em várias zonas do mundo, não por o local necessitar especificamente deste tipo de construção mas porque era uma tipologia de construção que agradava a muitos.

As primeiras transformações sofridas na evolução deste tipo de construção foi nos pormenores construtivos em madeira, que foram substituídos por molduras em cimento e a madeira na estrutura era substituída por vezes por outros materiais. Quando as casas não eram construídas sobre a água mas perto das margens de ribeiras e regatos, era comum ver palafitas de dois pisos, em que o primeiro piso era destinado para comércio e o segundo para habitação.

A casa Farnsworth, de Mies van der Rohe, construída na cidade de Plano nos Estados Unidos entre 1945 e 1951 e a casa Tallon, de Ronnie Tallon (construída para usufruto próprio), edificada em Golf Road, na Irlanda em 1970, são exemplos de umas das mais icónicas habitações que foram herdeiras da arquitetura vernácua das palafitas.

A casa Farnsworth, desenhada para Edith Fransworth é um marco da arquitetura moderna, tendo sido elogiada e criticada até hoje. Para muitos é uma obra que simboliza a simplicidade e simetria na composição de espaços. A habitação é elevada sobre o terreno pois durante a primavera, o rio Fox sobe e esta área fica coberta de água. A casa é elevada para evitar possíveis inundações e para que seja possível ser visualizado o pavimento completamente horizontal e elevado.



[55] Casa Farnsworth



[56] Casa Farnsworth com a subida do nível do rio Fox

A casa Tallon ergue-se sobre o terreno para evitar possíveis inundações (embora não haja nenhum leito de água junto ao campo de golfe a que se situa) e para evitar quebrar a natureza que passa por baixo da casa. A Natureza por baixo da casa e ao redor dela fornece uma imagem de movimento, cor e distância.

A arquitetura contemporânea que evoca a arquitetura vernácula palafítica já tem pouco a ver com as premissas que originaram as palafitas – proteção e conforto climático – mas mantêm o espírito desta tipologia – utilização de materiais que respeitam o ambiente, posição sobre a água e terreno e disposição das edificações que formam conjuntos urbanos.



[57] Casa Tallon



[58] Pormenor da Casa Tallon

CASOS DE REFERÊNCIA

CAPÍTULO V

V.1. SÍNTESE – CAPÍTULO V

Os casos de referência são de grande importância pois a partir deles conseguimos tirar conclusões e perceber como atuar em determinados espaços, com características idênticas ao local de intervenção. Os cinco casos escolhidos têm a particularidade de se situarem perto da água, e terem uma relação muito forte com este elemento.

Os primeiros três casos de referência são derivados da construção tradicional e os dois últimos são variantes, mais contemporâneos.

A Frente Ribeirinha de Póvoa de Santa Iria é um exemplo de como projetar espaços urbanos corretamente e como podemos devolver estas frentes às pessoas.

As Estruturas palafíticas da Carrasqueira são um exemplo de como através de uma intervenção da própria comunidade piscatória, usando materiais locais, se pode melhorar as condições e atrair diferentes pessoas, com vários interesses a visitar estas estruturas.

A aldeia de Escaroupim é um exemplo de como é importante resgatar imaginários. O que antes era uma aldeia piscatória, nos dias de hoje, embora não possua mais esta comunidade, através das memórias a aldeia conseguiu atrair turistas e vida.

O Porto de Aberdeen é um exemplo de uma comunidade piscatória flutuante que caracterizava este porto e atraía turistas e que devido ao realojamento dos pescadores em edifícios em altura, a paisagem do porto foi descaracterizada, tal como a vivência.

A habitação Gunnar é um bom exemplo de construção em pórtico de madeira. Estes pórticos serão usados na estrutura das palafitas e em maior escala, no edifício do núcleo desportivo, no projeto.

V.2. FRENTE RIBEIRINHA, PÓVOA DE SANTA IRIA

A Frente Ribeirinha de Póvoa de Santa Iria é um exemplo de uma intervenção urbana de enorme sucesso. Devido a este projeto, a zona degradada da cidade foi requalificada e foi possível devolver o rio à população e aumentar a sua qualidade de vida. Estes projetos foram construídos no âmbito da candidatura "Requalificação da frente ribeirinha da zona sul do Concelho de Vila Franca de Xira".

As grandes frentes de intervenção foram o parque urbano da Póvoa de Santa Iria e o parque linear ribeirinho do estuário do Tejo. O parque linear ribeirinho integra nas zonas dos pescadores espaço de lazer, zona de merendas, zona desportiva, centro de

interpretação do ambiente e da paisagem, comércio e trilhos que se estendem por 6 km, onde se pode praticar exercício enquanto se contempla a paisagem. O projeto desta área possibilitou alterar o paradigma de zona industrial.

O parque urbano da Póvoa da Santa Iria dispõe de 6 hectares de amplas zonas relvadas. O local integra o núcleo museológico "A Póvoa e o Rio", zonas desportivas e de lazer como é o caso do parque infantil, juvenil e de skate, ginásio ao ar livre e comércio. Com este projeto é possível suavizar a barreira que é criada pela linha férrea.



[59] Passadiços da frente ribeirinha da Póvoa de Santa Iria



[60] Intervenção em Póvoa de Santa Iria

V.3. ESTRUTURAS PALAFÍTCAS, CARRASQUEIRA

A estrutura palafítica da Carrasqueira nasceu em 1964 devido à necessidade dos pescadores acomodarem os seus barcos. Esta estrutura foi construída pelos próprios pescadores pois devido à grande distância entre as marés, era difícil definir onde as embarcações deveriam permanecer. A ideia foi aproveitar os materiais locais e construir autonomamente a estrutura. Deste modo começaram a colocar estacas e tábuas elevadas em relação ao rio de forma a facilitar o acesso barco-terra/terra-barco.

Posteriormente foram adicionando pequenas casas de apoio à pesca onde guardam os materiais e permanecem sempre que desejarem. Embora sejam apenas espaços de armazenamento e de rápida estadia, os pescadores colocam características identitárias nas suas edificações, diferenciando-as pela cor, forma e material.

O barco, o abrigo e o caminho são os três grandes elementos da arquitetura palafítica desta estrutura no rio Sado. Hoje em dia o porto de pesca palafita da Carrasqueira tem inúmeros metros e para além de servir os pescadores, chama vários visitantes para

apreciarem a paisagem, ver as embarcações e avistar aves da zona do Estuário do Sado.



[61] Ruas do Cais Palafítico da Carrasqueira



[62] Cais Palafítico da Carrasqueira



[63] – Cais Palafítico da Carrasqueira

V.4. CAIS PALAFÍTICO DE ESCAROUPIM

Escaroupim é uma aldeia piscatória formada nos anos 30 em que os seus habitantes são descendentes de avieiros (pescadores nómadas originários de Vieira de Leiria). Esta comunidade deslocava-se de Vieira de Leiria no Inverno para Escaroupim à procura de mais pescado no rio Tejo. No Verão voltavam para a sua terra natal e pescavam no mar.

Muitos destes pescadores voltaram definitivamente para a sua terra natal, mas outros tantos foram ficando por estas margens do Tejo, onde formaram pequenas povoações

nas margens do rio. As pequenas habitações foram construídas em madeira e assentes em estacas para resistirem às cheias do rio. Cada uma era pintada com cores garridas, adquirindo singularidade e o mesmo acontecia com os barcos.

Atualmente já não existem pescadores nesta aldeia mas as habitações e os barcos foram recuperados, resgatando a memória do local. Hoje em dia esta aldeia pode ser visitada e há possibilidade de fazer uma viagem pelo rio, nos barcos restaurados dos pescadores.



[64] Vista para as habitações piscatórias, restaurante e barcos



[65] Cais Palafítico de Escaroupim



[66] Cais Palafítico de Escaroupim

V.5. PORTO DE ABERDEEN, HONG KONG

O povoamento de Aberdeen em Hong Kong é um dos mais antigos desta ilha. Até aos anos 70 estas povoações flutuantes que viviam em barcos, sobrepovoavam o porto. Estas habitações móveis tinham características muito peculiares pois para além do barco ser a sua casa, era também o meio de subsistência das famílias, que o utilizavam para a atividade piscatória.

Atualmente a realidade deste porto é muito diferente. O governo decidiu afastar os habitantes, realojá-los em edifícios em altura e limitou as licenças de pesca. A ideia era expulsar esta comunidade piscatória para renovar a imagem do porto. Hoje em dia restam poucos barcos e o porto obtém vida através destes, dos comerciantes e turistas que visitam o local na esperança de visualizarem o imaginário da comunidade flutuante que outrora vivia neste porto e que caracterizava o local.

Este caso de referência, ao contrário dos restantes, foi escolhido por ser um exemplo de uma má prática de regeneração, onde as memórias e as identidades do local foram perdidas com a intervenção.



[67] Habitações flutuantes de Aberdeen



[68] Porto de Aberdeen

V.6. GUNNAR'S HOUSE, NORUEGA

A casa Gunnar do atelier Huus og Heim Arkitektur situa-se num ambiente florestal em Os, na Noruega. Com este projeto os arquitetos pretenderam preservar o máximo do caráter natural do local.

O material escolhido foi a madeira, pois é um material natural, de fácil acesso e uso. O tipo de construção escolhida foi a construção em pórticos de madeira que consiste numa estrutura pré-fabricada que se repete ao longo do edifício e que sustenta o edificado. Estas estruturas pré-fabricadas são autónomas da base do edifício, do suporte.

As paredes da casa são formadas pelo alinhamento dos pórticos de três em três metros. Desta forma é possível ter salas, quartos, cozinhas e casas de banho com dimensões apropriadas.

A habitação Gunnar é um bom exemplo de arquitetura de pequenas casas em madeira, que está cada vez mais a ganhar popularidade. Estas edificações são caracterizadas por serem pequenos espaços informais, acolhedores e de fácil construção.



[69] Casa Gunnar



[70] Interior da habitação Gunnar

O PROJETO
CAPÍTULO VI

VI.1. ENQUADRAMENTO GERAL | SÍNTESE DO PROJETO

A problemática exposta ao longo deste documento culmina na necessidade de dar vida a uma cidade que ao longo dos anos tem vindo a perder a independência relativamente à capital, tornando-se numa cidade dormitório. Devido à desindustrialização, falta de emprego, espaço público desestruturado, desarticulação de usos urbanos, défice de equipamentos coletivos, entre outros, o Barreiro tem vindo a perder cada vez mais atratividade e vida. A população em geral está descontente com o ambiente da cidade e a população mais nova não tem intenções de projetar o seu futuro nela.

A cidade está repleta de vazios urbanos e edifícios devolutos que dão um aspeto descaracterizado ao Barreiro. Estes vazios são muitas vezes considerados como fraquezas da cidade mas também são grandes oportunidades. Nestes vazios há a possibilidade de implementar mudanças significativas e criativas, alterando o paradigma de cidade industrial devoluta. É necessário requalificar o tecido urbano, eliminar a imagem negativa da cidade e atrair os jovens para permanecerem nela, constituindo um futuro.

Estes objetivos podem ser concretizáveis através da implementação de edificado de baixa densidade (promove a integração social). Este edificado necessita de contemplar usos de habitação, comércio e serviços. É necessário criar habitação bem estruturada, com boa relação/preço e comércio e serviços para criar emprego e dinâmica na cidade.

A utilização dos espaços industriais para criar empresas, comércio e serviços aliaria a requalificação do edificado com a criação destes usos. Desta forma era possível que o termo "cidade industrial" se torna-se num bom denominador para a cidade, aliando a memória com a inovação.

A falta de espaços de convívio e usufruto é muito notória. Não existem quase espaços verdes, ciclovias, espaços culturais e de lazer. Toda a cidade perde quando não existem locais onde se pode passear e desfrutar na própria cidade. Muitas pessoas têm de sair da mesma, em direção por exemplo a Lisboa, para procurarem espaços que preencham as suas necessidades e expectativas. Desta forma requalificar e reestruturar o Barreiro é um grande desafio de projeto.

“Quando faço um edifício, um grande ou um pequeno complexo, gosto muito de imaginar que este se torna parte integrante do espaço envolvente (...). E é este o espaço envolvente que se torna parte da vida, da minha ou, na maioria dos casos, da vida de outras pessoas. É um lugar onde as crianças podem crescer. Talvez estas, inconscientemente, se lembrem daqui a 25 anos de algum edifício, de uma esquina, uma rua, uma praça, sem nada a saber do arquiteto, o que também não é importante. Mas a ideia de que as coisas estão lá – também me lembro de muitas coisas no mundo, construídas, que não são da minha responsabilidade, que me tocaram, comoveram, aliviaram, que me ajudaram.” (ZUMTHOR, 2006, p.65)

VI.2. PROJETO URBANO

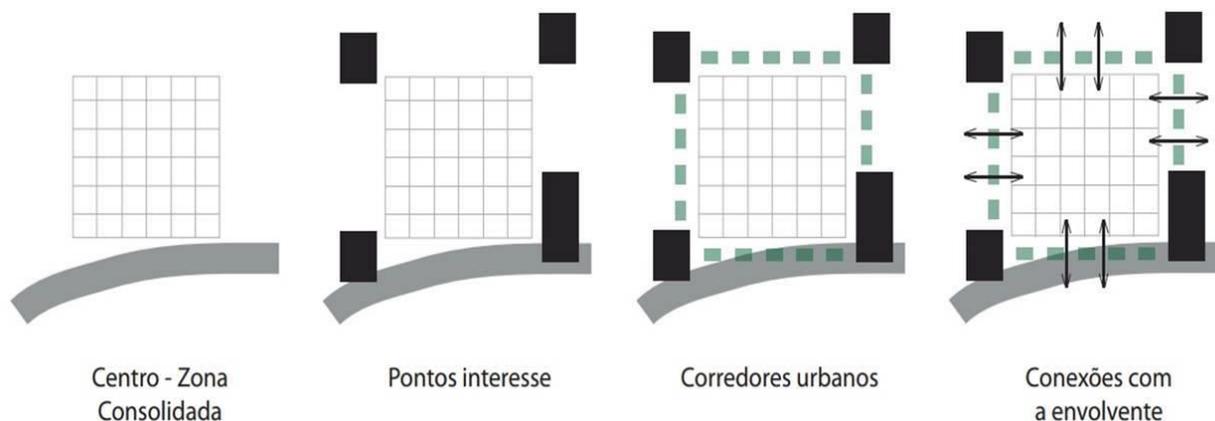
CONCEITO

No projeto urbano, na fase de grupo, o conceito foi desenvolver um anel estruturante na cidade. O objetivo era unir as diferentes zonas em redor do centro histórico do Barreiro através de pontos de interesse, corredores urbanos e criando conexões que chamassem pessoas para o centro.

Os pontos de interesse poderiam ser desde edifícios icónicos em termos de altura (estabelecer relações visuais) a edifícios de carácter cultural que desenvolvessem a zona. Entre estes pontos de interesse o objetivo era criar corredores verdes, urbanos e clicáveis que ligassem os pontos de interesse e privilegiassem o peão.

Entre estes corredores urbanos que ligam os pontos de interesse, era fundamental haver conexões, pontes de ligação que fragmentavam estes corredores para os habitantes passarem do centro histórico para as zonas fora do "anel estruturante" e vice-versa, mais facilmente.

Palavras-chave: Qualificação | Consolidar | Integrar | Conectar | Envolvente Urbana | Vazios Urbanos | Barreiras Físicas | Percursos | Eixos | Mobilidade



[71] Esquema conceptual



[72] Tipologia de pavimentos conectores





[73] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade A

UNIDADES OPERATIVA A

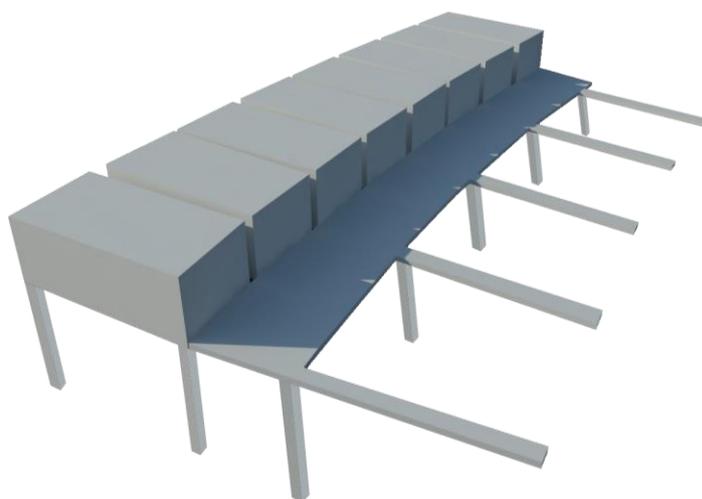
Para facilitar o projeto urbano, dividimos as áreas mais problemáticas do Barreiro em quatro unidades operativas diferentes.

A unidade operativa A situa-se na zona mais natural do Barreiro, a Alburrica. Nesta área criámos mais passadiços de madeira para que as pessoas possam percorrer esta área natural mais facilmente e consigam visualizar o máximo possível, seja a pé ou de bicicleta. Aqui pode ser visto o Rio Tejo e Coina, os moinhos de vento e de maré, Lisboa, entre outras atratividades.

O edifício devoluto como os moinhos de vento e de maré e a quinta Braamcamp, foram projetados para ser reabilitados. Em concreto, a quinta Braamcamp foi destinada para fornecer turismo rural e os moinhos reabilitados são uma atração turística.

Na zona verde da Alburrica, foi projetado um edifício palafítico de observação e estudo de espécies aquáticas. Este edifício situa-se por cima de vegetação pantanosa e é acedido pelos passadiços de madeira que ligam as atratividades desta área.

A criação de edifício palafítico para os pescadores desta área também foi contemplado nesta unidade, tal como a implementação de mais espaços verdes.



[74] Proposta de habitação palafítica para pescadores





[75] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade B

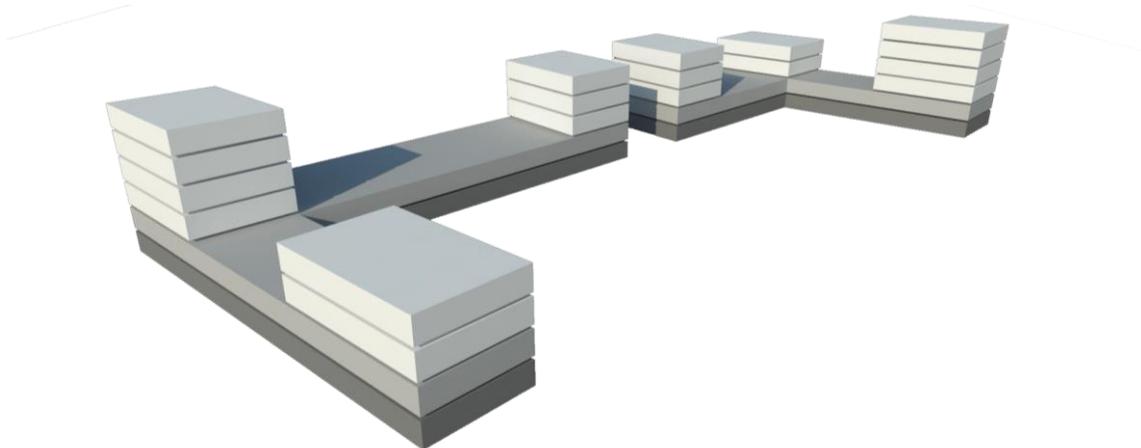
UNIDADE OPERATIVA B

Na unidade operativa B, junto ao terminal fluvial atual, implementámos muitas mudanças no território. A primeira mudança foi dividir o grande fluxo que existe neste terminal, desta forma este terminal mantém-se com ligação ao Terreiro do Paço mas criamos outro terminal na unidade operativa D, com destino ao parque das nações. Visto grande parte deste território estar preenchido por estacionamento mal aproveitado, criamos uma grande praça elevada, com estacionamento no piso -1. Desta forma esta área passa a ter um local onde se pode organizar eventos (como feiras, festas, concertos) e estacionamento no piso inferior.

Ao criarmos um metro de superfície que liga as várias zonas da cidade, em vez de comboio, a cidade deixa de ter tantas barreiras e consegue ser mais acessível. Consequentemente, projetamos uma ponte para a passagem deste transporte (também para peões e ciclistas), com ligação ao Seixal.

Os desportos náuticos da CP, que se situam nesta zona, foram ampliados segundo os seus desejos e foi feito um núcleo desportivo que contempla tanto os desportos náuticos como diferentes atividades desportivas (boxe, karaté, judo, etc.)

Nesta área os pescadores também foram alojados em casas palafíticas com melhores condições e têm espaços no terreno para a criação de hortas urbanas. Estas construções, de edificado para pescadores, estão ligadas com as estruturas palafíticas de suporte para os desportos náuticos. Desta forma ambas as entidades mantêm uma relação de proximidade e conectividade. Através dos percursos verdes pedonais e clicáveis, esta área ao pé do terminal, é ligada até a uma zona de edificado com vários pisos de diversos usos (habitação, comércio e serviços). Uma área junto da linha férrea que a transforma em espaço urbano de lazer (com espaço para a prática de skate, anfiteatro ao ar livre, corredores verdes, máquinas de exercícios, hortas urbanas, entre outros), em vez de simbolizar uma quebra na cidade.



[76] Edificado proposto, de habitação, comércio e serviços, junto à antiga linha férrea





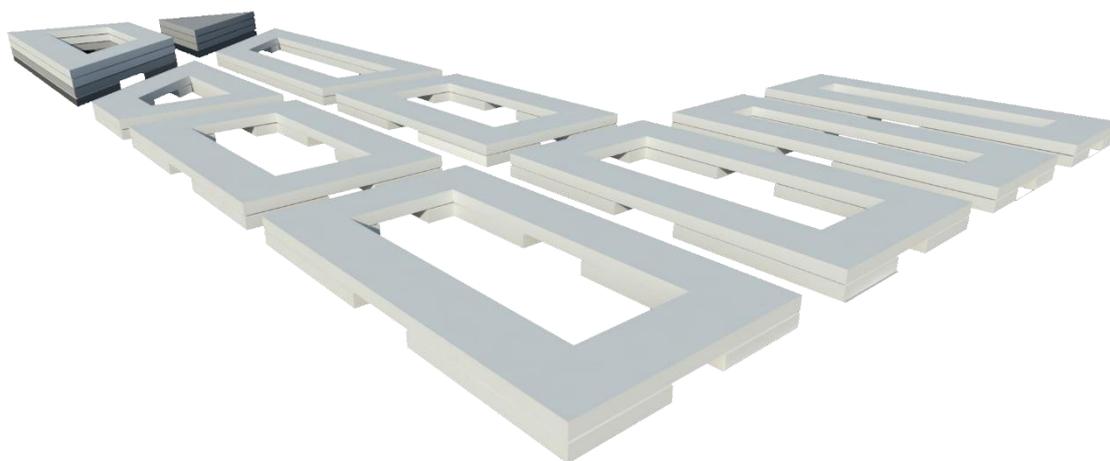
[77] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade C

UNIDADE OPERATIVA C

A unidade operativa C é uma continuação da área mais urbanizada com vários usos e espaços verdes. Estes corredores urbanizados vão dar ligação ao grande espaço cultural e às áreas de habitação, com comércio e serviços só no primeiro piso. Esta zona é caracterizada por ter edifícios de baixa densidade para estimular a socialização, relação de vizinhança. Estão perto do grande parque do espaço cultural, e dentro dos logradouros dos edifícios há espaços verdes de permanência e lazer. Estes logradouros foram especialmente pensados para crianças, pois estas desejam muitas vezes ir para o exterior mas os pais por vezes não conseguem acompanhá-las porque têm de ficar em casa. Se as crianças forem brincar para os logradouros, os pais dentro de casa podem sempre olhar por eles.

O centro cultural é um dos pontos fortes desta unidade. Decidimos projetá-lo à imagem da fundação Calouste Gulbenkian pois é uma fundação privada, que possibilita ao público a entrada no seu jardim, sem ser preciso pagar para entrar, o que não acontece nas áreas de museu. Este jardim é assim dado ao público que muitas vezes vai à Gulbenkian só para usufruir do jardim e não do museu.

O centro cultural criado possibilita então que todas as pessoas possam permanecer no espaço exterior, sem ser necessário entrar no centro cultural, sem barreiras. O jardim é composto por vários espaços verdes, zonas de pequenos lagos e caminhos para peões e ciclistas.



[78] Axonometria da proposta de habitações de baixa densidade, com logradouros verdes





[79] Planta atual versus planta da proposta, unidade D

UNIDADE OPERATIVA D

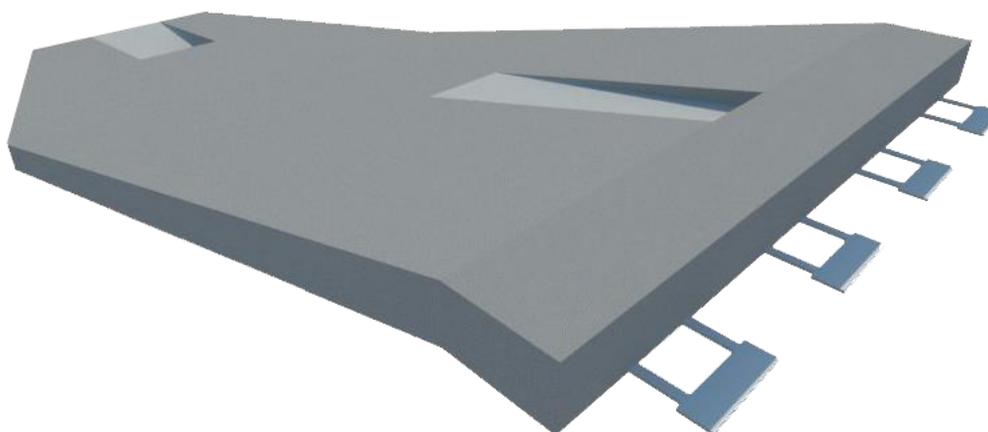
A unidade operativa D concentra-se maioritariamente na zona da Quimiparque. Nesta área industrial quase toda a indústria está inativa, restando apenas os edifícios.

Decidimos requalificar esta zona, devolver a frente ribeirinha às pessoas, criando uma relação mais forte entre a cidade e o rio. Uma das primeiras mudanças foi, como dito anteriormente na unidade operativa B, a criação de uma nova estação fluvial com ligação ao parque das nações. Esta estação foi projetada em forma de rampa para que as pessoas pudessem usar a sua cobertura como espaço de estar, de contemplação/miradouro. Esta também contempla estacionamento e espaços de comércio e serviços no interior.

Nesta zona junto ao rio projetámos docas para os barcos, edifícios de restauração e uma zona de espelho de água.

Por fim criamos um grande corredor verde de ligação pedonal e ciclável, que contempla ao longo deste espaço verde campos de futebol, basquetebol, voleibol e ténis. Também foram projetadas máquinas de desporto ao longo do percurso e quiosques de apoio comercial.

Com estas intervenções urbanas, o nosso desejo era trazer mais atratividade à cidade do Barreiro, mudando o paradigma de cidade dormitório.



[80] Proposta de edificado para a nova estação fluvial/miradouro

VI.3. PROJETO DO NÚCLEO DESPORTIVO E HABITAÇÃO DE PESCADORES

ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área de intervenção situa-se numa zona junto ao atual terminal fluvial do Barreiro. Projetei a requalificação da envolvente junto ao terminal, assinalada na figura 22.

Esta zona tem muito potencial, não só por se localizar perto de uma frente ribeirinha, mas também pelas suas vistas para a zona natural da Alburrica, Lisboa e Seixal. Embora possua estas qualidades, esta área está degradada e mal aproveitada.

O terminal fluvial ocupa a maior parte da área só com o estacionamento e é uma zona sem vida, um local de passagem onde as pessoas deixam o carro, ou chegam de transportes para apanhar o barco. Junto a este estacionamento existem os desportos náuticos da CP, que por sua vez possuem também grande parte do terreno. Dentro do mesmo, estão ilegalmente edificadas, pequenas edificações insalubres, pertencentes aos pescadores.



[81] Área de Intervenção



[82] Espaço da comunidade piscatória

CONCEITO

Na fase individual o conceito foi desenvolver o programa articulando linhas já existentes da cidade do Barreiro com novos traços que apareceram devido à alteração do projeto urbano. Desde o espaço urbano envolvente até à área de pormenor foi desenvolvendo-se com base nestas premissas.

O programa consiste na reabilitação desta frente ribeirinha, dando mais foco ao desenvolvimento de um núcleo desportivo e de habitações para pescadores. O objetivo é responder às necessidades dos desportos náuticos da CP e dos pescadores.

Depois de conversar com elementos da CP, estes manifestaram a futura intenção de retirar as edificações dos pescadores para fora dos seus terrenos e aumentar as instalações dos desportos náuticos. Também manifestaram a intenção de reunir mais desportos para as novas instalações.

O objetivo deste projeto é projetar novo edificado que una atividades desportivas diferentes na mesma área, criar espaço público qualificado e realojar os pescadores numa lógica palafítica sobre o rio. A grande problemática deste projeto é unir o novo núcleo desportivo com os pescadores, de forma a estarem conectados, pois mantêm uma relação de vizinhança.



[83] Esquema conceptual do projeto

- Núcleo Desportivo
- Palafitas

PROGRAMA

O projeto núcleo desportivo e habitações de pescadores tem um vasto programa. O núcleo desportivo é composto por espaços de ginástica, dança, yoga, boxe, karaté, artes marciais, judo, de desportos náuticos e ginásio. Estes são os espaços onde é praticado desporto.

Existem também espaços polivalentes e de conferência, que não são permanentemente usados, mas são áreas importantes onde acontecem eventos.

Uma das salas do edifício é utilizada como armazém para os pescadores guardarem os utensílios necessários, para a exploração das suas hortas urbanas. As hortas urbanas são fundamentais para resgatar memórias pois atualmente vários pescadores possuem hortas coletivas, onde cultivam alimentos. Por fim o núcleo é constituído por áreas de restauração e espaços técnicos.

Em relação ao espaço exterior, é uma zona com vários tipos de acontecimentos, que separa e ao mesmo tempo conecta os diferentes blocos de edificado do projeto. *“Na arquitetura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico. E isto implica outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens impercetíveis entre interior e exterior, uma sensibilidade incrível para o lugar; uma sensibilidade incrível para a concentração repentina, quando este invólucro está de repente à nossa volta e nos reúne e segura, quer sejamos muitos ou apenas uma pessoa. Desenrola-se então o jogo entre o indivíduo e o público, entre a privacidade e o público”.* (ZUMTHOR, 2006, p.47)

Existem hortas urbanas, espelhos de água, relvado, espaços de areia para crianças e quiosques. Toda esta área está projetada para que haja também harmonia entre peões e ciclistas, tendo os caminhos pedonais e cicláveis dimensões generosas.

As construções palafíticas, sobre água, têm diferentes usos e tipologias. Foram projetadas de acordo com o conceito “Tiny Houses”, que promove a sustentabilidade e a vivência em espaços menores, de forma a poder-se usufruir de simplicidade no modo de vida e manter uma relação mais aberta com o espaço público. Dentro destas construções existem casas de pescadores, armazéns de apoio à comunidade piscatória e habitações turísticas.

As habitações turísticas pretendem dar a conhecer um diferente estilo de vida, elevado do solo, sobre o rio e rodeado da comunidade piscatória. A proximidade com a comunidade estabelece-se pela relação de vizinhança e pelas visitas pelo Tejo. Os próprios pescadores podem levar os turistas nos seus barcos, a conhecer o Tejo, pelos seus olhos. Desta forma é possível desenvolver o turismo e partilhar saberes e memórias.

As habitações palafíticas são constituídas por espaço de dormir, lazer, instalação sanitária e espaço exterior de convívio (dentro dos limites da habitação), onde existe um banco que acompanha uma das paredes exteriores e bancadas próprias para arranjar o peixe e grelha-lo. Estas construções têm três ruas principais e cada uma das

ruas tem uma atratividade no final: a primeira tem a “torre alta” (construção palafítica de saltos para a água), no final da segunda rua existe um restaurante, cuja especialidade é o peixe pescado pelos pescadores e por fim na terceira há um miradouro para contemplar a envolvente.



[84] Planta da unidade operativa A, com o núcleo desportivo e as habitações palafíticas



[85] Planta do projeto, piso 0



[86] Render do espaço público projetado



[87] Render das habitações palafíticas dos pescadores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPÍTULO VII

VII.1. CONCLUSÃO

Este projeto, elaborado em contexto académico, procura dar resposta a uma grande problemática: como revitalizar uma frente ribeirinha industrial sem vida, dando-lhe dinâmica, mantendo as memórias do local.

Foi determinante, durante todo o processo de trabalho, o recurso à investigação de carácter teórico. Através desta pesquisa foi possível adquirir conhecimentos desde os diferentes tipos de relação entre cidades e rios, ao longo dos tempos, até ao pormenor das tipologias de construção mais aconselháveis e viáveis para que se mantenha a memória do local.

A componente prática deste trabalho incidiu na mudança de paradigma do Barreiro: de cidade industrial dormitório e devoluta a cidade dinâmica com forte memória industrial.

O foco do projeto direccionou-se em resolver um problema na frente ribeirinha da cidade: unir duas entidades distintas – desportos náuticos e comunidade piscatória.

Projetar tendo em atenção os desejos e as carências de duas entidades distintas de forma a conectá-las, acarreta um grande desejo e preocupação.

O aumento das dimensões dos desportos náuticos foi um desejo concedido no projeto, tal como o realojamento da comunidade piscatória, em tipologia palafítica, dentro do Tejo.

As duas entidades foram ligadas pelo espaço público proposto e estabelece-se uma relação importante com a história do local devido aos desportos náuticos e à tipologia de construção do edificado de pescadores: edifícios que ligam a construção tradicional à moderna. As palafitas possibilitam a vivência entre três ambientes separados e distintos: terra, ar e céu.

O material usado, a madeira, foi de grande importância pois remete para a construção vernácula, uma construção com história e tradição. A forma construtiva escolhida aliou a construção tradicional com a moderna, consistindo numa estrutura de estacas em madeira, nos passadiços de interação coletiva, independentes da estrutura das habitações, feita com base em pórticos de madeira. Também acarreta uma construção mista fixa e flutuante, onde os passadiços e habitações são construídos numa lógica fixa ao terreno e os pontões de ancoragem dos barcos dos pescadores, numa lógica flutuante – aliando a construção tradicional à moderna.

As premissas da história da cidade, o apelo à memória do lugar e a preservação do património cultural, religioso, industrial e ambiental estiveram sempre presentes, aliados à criação de novos espaços propostos. Desta forma foi possível projetar o novo com memória, aliando o passado com o futuro.

FONTES
CAPÍTULO VIII

VIII.1. BIBLIOGRAFIA

A FRENTE RIBEIRINHA | RELAÇÃO-RIO:

BRANDÃO, Pedro; JORGE, Filipe - *Lisboa, a cidade e o rio. Concurso de ideias para a renovação da zona ribeirinha de Lisboa*. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1988.

CULLEN, Gordon – *Paisagem Urbana*. Lisboa: edições 70, 1983.

SÁNCHEZ, José Manuel Pagés - *Frente Ribeirinha e cidade. Equipamentos públicos culturais como solução de conexão e regeneração*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica. 2011.

SARAIVA, Maria da Graça - *Cidades e Rios. Perspectivas para uma relação sustentável*. Lisboa: Parque Expo, 2009.

SARAIVA, Maria da Graça – *O Rio como Paisagem*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

ROSSI, Aldo - *A Arquitectura da Cidade*. 2ª ed. Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

CONTEXTO HISTÓRICO:

AMADO, Antónico – *O rio como elemento urbano*. Lisboa: Núcleo de Arte, Educação e Cultura, 2012.

BAÍA DO TEJO – *Reabilitação Urbana e Ambiental*. Barreiro: 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO – *Repara. Regeneração programada da área ribeirinha de Alburrica*. Barreiro: 2009.

LYNCH, Kevin - *A imagem da cidade*. Lisboa: edições 70, 2005.

MUNICIPALITY OF BARREIRO - *Urban Regeneration Initiative of the Year. Urban Regeneration of Barreiro's Central Business District (CBD)*. Barreiro: 2009.

PAIS, Armando da Silva – *O Barreiro antigo e moderno*. Lisboa: Boa nova, 1963.

A MEMÓRIA COMO POTENCIALIZADOR DE MUDANÇA:

A.A. V.V. - *UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Século XVIII – Final do Século XIX – Princípios do Século XX*. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreiro, 11-1983. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1983.

A.A. V.V. - UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreio, 12-1985, Nº: 3. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1985.

A.A. V.V. - UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreio, 10-1986, Nº: 4. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1986.

A.A. V.V. - UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreio, 08-1987 Nº: 5. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1987.

A.A. V.V. - UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Final do Século XIX – Princípios do Século XX. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreio, 12-1987, 2ª ed. Nº: 1. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1987.

A.A. V.V. - UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Barreio e os Descobrimentos, Recuperação do Moinho Pequeno, Município Barreirense (séc. XVI), XXV Aniversário dos J.J.B. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreio, 06-1989, II Série, Nº 1. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1989.

A.A. V.V. - UM OLHAR SOBRE O BARREIRO. Publicação não periódica Câmara Municipal do Barreio, 12-1989, II Série, Nº 2. Editor: Augusto Pereira Valegas, 1989.

AUGÉ, Marc – *Não Lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. 3º ed. Lisboa: Letra Livre, 2012.

BRANDÃO, Raul – Os Pescadores. Lisboa: Bertrand Edições, 1924.

CHRISTIANE F. – Os Filhos da Droga. Lisboa: Bizâncio, 2011.

LOURO, Margarida - *Memória da cidade destruída. Lisboa/Chiado – Berlim – Sarajevo*. Lisboa: Caleidoscópio, 2016.

NEGREIROS, Almada – Ver. Lisboa: Arcádia, 1982

ZUMTHOR, Peter - *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

PALAFITAS:

ALMEIDA, Paulo - Sistema construtivo de madeira em edifícios de habitação de baixa densidade em Portugal. Tese definitiva para a obtenção do grau de doutor no ramo de Arquitectura, na especialidade de Tecnologia da Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, 2009.

BAHAMÓN, Alejandro; ÁLVAREZ, Ana Maria – Palafita. Da Arquitectura vernáculo à contemporânea. Lisboa: Argumentum, 2009.

PIRES, Marta - *Arquitectura das cabanas do estuário do Sado. Formas e vivências dos espaços vernaculares*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, 2013.

CASOS DE REFERÊNCIA:

FILIFE, Rodrigo - *Casas para um planeta pequeno. Projectar no Informal, o caso de Dhaka, Karail Slum*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, 2011.

MADEIRA, Diogo - *Casas para um planeta pequeno. Rehabitar um Porto, Aberdeen, Hong Kong*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica, 2011.

O PROJETO:

BROPHY, Vivienne - *A Green Vitruvius*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.

BUSQUETS, Joan; CORREA, Felipe – *Cities x Lines. A new lens for the urbanistic project*. Cambridge: Published by Harvard University, 2006.

HERTZBERGER, Herman - *Lições de Arquitectura*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LEITE, António Santos; FELICIANO, Ana Marta – *Memória, Arquitectura e projecto. Reflexão e propostas para uma reabilitação sustentada do património urbano e arquitectónico*. Lisboa: By the Book, Edições Especiais, 2016.

PAREDES, Cristina – *Industrial Chic – Reconverting Spaces*. Seixal: Lisma, 2006.

NEUFERT, Peter - *Arte de Projetar em Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

ZUMTHOR, Peter - *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.

VIII.2. CRÉDITOS DE IMAGEM

[1] Frente rio, Londres, 1920

Fonte: <http://www.ideal-homes.org.uk/southwark/assets/galleries/borough/aerial-view-london-bridge> [em 21/09/2017]

[2] Frente rio atualmente, Londres

Fonte: <http://keywordsuggest.org/content/227889-london-tower-bridge-aerial.html> [em 21/09/2017]

[3] Zona Oriental, Lisboa

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/850898923317508353/> [em 21/09/2017]

[4] Zona Oriental, Lisboa

Fonte: <http://www.telecabinelisboa.pt/Uma-Viagem-no-Teleferico-em-Lisboa/Galeria-de-imagens> [em 21/09/2017]

[5] Frente ribeirinha de Barceloneta

Fonte: <https://www.shbarcelona.com.br/blog/pt/wp-content/uploads/2015/04/Barceloneta-3.jpg> [em 21/09/2017]

[6] Passeig de Colom

Fonte: <http://www.barcelonaenhd.com/secretos-barcelona-mirador-colon-1848155> [em 21/09/2017]

[7] Vista aérea das docas, Liverpool

Fonte: <http://www.antclausen.com/photoblog/2016/10/27/the-albert-dock-liverpool-some-drone-aerial-photos-from-the-air> [em 21/09/2017]

[8] Albert dock, Liverpool

Fonte: <http://www.embarquenaviagem.com/2013/06/11/que-tal-fazer-um-cruzeiro-pela-gra-bretanha/> [em 21/09/2017]

[9] Frente Ribeirinha de São Francisco

Fonte: http://8washington.com/email_contact.php [em 21/09/2017]

[10] Ponte São Francisco

Fonte: <https://br.viator.com/pt/8328/tours/San-Francisco/San-Francisco-Deluxe-Half-Day-City-Tour/d651-2660SFODLX1> [em 21/09/2017]

[11] Salinas

Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/galeria> [em 22/09/2017]

[12] Campos de Arroz

Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/galeria> [em 22/09/2017]

[13] Construções palafíticas

Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/galeria> [em 22/09/2017]

[14] Praia fluvial

Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/galeria> [em 22/09/2017]

[15] Flamingos

Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/galeria> [em 22/09/2017]

[16] Aves do Estuário do Tejo

Fonte: <http://www.icnf.pt/portal/ap/r-nat/rnet/galeria> [em 22/09/2017]

[17] Área Industrial

Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/851> [em 22/09/2017]

- [18] Estação Sul e Sueste
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/851> [em 22/09/2017]
- [19] Vista aérea da linha de costa do Barreiro
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt> [em 22/09/2017]
- [20] Vista aérea da linha de costa do Barreiro
Fonte: <http://forum.autohoje.com/off-topic/47126-nova-travessia-do-tejo-chelas-barreiro-que-futuro-24.html> [em 22/09/2017]
- [21] Alburrica, Barreiro
Fonte: <http://alburrica.weebly.com/> [em 22/09/2017]
- [22] Alburrica, Barreiro
Fonte: <http://www.vortexmag.net/8-razoes-para-apanhar-o-barco-para-o-barreiro/> [em 22/09/2017]
- [23] Estação fluvial
Fonte: <http://mapio.net/pic/p-11494306/> [em 22/09/2017]
- [24] Estação ferroviária Barreiro-A
Fonte: <http://mapio.net/o/2984614/> [em 22/09/2017]
- [25] Vestígios do povoado da ponta da passadeira
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/852> [em 22/09/2017]
- [26] Moinho de Vento do JIM
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/853> [em 22/09/2017]
- [27] Igreja de Nossa Senhora do Rosário
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/924> [em 22/09/2017]
- [28] Igreja Paroquial de Santa Cruz
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/637> [em 22/09/2017]
- [29] Moinho de Maré do Braamcamp
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/853> [em 22/09/2017]
- [30] Moinho de Maré Grande
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/853> [em 22/09/2017]
- [31] Bairro Operário da CUF
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/851> [em 22/09/2017]
- [32] Oficinas do Caminho-de-ferro
Fonte: <https://www.cm-barreiro.pt/pages/851> [em 22/09/2017]
- [33] Património industrial devoluto
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [34] Antiga estação terminal ferroviária
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [35] Habitações devolutas no centro histórico
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [36] Linha Férrea
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [37] Azulejos feitos pelos moradores
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]

- [38] Vista para Lisboa:
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [39] Estação Ferroviária Sul e Sueste
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [40] Vista para a área natural da Alburrica
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]
- [41] Desenho da Estação Sul e Sueste, 1884
Fonte: Revista "UM OLHAR SOBRE O BARREIRO"
- [42] Antigo Posto Náutico palafítico do Club Naval Barreirense
Fonte: Revista "UM OLHAR SOBRE O BARREIRO"
- [43] Crianças a brincar no rio Tejo e no Posto Náutico do Club Naval Barreirense, 1926
Fonte: Revista "UM OLHAR SOBRE O BARREIRO"
- [44] Festas do 1º aniversário do Club Naval Barreirense, 20 de Junho de 1926
Fonte: Revista "UM OLHAR SOBRE O BARREIRO"
- [45] Aula de natação no rio Tejo, Barreiro, 1927
Fonte: Revista "UM OLHAR SOBRE O BARREIRO"
- [46] Barcos no Tejo, frente ao Posto Náutico
Fonte: Revista "UM OLHAR SOBRE O BARREIRO"
- [47] Comunidade palafítica Ganvié, lago Nokoué, Benim
Fonte: <http://jananias.blogspot.pt/2011/12/ganvie-cidade-suspensa-sobre-o-lago-de.html> [em 22/09/2017]
- [48] Hotel palafítico Chez Raphael, Ganvié, Benim
Fonte: <http://jananias.blogspot.pt/2011/12/ganvie-cidade-suspensa-sobre-o-lago-de.html> [em 22/09/2017]
- [49] Comunidade palafítica de Chiloé, Chile
Fonte: <https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/sites/11/2016/04/Palafito-Hostel-Hospedagem-em-Chiloe-Chile-12.jpg> [em 22/09/2017]
- [50] Comunidade palafítica de Nyaungshwe, Myanmar
Fonte: <http://vietravelasia.com/en/news/myanmars-water-world-exploring-inle-lake-419.html> [em 22/09/2017]
- [51] Aldeia palafítica de Kampung Aye, Brunei
Fonte: <https://backpackerlee.wordpress.com/2014/07/07/poverty-in-the-shadow-of-palaces/> [em 22/09/2017]
- [52] Vila de água, Brunei
Fonte: <http://getafirstlife.com/tag/asia/> [em 22/09/2017]
- [53] Aldeia da Palhota, Cartaxo
Fonte: https://www.rotasturisticas.com/aldeia_da_palhota_valada_cartaxo_aldeias_tipicas_2307.html [em 22/09/2017]
- [54] Aldeia palafítica, Alpiarça
Fonte: <http://aorodardotempo.blogspot.pt/2011/09/uma-das-ultimas-aldeias-palafitas-do.html> [em 22/09/2017]
- [55] Casa Farnsworth
Fonte: <http://images.adsttc.com/media/images> [em 22/09/2017]

- [56] Casa Farnsworth com a subida do nível do rio Fox
Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/154389093446227036/?lp=true> [em 22/09/2017]
- [57] Casa Tallon
Fonte: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/casa-tallon/> [em 22/09/2017]
- [58] Pormenor da Casa Tallon
Fonte: <https://pt.wikiarquitectura.com/constru%C3%A7%C3%A3o/casa-tallon/> [em 22/09/2017]
- [59] Passadiços da frente ribeirinha da Póvoa de Santa Iria
Fonte: <http://greensavers.sapo.pt/2014/07/04> [em 03/04/2017]
- [60] Intervenção em Póvoa de Santa Iria
Fonte: <http://greensavers.sapo.pt/2014/07/04> [em 03/04/2017]
- [61] Ruas do Cais Palafítico da Carrasqueira, Comporta
Fonte: Fotografia de autora [em Outubro de 2017]
- [62] Cais Palafítico da Carrasqueira
Fonte: Fotografia de autora [em Outubro de 2017]
- [63] Cais Palafítico da Carrasqueira
Fonte: Fotografia de autora [em Outubro de 2017]
- [64] Vista para as habitações piscatórias, restaurante e barcos
Fonte: <https://www.dinheirovivo.pt/opiniao/839837/> [em 16/10/2017]
- [65] Cais Palafítico de Escaroupim
Fonte: <http://www.raulbrancofotos.com/2016/11/ribatejo-escaroupim.html> [em 03/04/2017]
- [66] Cais Palafítico de Escaroupim
Fonte: <http://www.raulbrancofotos.com/2016/11/ribatejo-escaroupim.html> [em 03/04/2017]
- [67] Habitações flutuantes de Aberdeen
Fonte: <http://isabelsilvaphotography.blogspot.pt> [em 03/04/2017]
- [68] Porto de Aberdeen
Fonte: <http://isabelsilvaphotography.blogspot.pt> [em 03/04/2017]
- [69] Casa Gunnar
Fonte: <http://www.archdaily.com/86560/gunnars-house-huus-og-heim-architecture> [em 03/04/2017]
- [70] Interior da habitação Gunnar
Fonte: <http://www.archdaily.com/86560/gunnars-house-huus-og-heim-architecture> [em 03/04/2017]
- [71] Esquema conceptual
Fonte: Esquema de autora
- [72] Tipologia de pavimentos conetores
Fonte: Esquema de autora
- [73] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade A
Fonte: Montagem de autora
- [74] Proposta de habitação palafítica para pescadores
Fonte: Modelo 3D de autora
- [75] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade B
Fonte: Montagem de autora

[76] Edifício proposto, de habitação, comércio e serviços, junto à antiga linha férrea
Fonte: Modelo 3D de autora

[77] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade C
Fonte: Montagem de autora

[78] Axonometria da proposta de habitações de baixa densidade, com logradouros verdes
Fonte: Modelo 3D de autora

[79] Vista aérea atual versus planta da proposta, unidade D
Fonte: Montagem de autora

[80] Proposta de edifício para a nova estação fluvial/miradouro
Fonte: Modelo 3D de autora

[81] Área de Intervenção
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]

[82] Espaço da comunidade piscatória
Fonte: Fotografia de autora [em Novembro de 2016]

[83] Esquema conceptual do projeto
Fonte: Esquema de autora

[84] Planta da unidade operativa A, com o núcleo desportivo e as habitações palafíticas
Fonte: Planta de autora

[85] Planta do projeto, piso 0
Fonte: Planta de autora

[86] Render do espaço público projetado
Fonte: Render de autora

[87] Render das habitações palafíticas dos pescadores
Fonte: Render de autora

[88] Envolvente, vista para a estação sul e sueste
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[89] Vista da zona de intervenção para a zona natural de Alburrica e Lisboa
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[90] Vista da zona de intervenção para o seixal
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[91] Vista para os desportos náuticos da CP e para os pescadores
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[92] Cais dos desportos náuticos da CP
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[93] Instalações náuticas da CP
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[94] Casas dos pescadores à beira rio
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[95] Edificações dos pescadores
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[96] Casa memória/restaurante dos pescadores
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[97] Hortas, vista da casa memória
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[98] Hortas dos pescadores
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

[99] Pequena praia fluvial, junto às casas dos pescadores
Fonte: Fotografia de autora [em Setembro de 2017]

ANEXOS
CAPÍTULO XIX

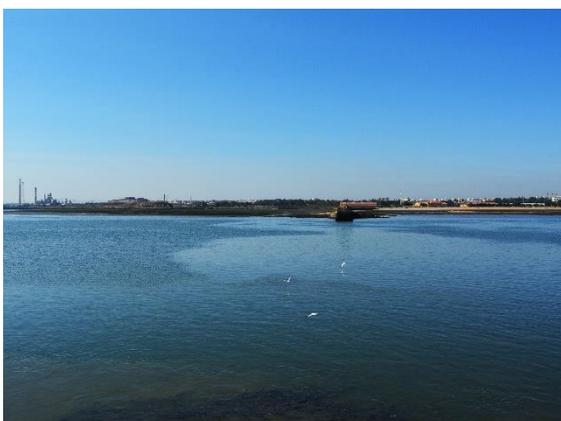
XIX.1. FOTOGRAFIAS DO LOCAL



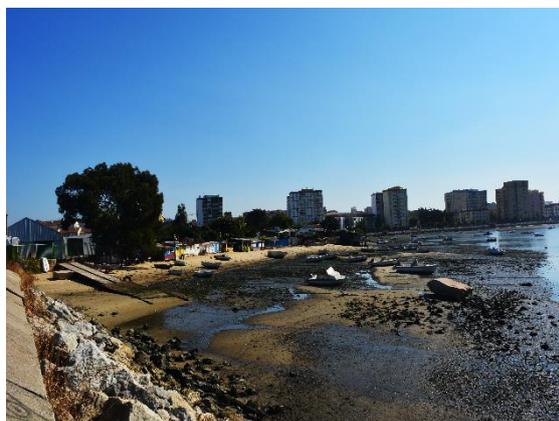
[88] Envolvente, vista para a estação sul e sueste



[89] Vista da zona de intervenção para a zona natural de Alburrica e Lisboa



[90] Vista da zona de intervenção para o Seixal



[91] Vista para os desportos náuticos da CP e para os pescadores



[92] Cais dos desportos náuticos da CP



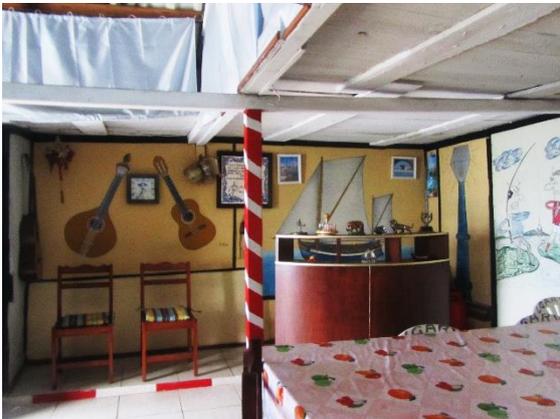
[93] Instalações dos desportos náuticos da CP



[94] Casas dos pescadores à beira rio



[95] Edificações dos pescadores



[96] Casa memória/restaurante dos pescadores



[97] Hortas, vista da casa memória

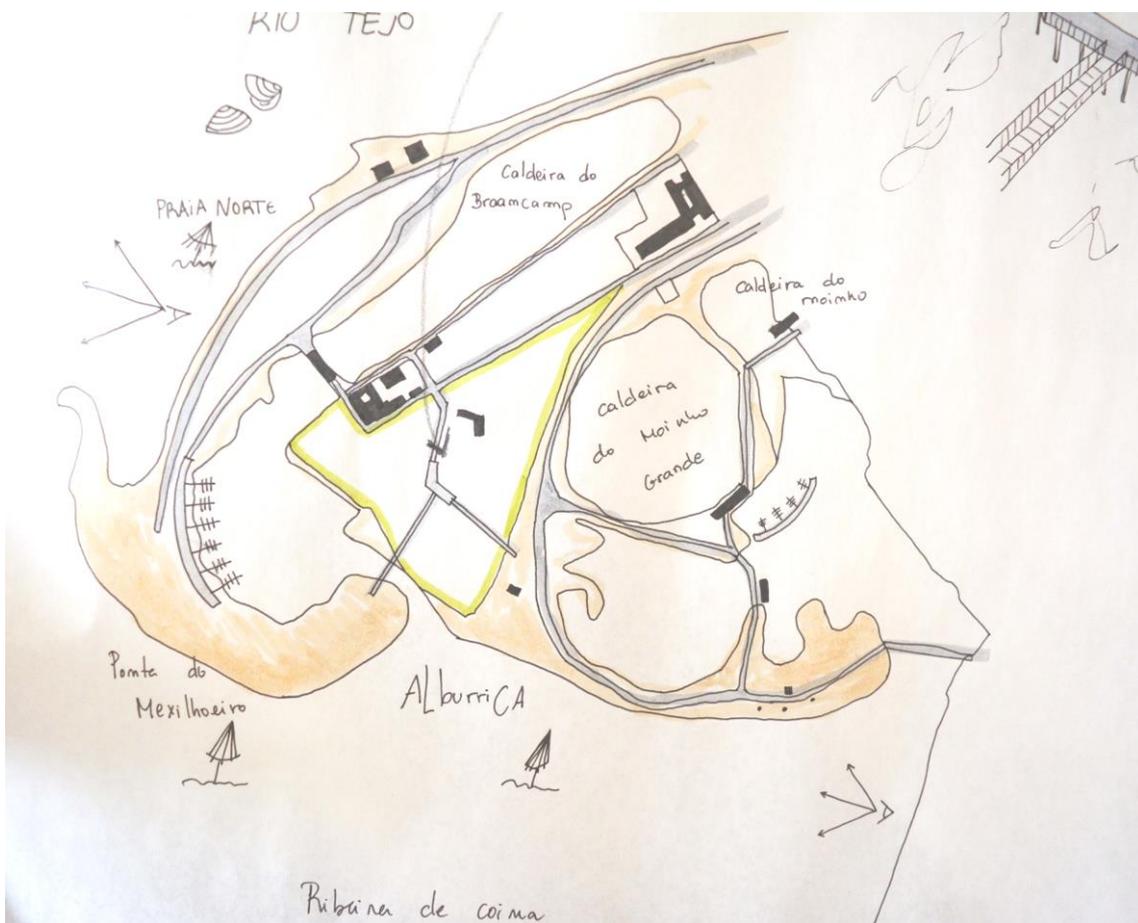
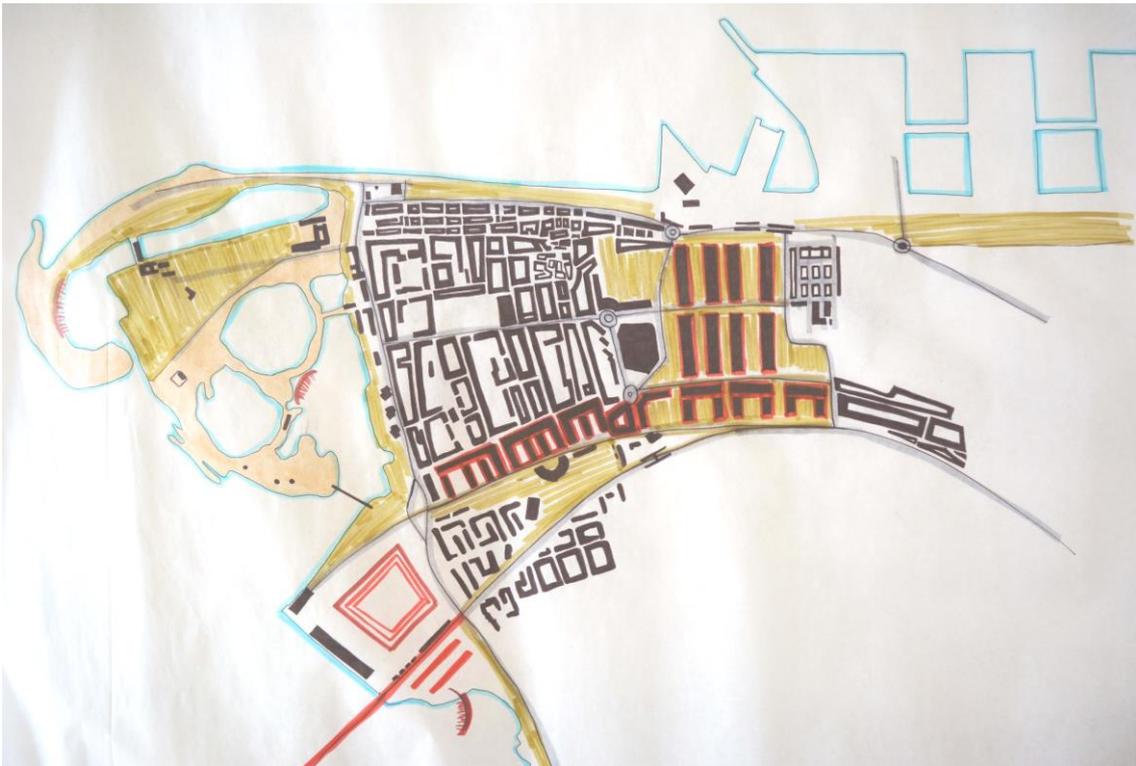


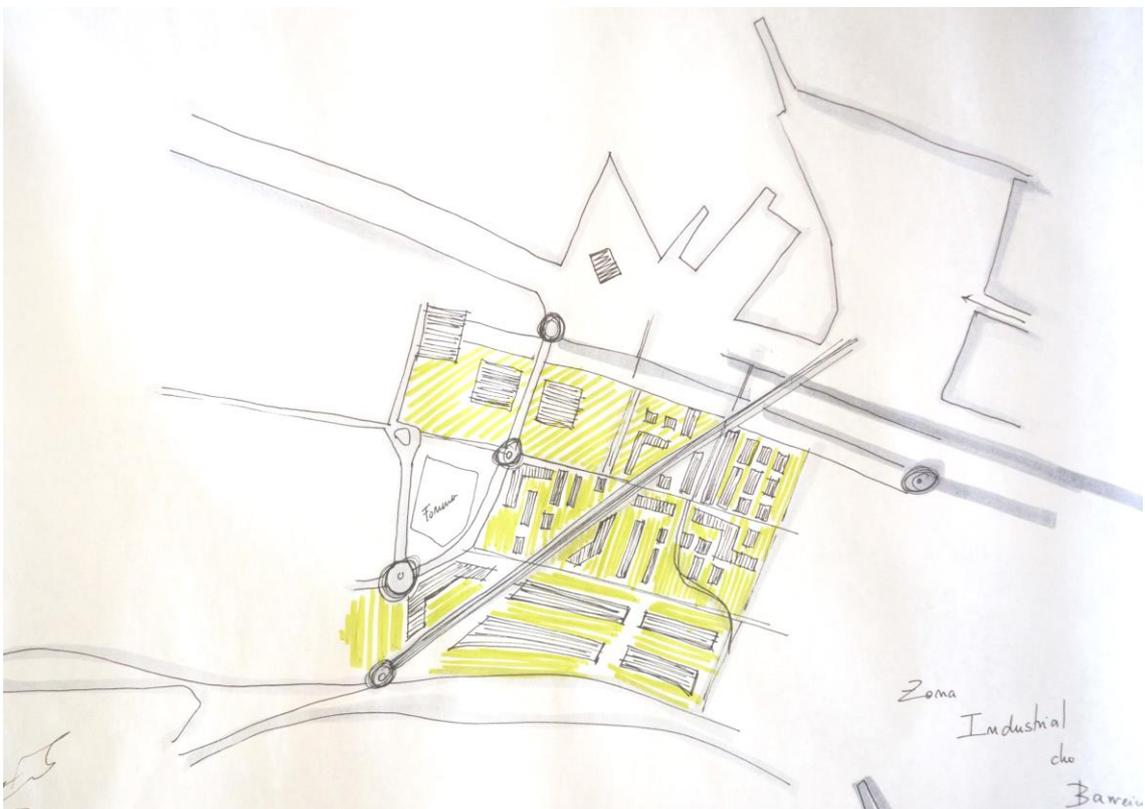
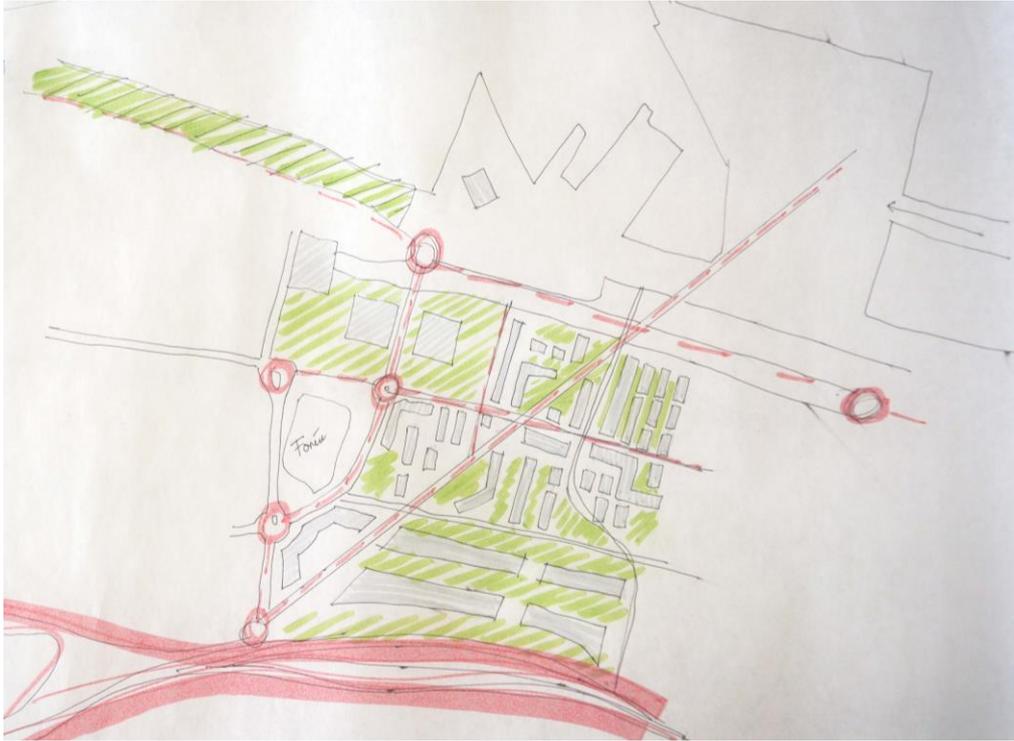
[98] Hortas dos pescadores

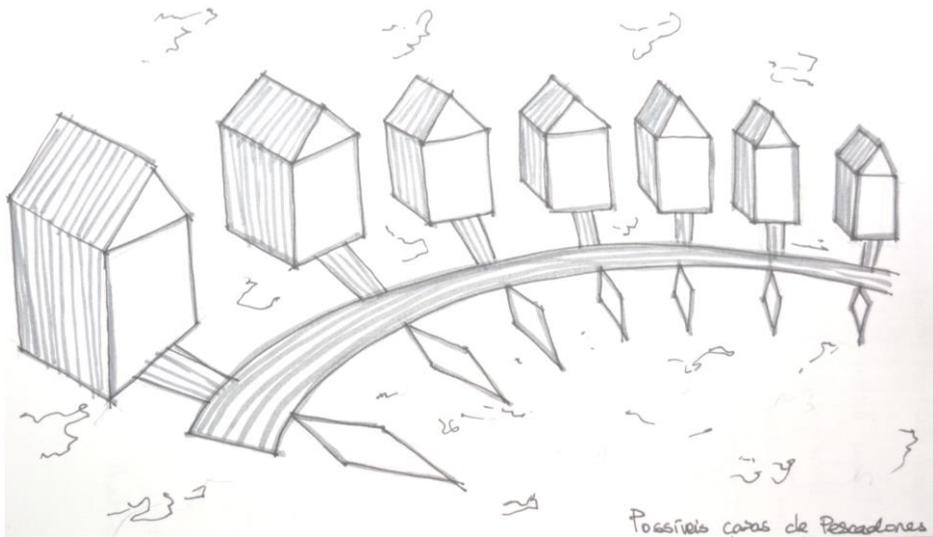
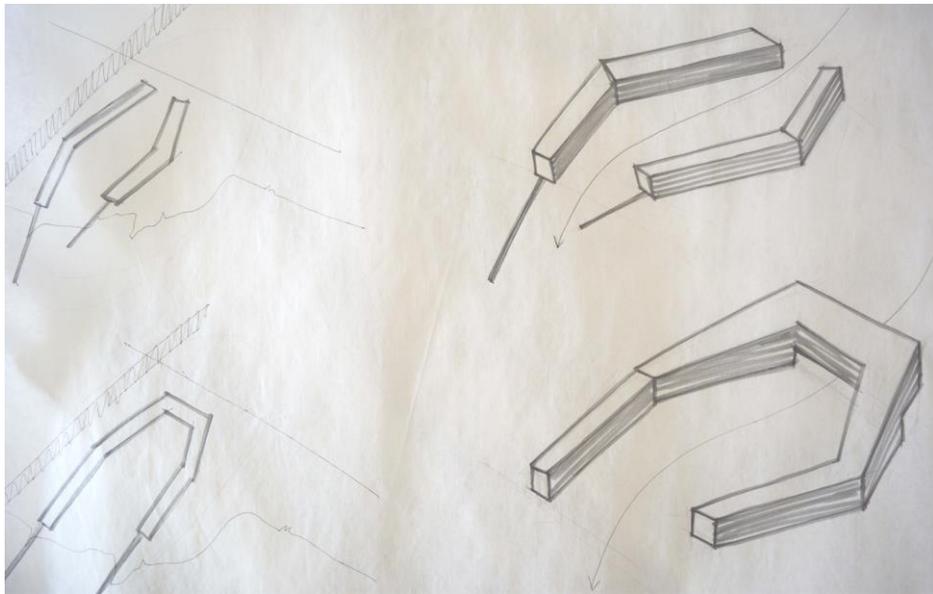
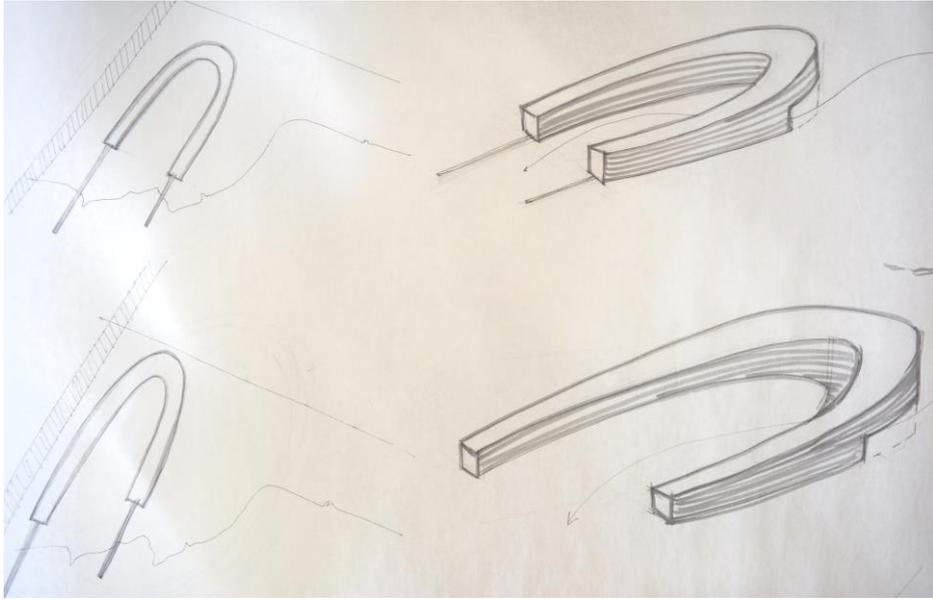


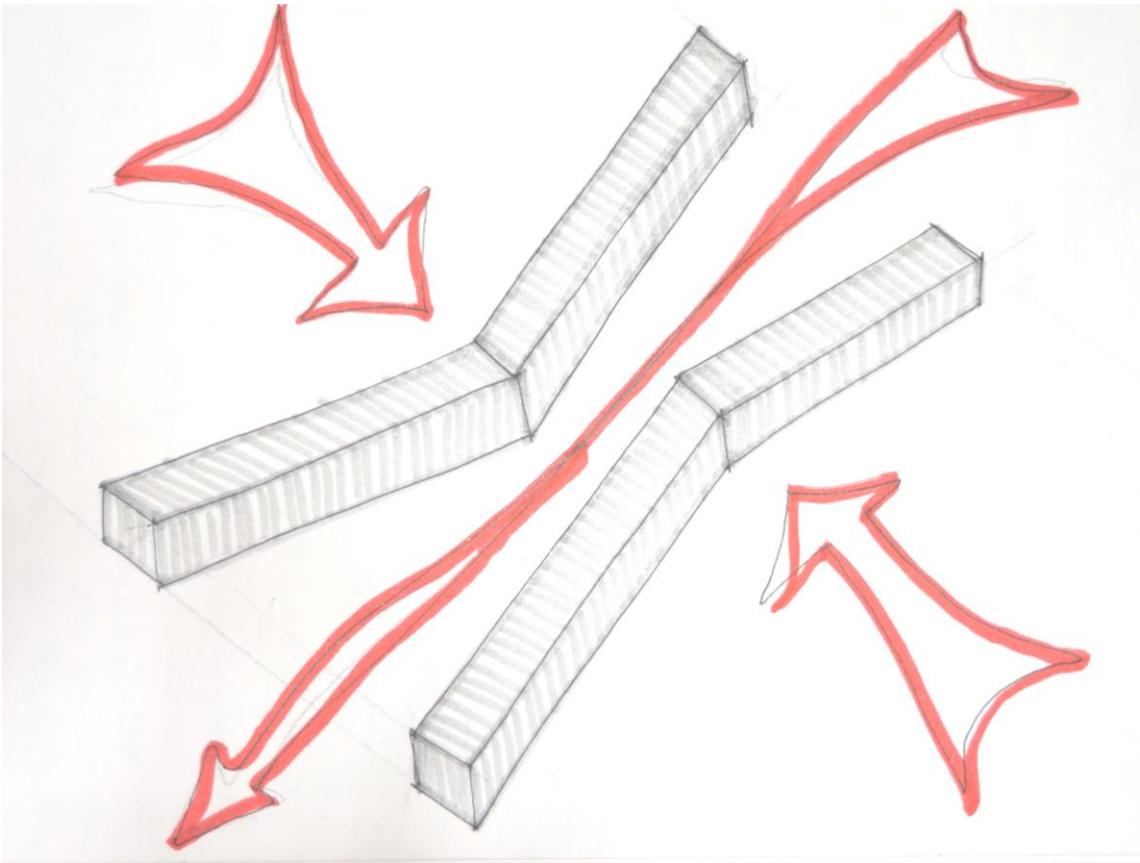
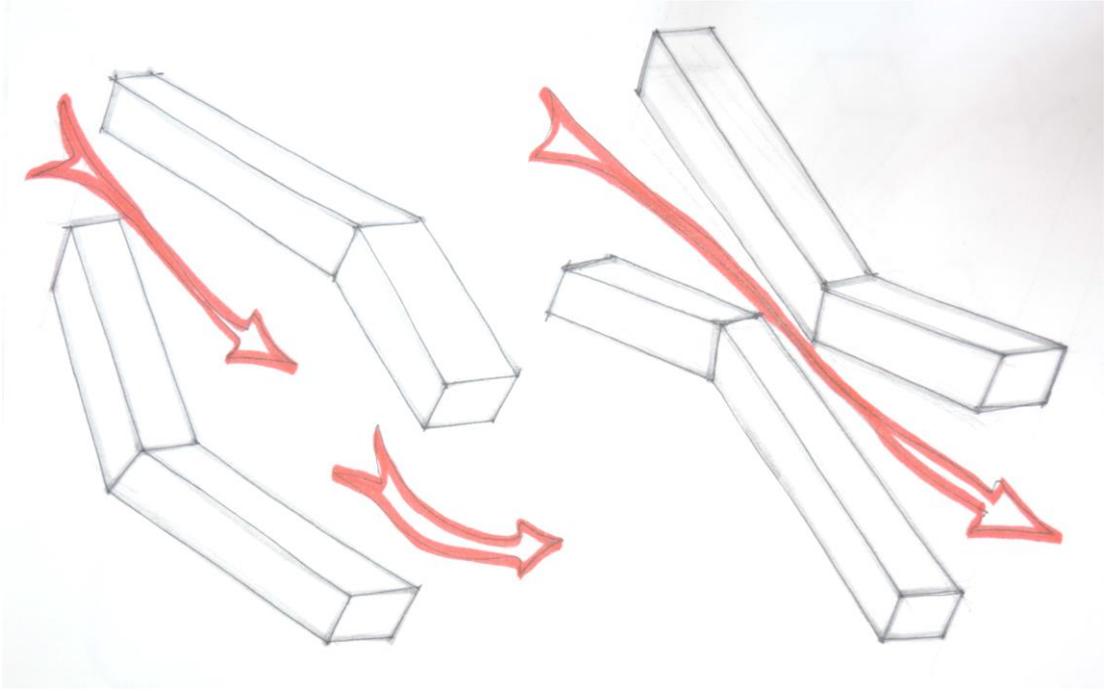
[99] Pequena praia fluvial, junto às casas dos pescadores

XIX.2. ESBOÇOS



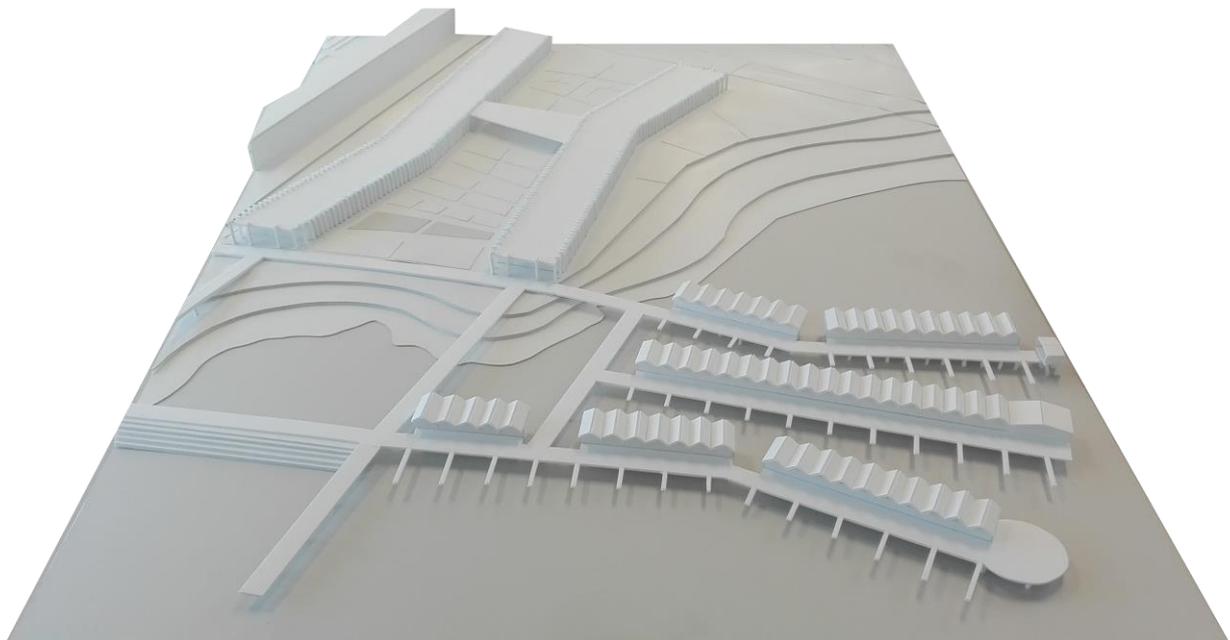
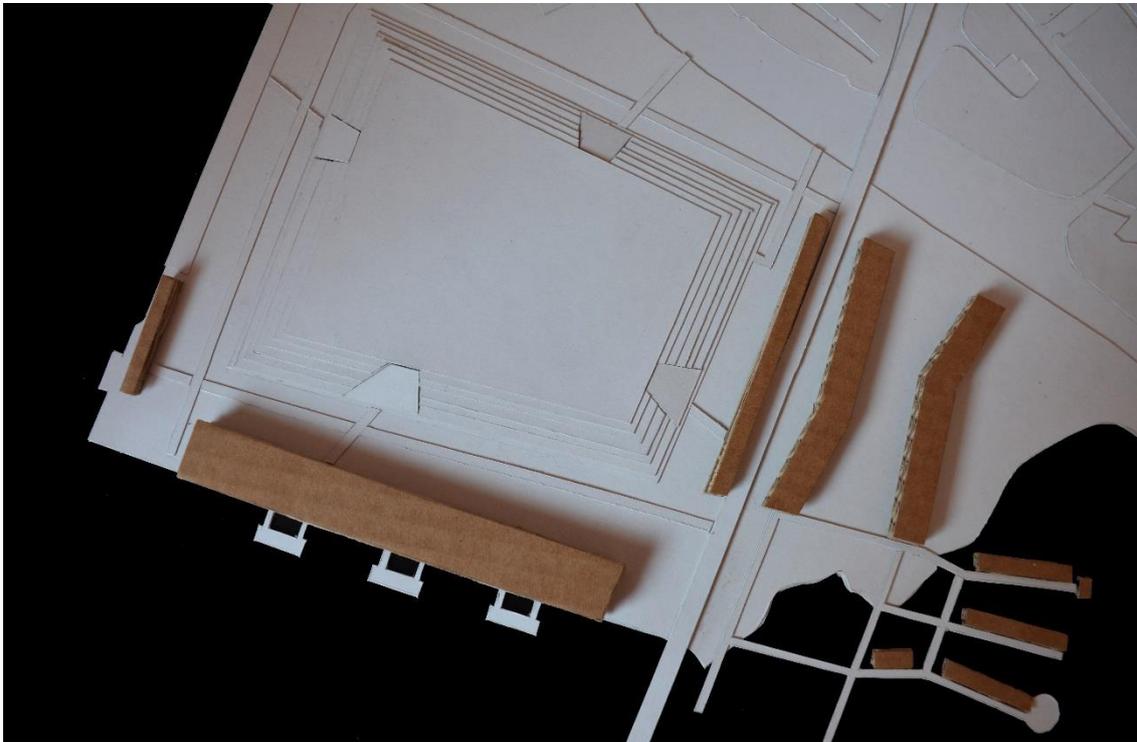


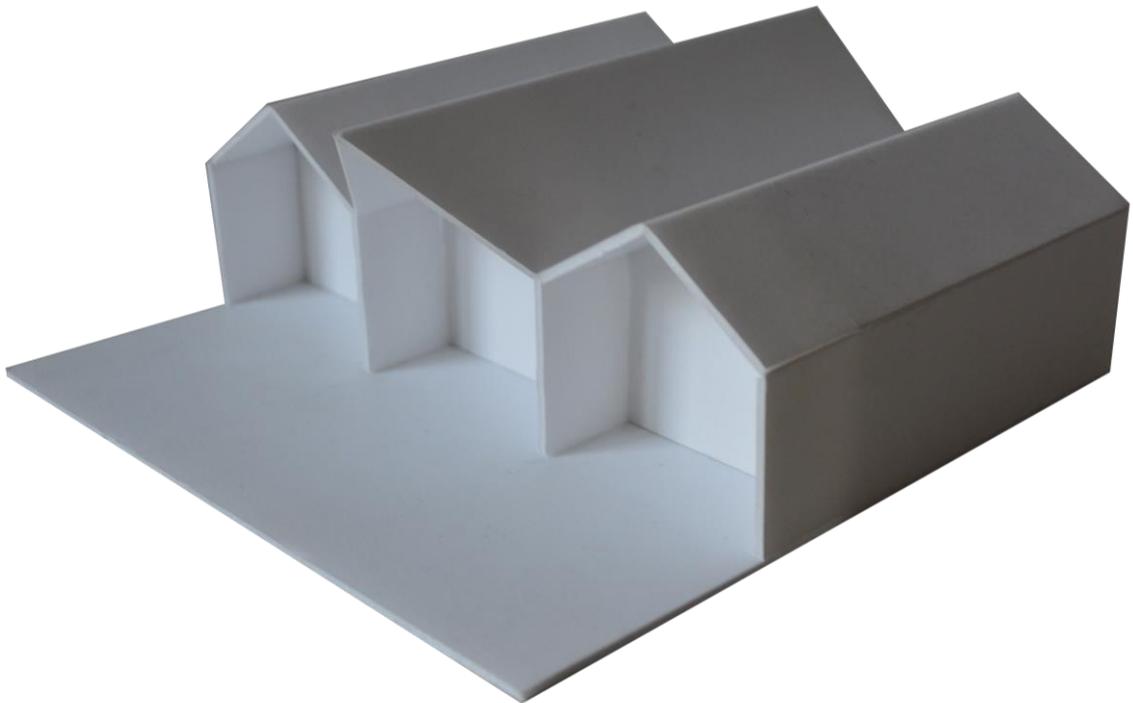
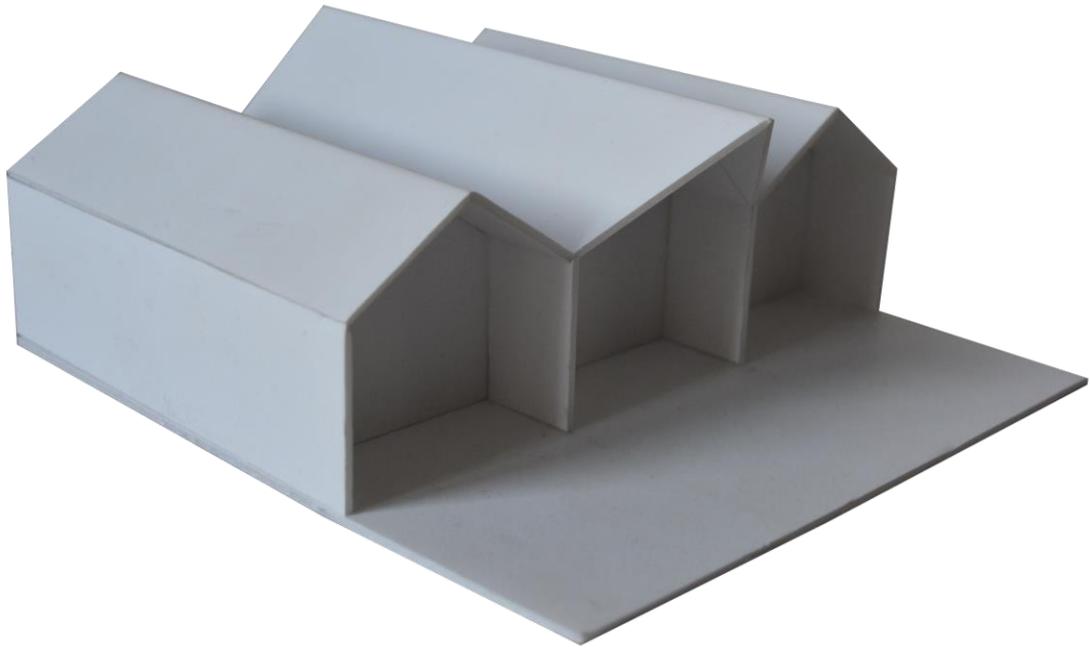




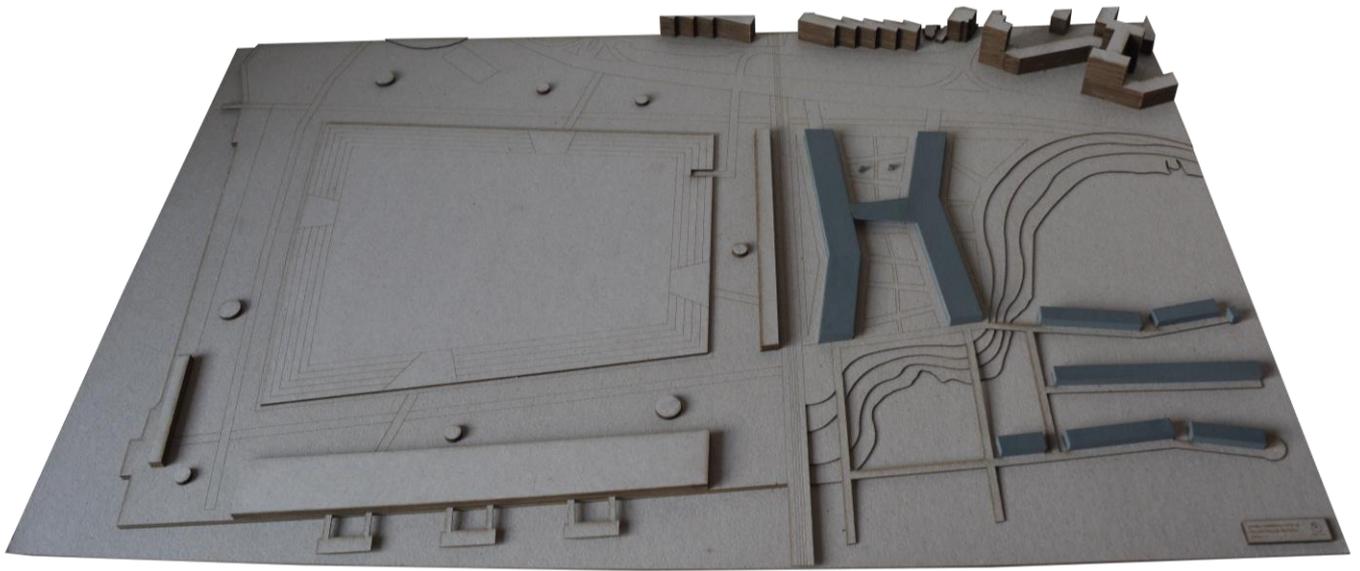
XIX.3. MAQUETES

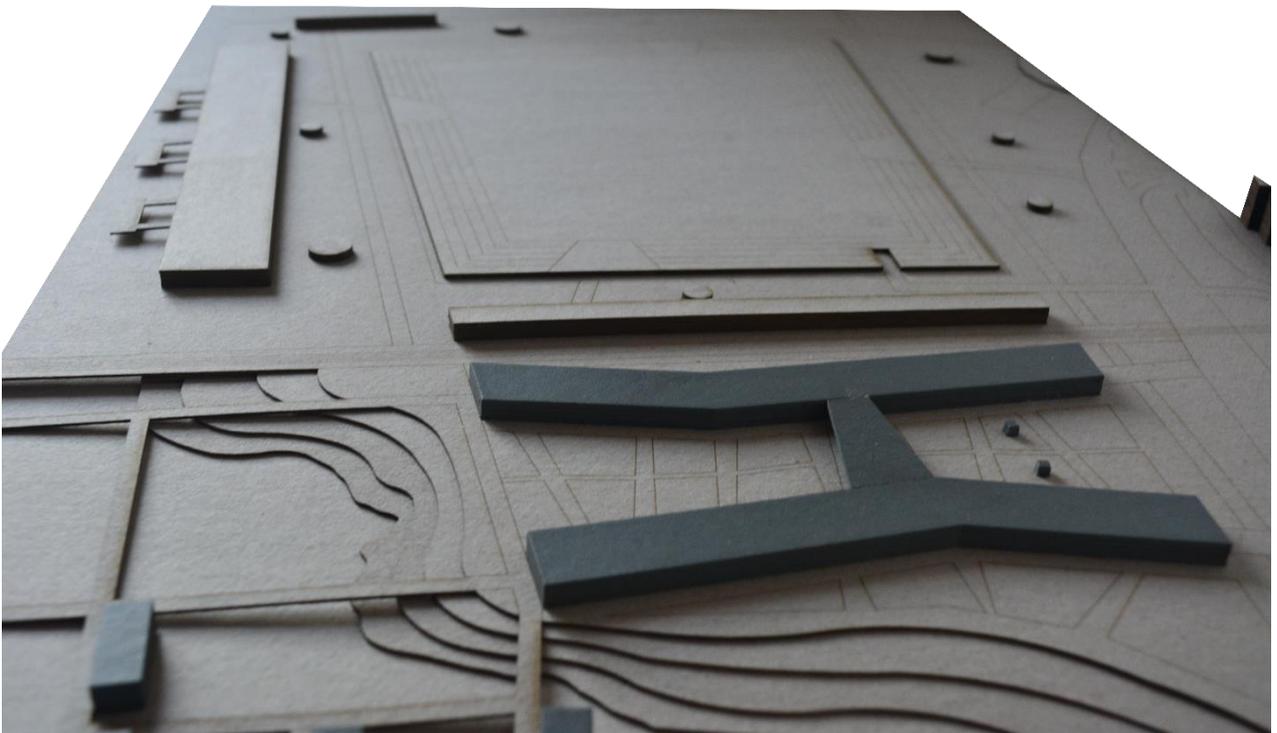
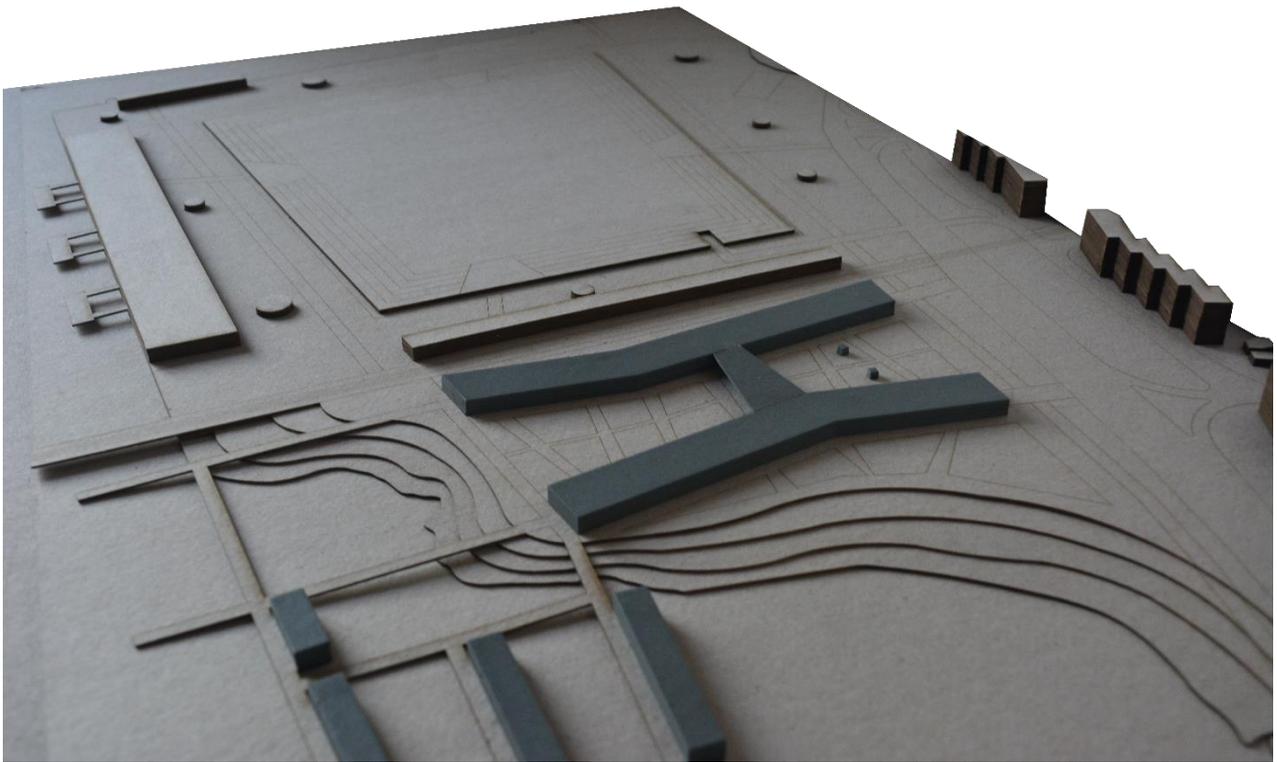
MAQUETES DE ESTUDO

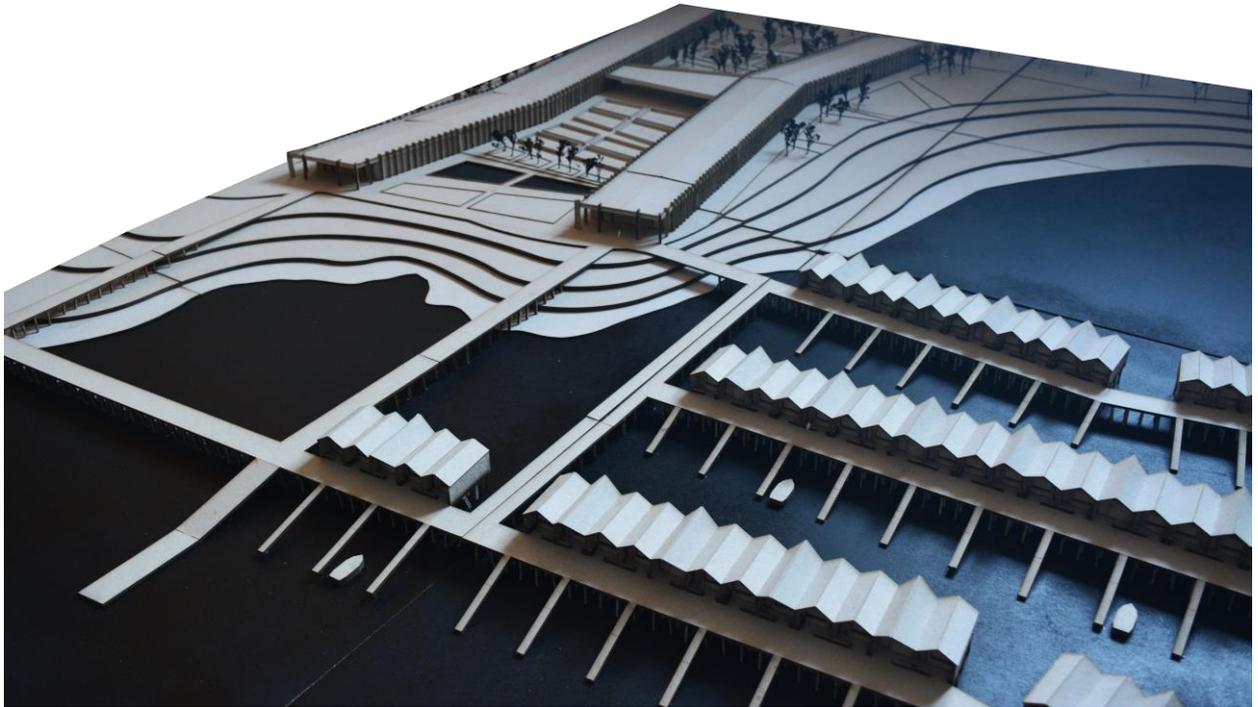
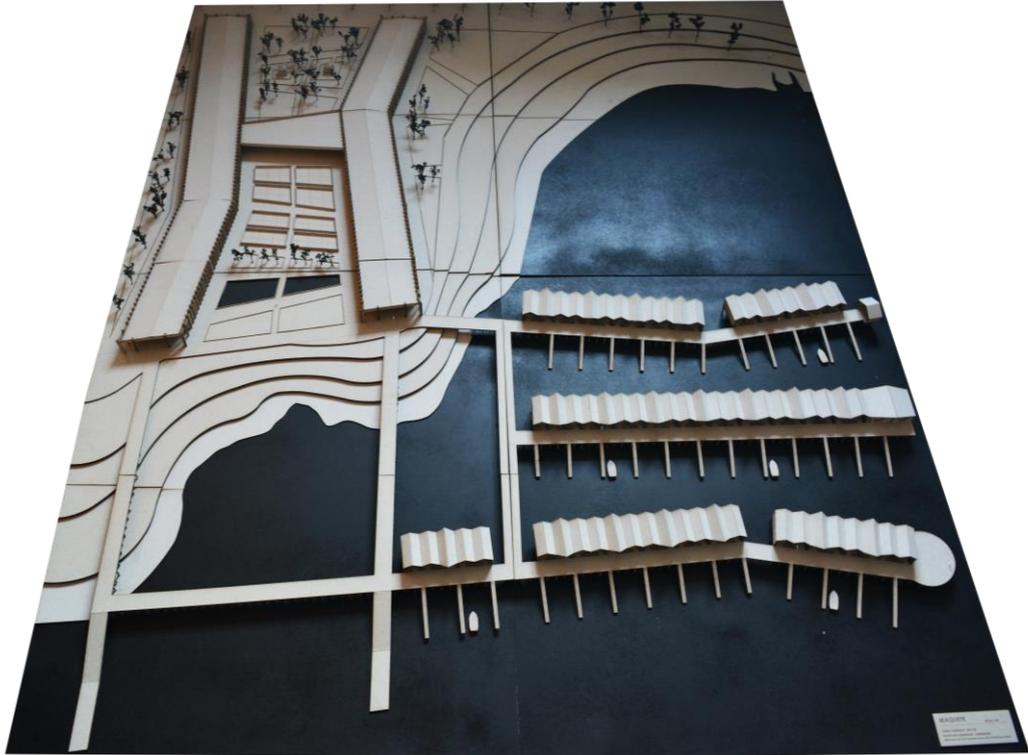




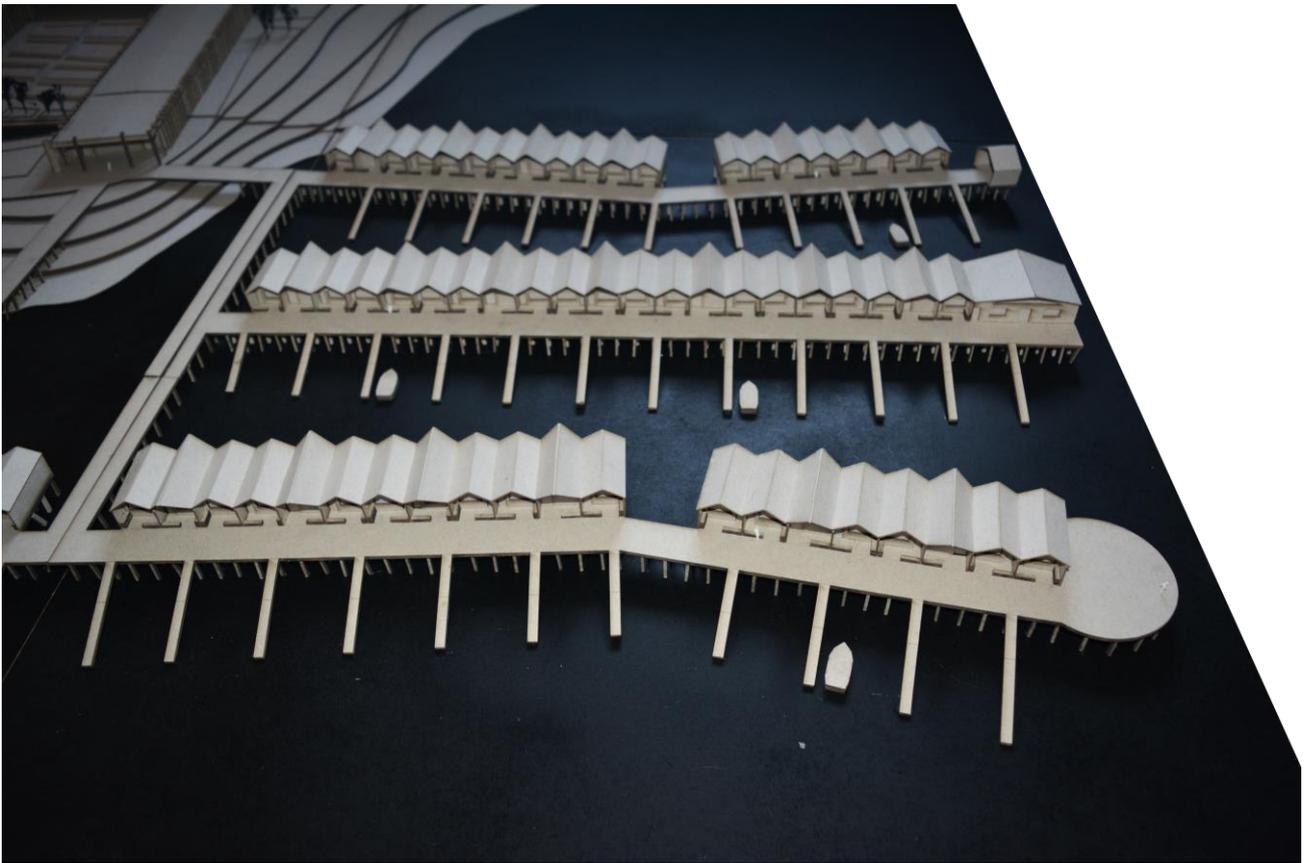
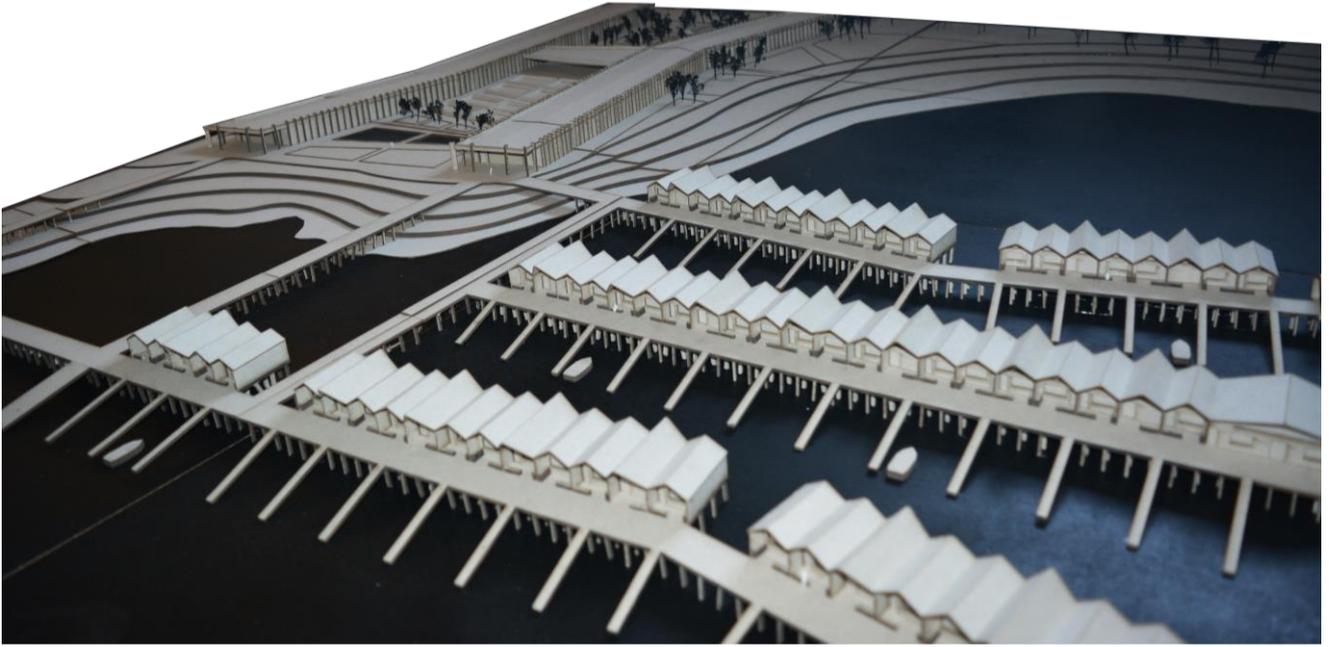
MAQUETES FINAIS

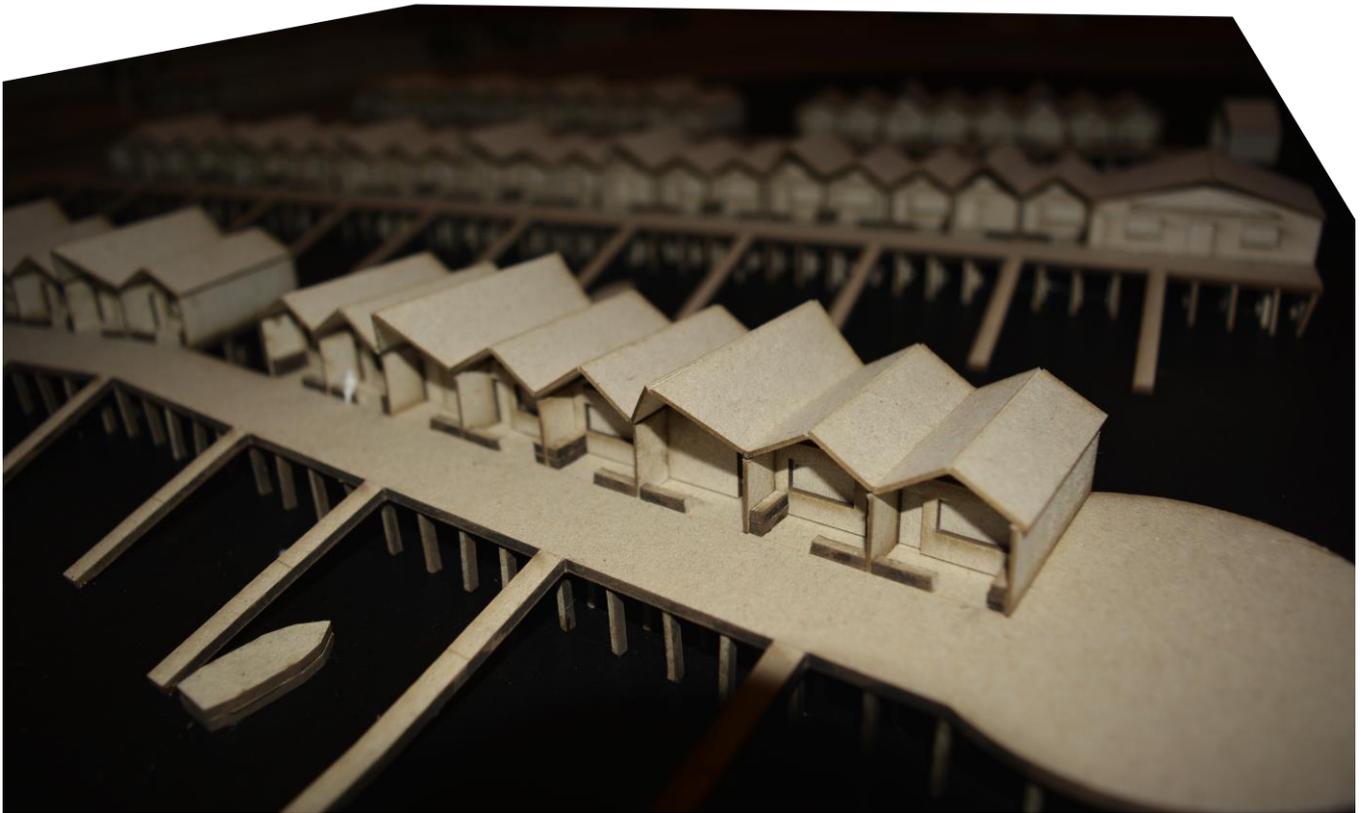












XIX.4. APRESENTAÇÃO GRÁFICA DO PROJETO FINAL (PAINÉIS FINAIS)



ALBURRICA. PATRIMÓNIO AMBIENTAL



ESTAÇÃO FERROVIÁRIA SUL E SUESTE



COMUNIDADE PISCATÓRIA

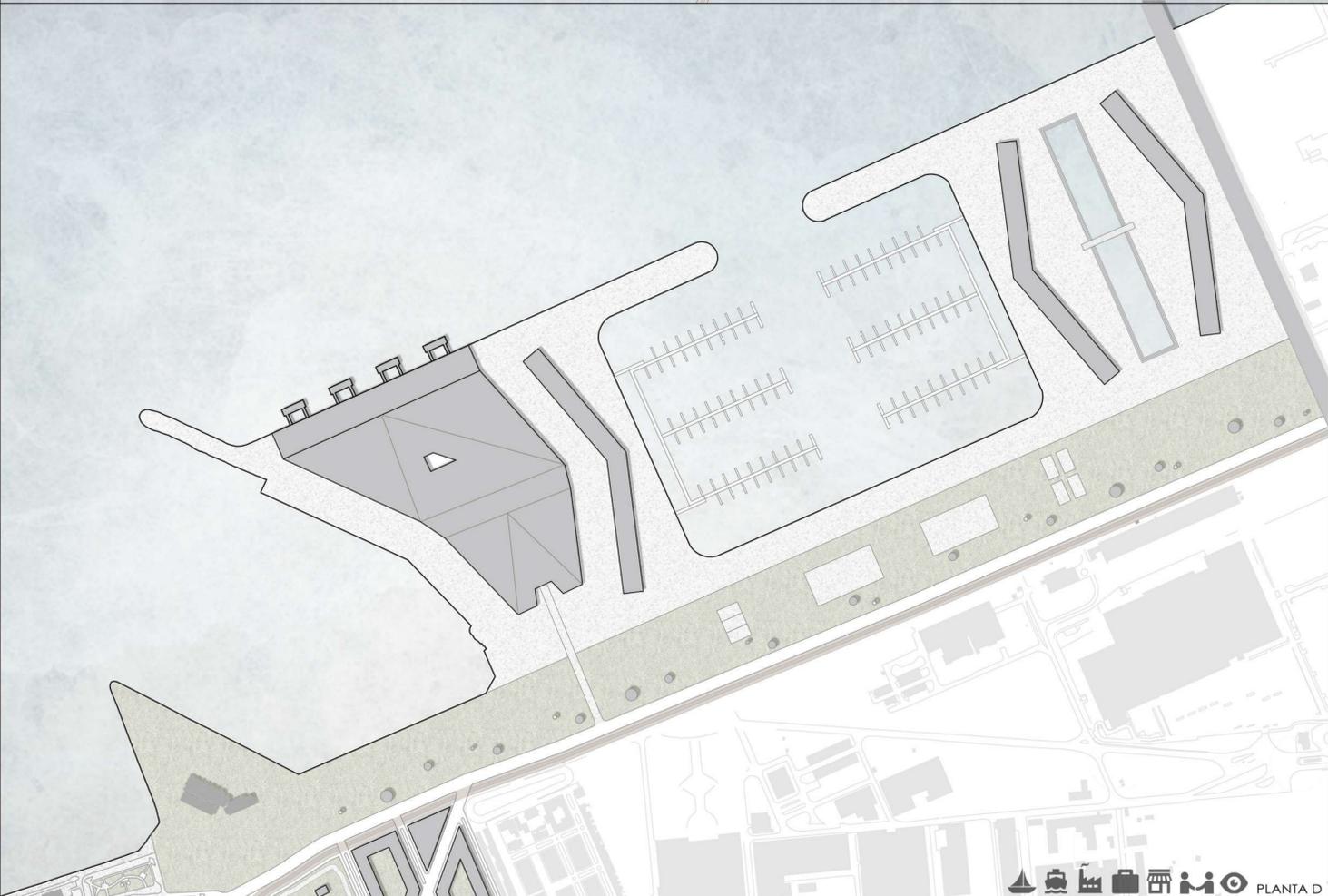


VAZIOS URBANOS



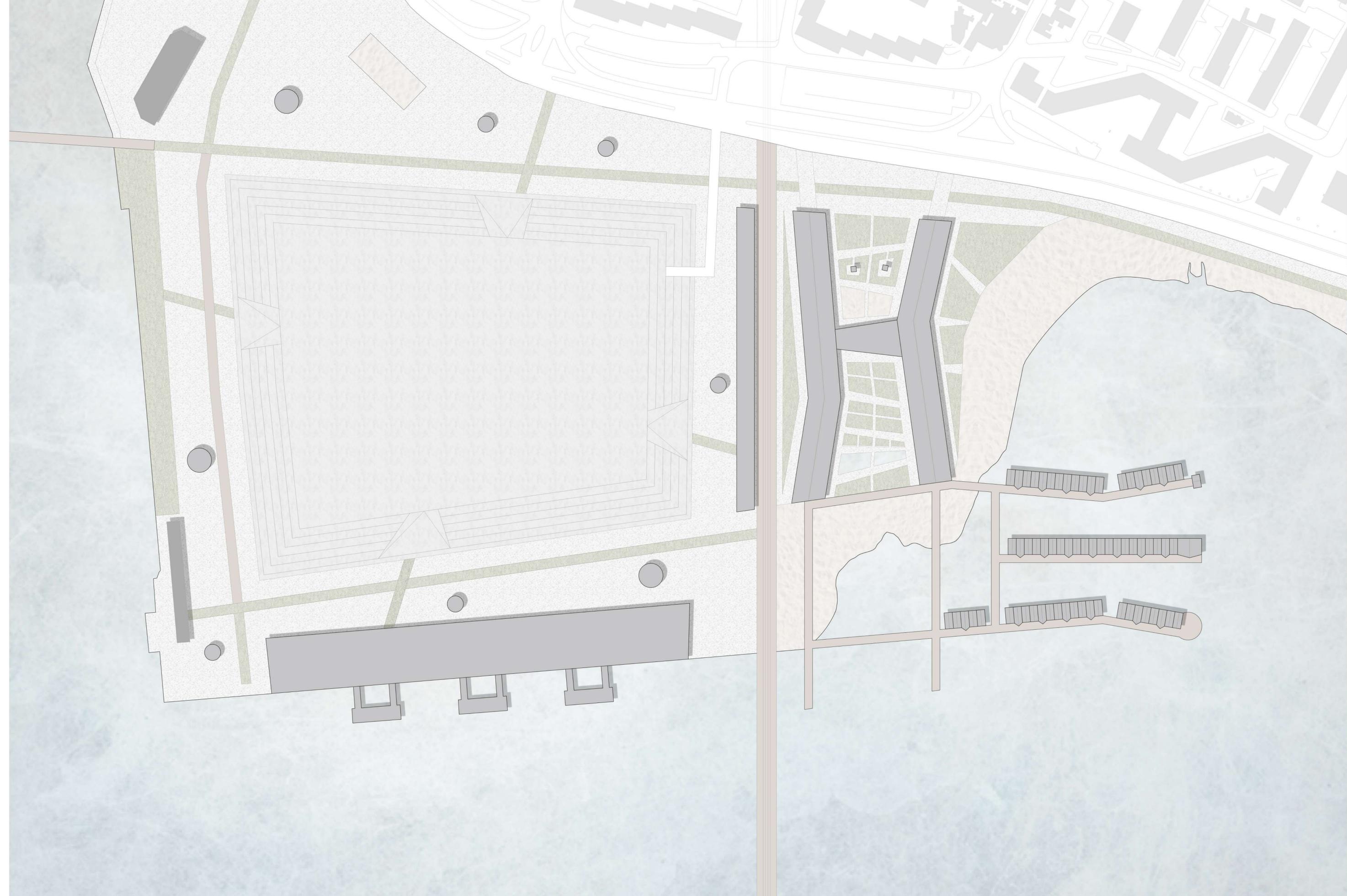
PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

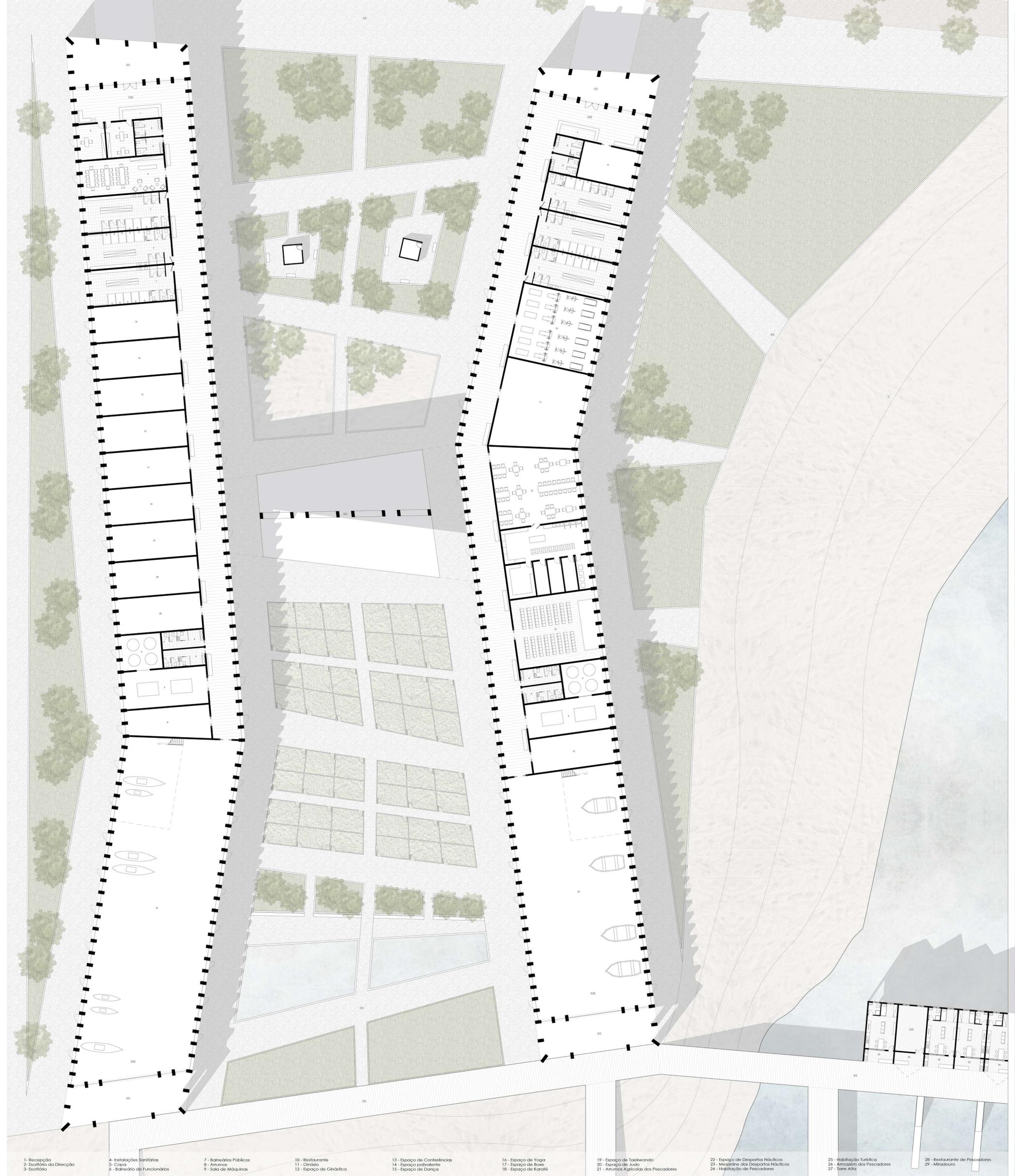




RIO, MEMÓRIA, CIDADE
TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA REVITALIZAÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DO BARREIRO

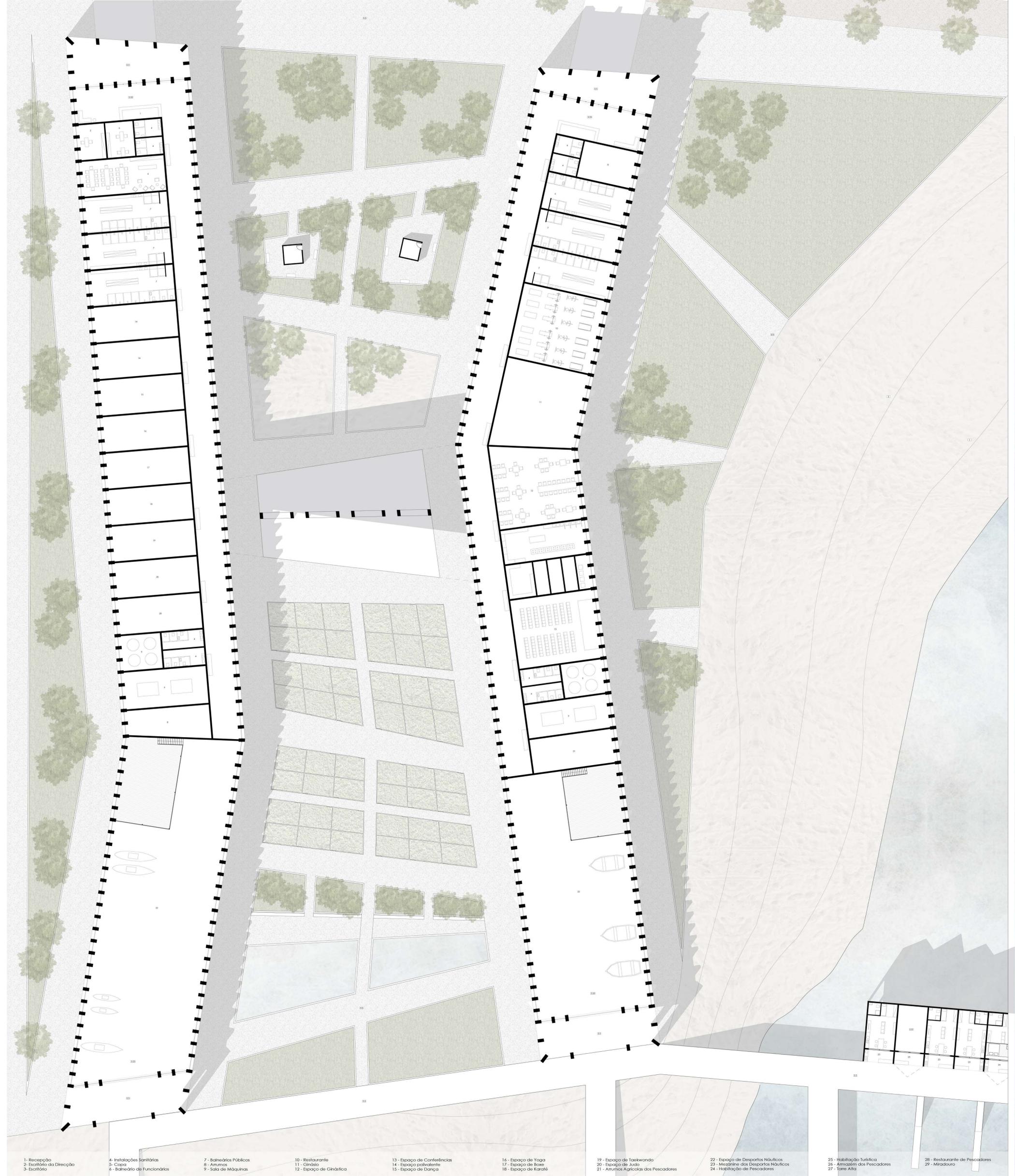
DANIELA FILIPA DOS SANTOS PARREIRINHA | PROJETO FINAL DE Mestrado | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA
ORIENTAÇÃO: PROF.ª DR.ª MARGARIDA LOURO | PROF. DR. FRANCISCO OLIVEIRA





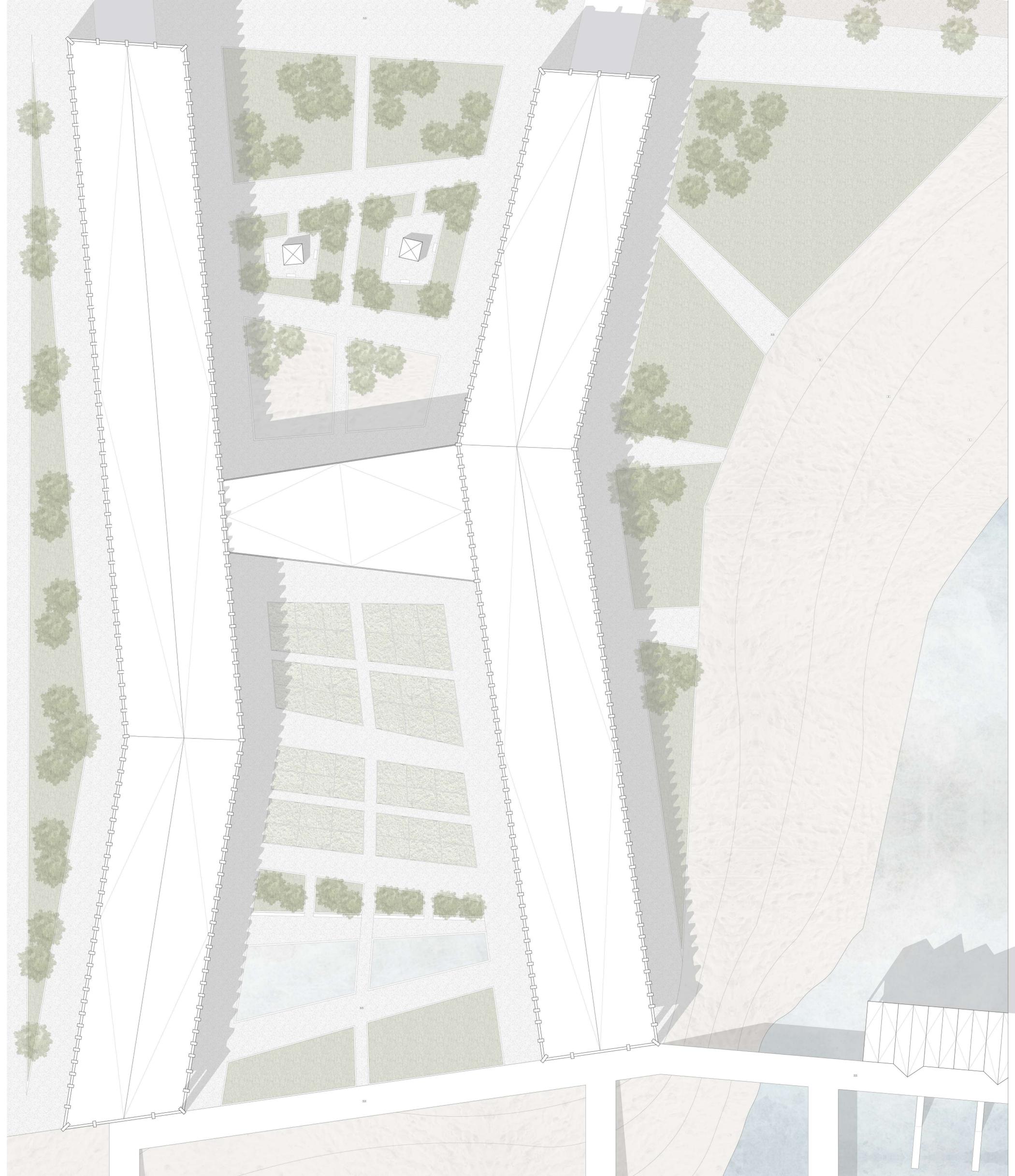
- 1 - Recepção
- 2 - Escritório da Direção
- 3 - Escritório
- 4 - Instalações Sanitárias
- 5 - Cozinha
- 6 - Banheiro de Funcionários
- 7 - Banheiras Públicas
- 8 - Armários
- 9 - Sala de Máquinas
- 10 - Restaurante
- 11 - Ginásio
- 12 - Espaço de Clínica
- 13 - Espaço de Conferências
- 14 - Espaço polivalente
- 15 - Espaço de Dança
- 16 - Espaço de Yoga
- 17 - Espaço de Iyengar
- 18 - Espaço de Karatê
- 19 - Espaço de Taekwondo
- 20 - Espaço de Judo
- 21 - Armários Agrícolas dos Pescadores
- 22 - Espaço de Desportos Náuticos
- 23 - Magazine dos Desportos Náuticos
- 24 - Habitação de Pescadores
- 25 - Habitação Turística
- 26 - Armazém dos Pescadores
- 27 - Torre Alta
- 28 - Restaurante de Pescadores
- 29 - Miradouro

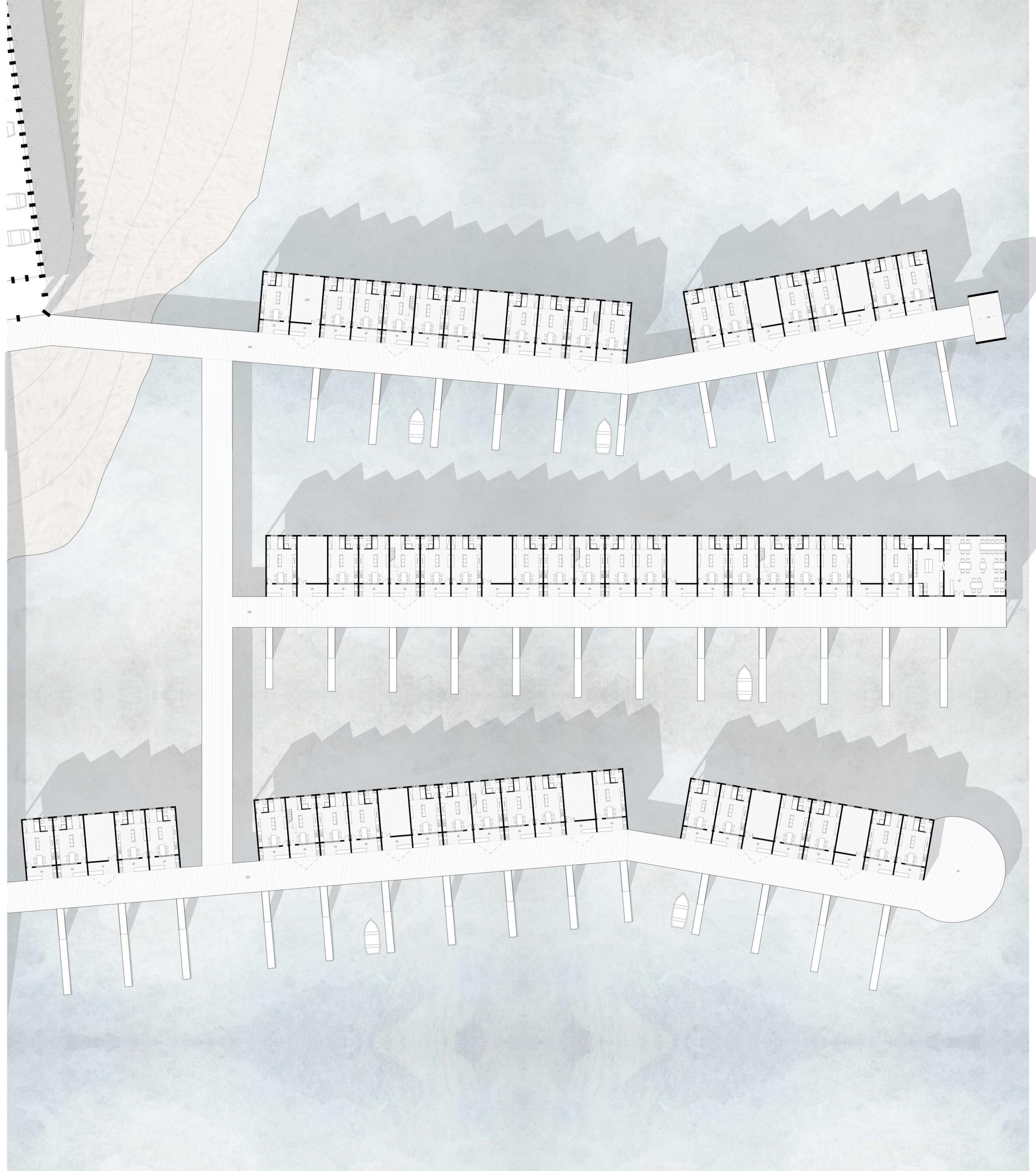




- 1 - Recepção
- 2 - Escritório da Direção
- 3 - Escritório
- 4 - Instalações Sanitárias
- 5 - Cozinha
- 6 - Banheiro de Funcionários
- 7 - Banheiras Públicas
- 8 - Armários
- 9 - Sala de Máquinas
- 10 - Restaurante
- 11 - Ginásio
- 12 - Espaço de Clínica
- 13 - Espaço de Conferências
- 14 - Espaço polivalente
- 15 - Espaço de Dança
- 16 - Espaço de Yoga
- 17 - Espaço de Ioga
- 18 - Espaço de Karatê
- 19 - Espaço de Taekwondo
- 20 - Espaço de Judo
- 21 - Armários Agrícolas dos Pescadores
- 22 - Espaço de Desportos Náuticos
- 23 - Magazine dos Desportos Náuticos
- 24 - Habitação de Pescadores
- 25 - Habitação Turística
- 26 - Armazém dos Pescadores
- 27 - Torre Alta
- 28 - Restaurante de Pescadores
- 29 - Miradouro

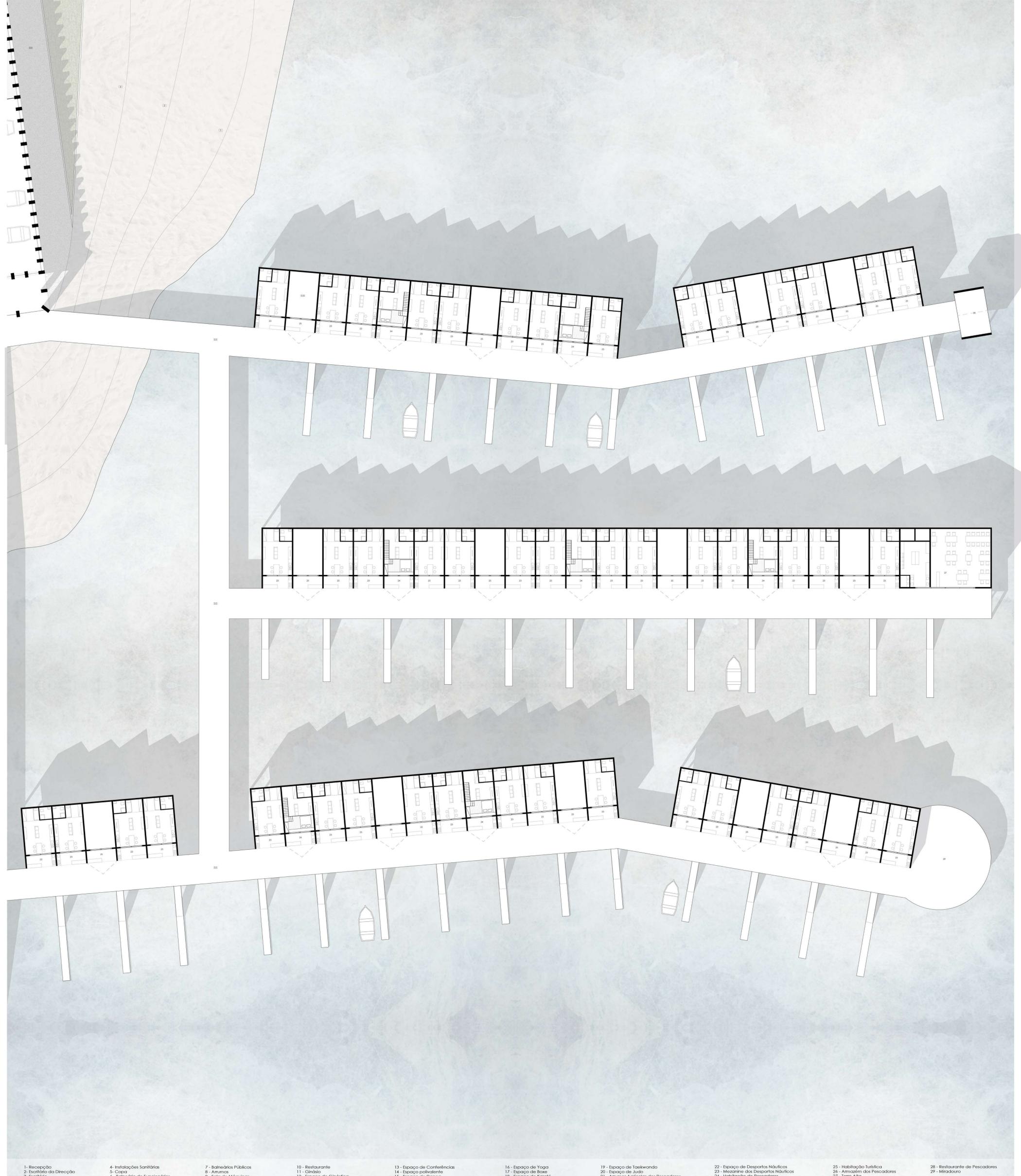






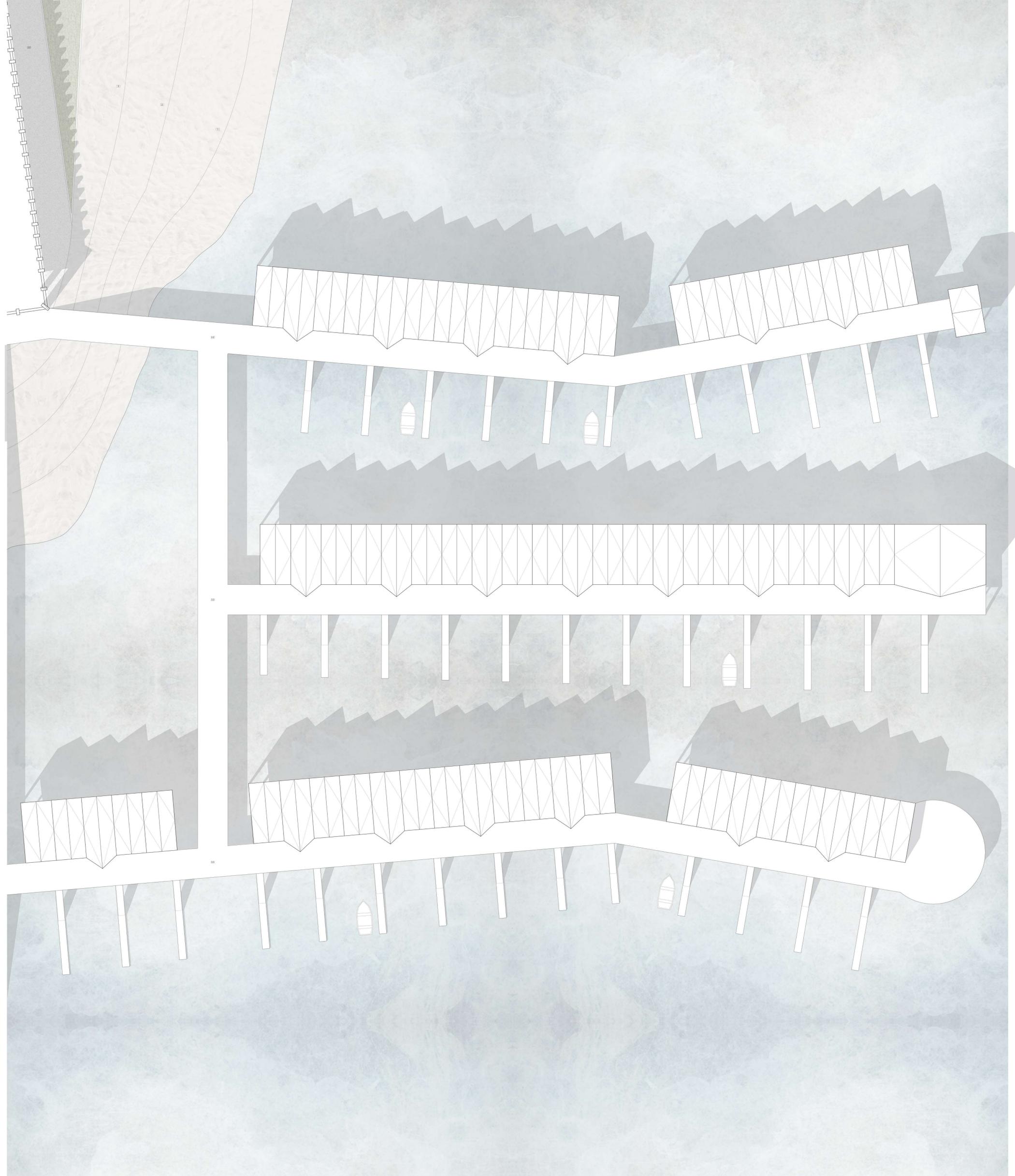
- 1- Recepção
- 2- Escritório da Direção
- 3- Escritório
- 4- Instalações Sanitárias
- 5- Cozinha
- 6- Balneário de Funcionários
- 7 - Banheiras Públicas
- 8 - Armazém
- 9 - Sala de Máquinas
- 10 - Restaurante
- 11 - Canteiro
- 12 - Espaço de Clínica
- 13 - Espaço de Conferências
- 14 - Espaço polivalente
- 15 - Espaço de Dança
- 16 - Espaço de Yoga
- 17 - Espaço de Boxe
- 18 - Espaço de Karaté
- 19 - Espaço de Taekwondo
- 20 - Espaço de Judo
- 21 - Armazém Agrícolas dos Pescadores
- 22 - Espaço de Desportos Náuticos
- 23 - Mazaneta dos Desportos Náuticos
- 24 - Habitação de Pescadores
- 25 - Habitação Turística
- 26 - Armazém dos Pescadores
- 27 - Torre Alta
- 28 - Restaurante de Pescadores
- 29 - Miradouro





- 1- Recepção
- 2- Escritório da Direcção
- 3- Escritório
- 4- Instalações Sanitárias
- 5- Cozinha
- 6- Balneário de Funcionários
- 7 - Banheiras Públicas
- 8 - Armazém
- 9 - Sala de Máquinas
- 10 - Restaurante
- 11 - Círculo
- 12 - Espaço de Clínica
- 13 - Espaço de Conferências
- 14 - Espaço polivalente
- 15 - Espaço de Dança
- 16 - Espaço de Yoga
- 17 - Espaço de Ioga
- 18 - Espaço de Karaté
- 19 - Espaço de Taekwondo
- 20 - Espaço de Judo
- 21 - Armazém Agrícolas dos Pescadores
- 22 - Espaço de Desportos Náuticos
- 23 - Mazaneta dos Desportos Náuticos
- 24 - Habitação de Pescadores
- 25 - Habitação Turística
- 26 - Armazém dos Pescadores
- 27 - Torre Alta
- 28 - Restaurante de Pescadores
- 29 - Miradouro



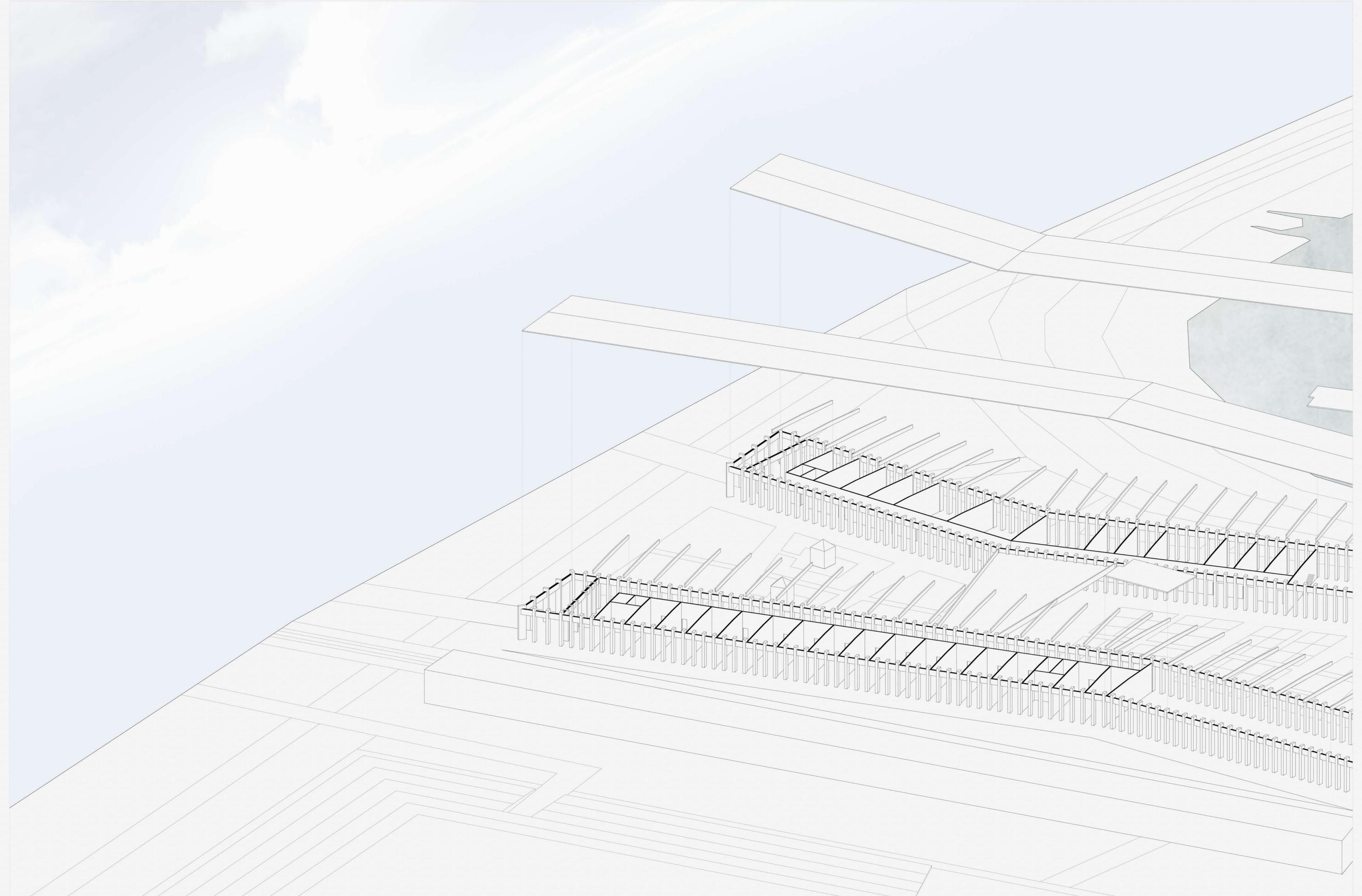


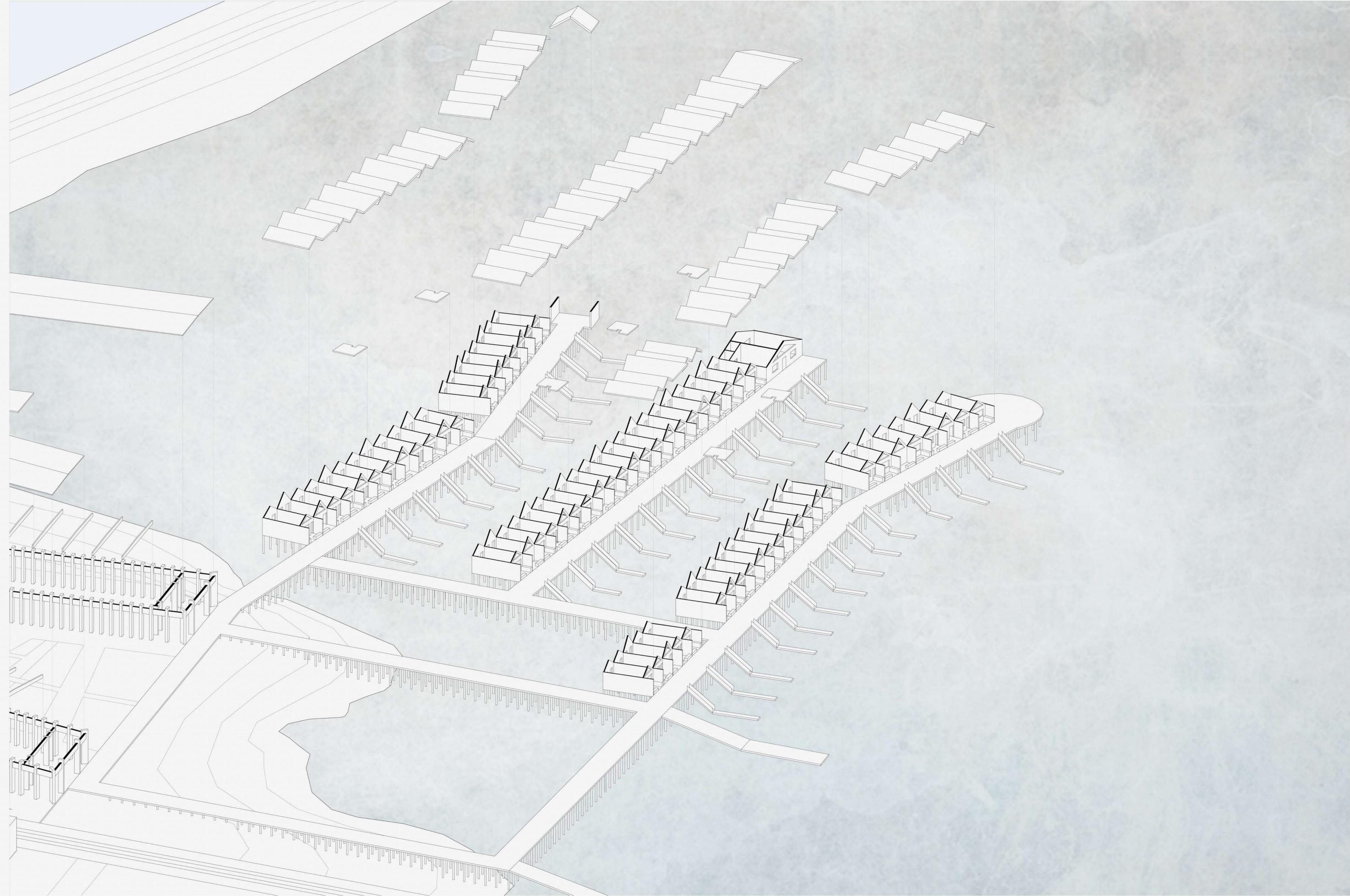




RIO, MEMÓRIA, CIDADE
 TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA REVITALIZAÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DO BARREIRO

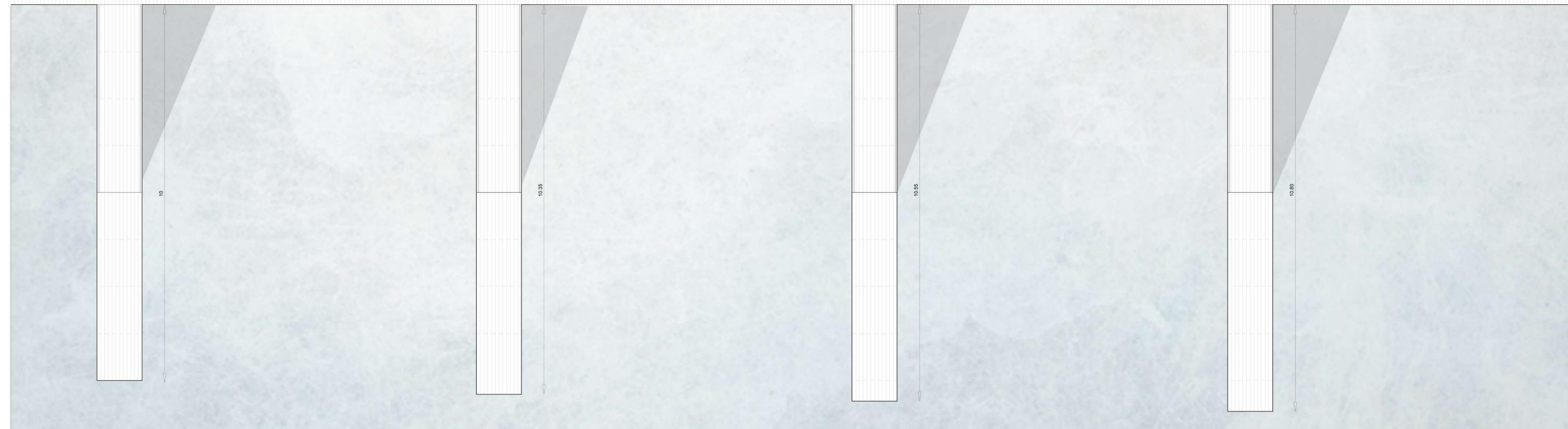
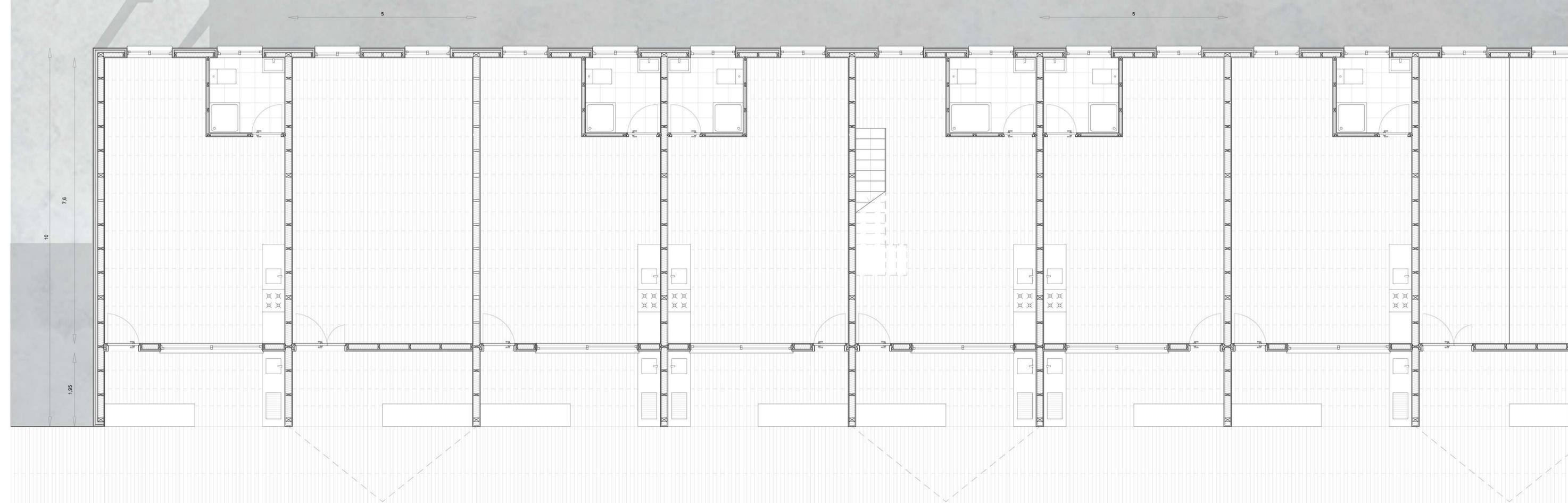
DANIELA FILIPA DOS SANTOS PARREIRINHA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA
 ORIENTAÇÃO: PROF.ª DR.ª MARGARIDA LOURO | PROF. DR. FRANCISCO OLIVEIRA



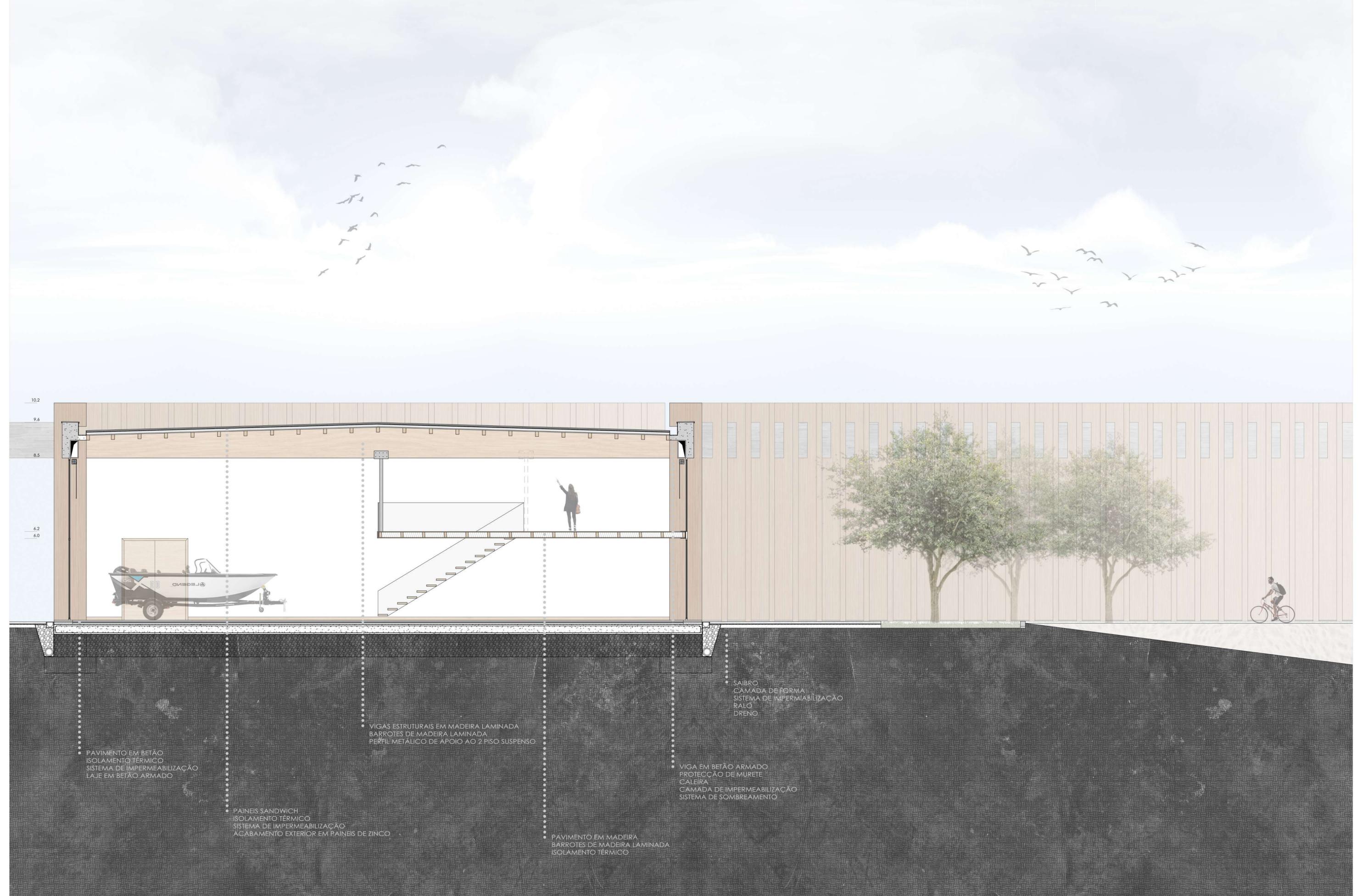


RIO, MEMÓRIA, CIDADE
TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA REVITALIZAÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DO BARREIRO

DANIELA FILIPA DOS SANTOS PARREIRINHA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA
ORIENTAÇÃO: PROF.ª DR.ª MARGARIDA LOURO | PROF. DR. FRANCISCO OLIVEIRA









RIO, MEMÓRIA, CIDADE
 TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA REVITALIZAÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DO BARREIRO

DANIELA FILIPA DOS SANTOS PARREIRINHA | PROJETO FINAL DE MESTRADO | UL - FACULDADE DE ARQUITETURA
 ORIENTAÇÃO: PROF.ª DR.ª MARGARIDA LOURO | PROF. DR. FRANCISCO OLIVEIRA